

SUZANA DA SILVA MAFRA

**QUANDO SE MORRE DUAS VEZES
(LÁZARO POR HILDA, J. QUEIROZ E SARAMAGO)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Literatura, Curso de Pós-graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Camorlinga
Alcaraz

FLORIANÓPOLIS

2005

Dedico este trabalho aos seres que me
acompanharam em meu imaginário,
durante a construção deste.

AGRADECIMENTOS

Inês Mafra,
Severina Belli, Pedro Zimmermann,
Márcia Prim, Roselara Soares,
Sônia Muñoz, Soraia Meneghini.

Em especial, aos professores:

Dr. Rafael Camorlinga Alcaraz
Dra. Salma Ferraz

LÁZARO

*Pairava em tudo uma saudade imensa...
No azul, suspensa,
A lâmpada da lua pelejava...
E era o céu como um dossel
Que se arqueava
Sobre a terra escrava
De Israel!*

*Embalsamava os ares
O aroma dos pomares
Em flor...
Descansava o rebanho,
Descansava o pastor...*

*E havia no ar como que um som estranho,
Som que vinha de longe e soluçava ali...
Eram ecos, talvez, de uma velha cantiga...
Era – quem sabe? – o som de uma harpa triste e antiga,
A harpa do rei Davi!*

*Ecoavam salmos, cânticos, além...
E era a cidade: Jerusalém!*

*Rica de torres, majestosa
À simples vista,
Mas, na verdade, sórdida, leprosa,
Dura, egoísta:
Gema do oriente,
Resplandecente,
Preciosa,
Contendo jaças, porém:
Amando o vício, o jogo, os vinhos;
Lembrando a rosa,
Pelo esplendor, pelos espinhos,
Era assim Jerusalém!*

Lázaro, o ressuscitado,

*Tinha delírios, alucinações...
E nessa noite imaginou-se ao lado
De cortesãs lascivas,
Tendo a graça irrequieta dos pavões!*

*Entre os vários convivas
Do lúbrico festim,
Notavam-se opulentos mercadores,
Sacerdotes hebreus,
Escribas, fariseus,
Graves doutores,
Membros do Sinhedrim...*

*Toda essa gente
Prestava um culto ardente
Àquelas
Cortesãs,
Ébrias de pompas vãs,
Vindas, talvez, da poeira das vielas
E ostentando tesouros,
Esmeraldas, rubis, topázios e outros,
Símbolos caros da vaidade humana
Nos rútilos anéis, nos cordões do pescoço,
Com graça soberana...
E todas elas
Eram belas,
Como a Samaritana
A quem Jesus pedira a água do poço!*

*E Lázaro, feliz, sorvia em cada lábio
O mel de uma ilusão,
Seguindo o exemplo
Do rei pomposo e sábio,
O sábio Salomão,
Que teve a glória de erigir o Templo,
Para acabar os dias
Na febre das orgias,
Trocando Deus, e o céu, que Deus habita,
Por um beijo sensual de Sulamita!*

*E uma dessas esplêndidas mulheres
A Lázaro falou: "Venceu-te Satanás!
A bacanal preferes
À eterna glória, à eterna paz!"*

E ele, sereno e brando,

*Esta resposta audaz,
Solene e fria,
Deu, penetrando
Nos labirintos da filosofia:*

*“A vida é flor maravilhosa,
Incomparável flor...
E a morte é treva horrorosa?
É treva ou resplendor?
Eis o mistério profundo,
Que atordoa o mundo!*

*Acaso a morte será
A nuvem tapando o sol
De outro arrebol?
Tudo termina aqui? Tudo começa lá?
É a morte, enfim, a própria vida,
Repetida,
Perpetuada?
Não creio nas palavras do Messias:
Eu morto estive, as mãos inertes, frias,
E não me lembro de ter visto nada...
Alma não vi de réprobos, malditas,
Almas aflitas
E condenadas a suplício eterno,
À danação do inferno!
Asas de querubins, asas em plena glória,
Não conservo a memória
De ter podido vê-las
Serenas, na amplidão,
Por sobre o turbilhão
De mundos e de estrelas!
Em tais anjos, decerto,
Os meus olhos não pus,
E por isso não sei se fica longe ou perto
O céu – poema de luz,
O céu – pouso final,
Promessa de Jesus,
Anseio universal...”*

Júlio Mário Salusse¹

¹ Poeta brasileiro (1872-1948). O poema acima foi extraído do artigo de Antônio Carlos Secchin sobre a obra poética de Júlio Salusse (SECHIN, 1993, 184-185).

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
1 INTRODUÇÃO	10
(Teopoética, Ressurreição de Lázaro)	
2 O NARRADOR MORTO-VIVO	28
(Lázaro por Hilda Hilst)	
3 JESUS ACORDA O HOMEM QUE FAZIA CORDAS	46
(Lázaro por Júlio de Queiroz)	
4 O HOMEM QUE COPIAVA	65
(Lázaro por José Saramago)	
5 CONCLUSÃO	82
(Quando se morre duas vezes)	
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	98
A) Biobibliografia dos autores	99
B) Entrevista com Júlio de Queiroz	108
C) Eles voltaram da morte: depoimentos	127
D) Lista para um bom copista: 37 preceitos dos escribas	129

RESUMO

O milagre da ressurreição de Lázaro ocorreu há quase 2.000 anos, segundo a *Bíblia*, o livro mais lido no ocidente. História intrigante, serviu de inspiração na literatura e no cinema. O objetivo deste trabalho é analisar o trânsito do Lázaro em três textos ficcionais contemporâneos, quais sejam: novela *Lázaro*, de Hilda Hilst; conto *Fulgor na noite*, de Júlio de Queiroz e *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago.

Palavras-chave: literatura, teopoética.

ABSTRACT

The miracle of Lazaro's resurrection occurred two thousand years ago, according to the Bible, which is the most read book in the West. Intriguing story, it has inspired the literature and the cinema. The aim of this work is to analyze Lazaro's traffic in three contemporary texts, which are: "novela Lázaró", by Hilda Hilst, "conto Fulgor na noite", by Júlio de Queiroz, and "O Evangelho segundo Jesus Cristo", by José Saramago.

Keywords: literature, teo-poetic.

1 INTRODUÇÃO

(Teopoética, Ressurreição de Lázaro)

*Jesus fez ainda, diante de seus discípulos, muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro. Esses, porém, **foram escritos para credes que Jesus é o Cristo**, o filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome*

João

No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas.

Deus disse: “Haja luz”, e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia.

Deus disse: “Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas”, e assim se fez. Deus fez o firmamento, que separou as águas das águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento, e Deus chamou ao firmamento “céu”. Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia.

Deus disse: “Que as águas que estão sob o céu se reunam num só lugar e que apareça o continente”, e assim se fez. Deus chamou ao continente “terra” e à massa das águas “mares”, e Deus viu que isso era bom.

(...)

Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra.

Deus criou o homem à sua imagem,
À imagem de Deus ele o criou,
Homem e mulher ele os criou.

(...)

Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação.

Essa é a história do céu e da terra, quando foram criados.

(Bíblia, Gênesis, 1)

Assim inicia o grande livro, a Bíblia. Como alguém a nos contar, ao pé do fogão, a história de nossa ancestralidade, de geração a geração, de povos a povos, e inicia lá do princípio, quando céu e terra nem sequer existiam. Ao final do trecho transcrito, o narrador, tal qual os melhores contadores de história, costura o desfecho “Essa é a história do céu e da terra, quando foram criados”. Cabe aqui citarmos ALTER e KERMODE: “A linguagem, bem como as mensagens que ela [a Bíblia] transmite, simbolizam para nós o passado, estranho e contudo familiar, que sentimos dever compreender de algum modo se quisermos compreender a nós mesmos” (1997, p. 11)

O termo “Bíblia” vem do grego *ta biblia*, que significa *os livros*. Em sua obra *O código dos códigos* Northon FRYE faz a seguinte afirmação: “a Bíblia parece mais uma pequena biblioteca do que um livro de fato” (2004, p. 11), porém,

deixa claro que “Aqueles que conseguirem ler a Bíblia do começo ao fim descobrirão pelo menos que ela tem um começo e um fim – e resquícios de uma estrutura completa. Ela começa com o começo do tempo, na criação do mundo; e termina com o término do tempo, no Apocalipse” (2004, p. 11).

Para milhões de pessoas, ela foi e ainda é o *livro*. Segundo GABEL e WHEELER: “em muitos lares, ela era o único livro, exibido como um bem precioso – supunha-se que a sua mera presença física tivesse algum poder benéfico.” (p. 17). Miguel SANCHES NETO, em seu recente livro de crônicas *Herdando uma biblioteca*², no qual relata sua infância pobre e desprovida de livros, comenta:

Mais do que um estilo ou uma crença, este exemplar da Bíblia Sagrada, traduzida em português por João Ferreira de Almeida, me ligava de forma definitiva à incerta tradição de leitura iniciada por minha mãe.

O volume simples e estropiado é a biblioteca familiar que herdei (grifo nosso). Sei que não é muita coisa, mas quero continuar a corrente, legando-o para a minha filha. (2004, p. 11)

Livro sagrado para os cristãos, a Bíblia, está entre os maiores *best-sellers* de todos os tempos³ e é uma obra clássica da literatura mundial. Relata a história de Deus no Velho Testamento e de Cristo (Deus encarnado) no Novo Testamento. MILES nos diz que “a Bíblia é inquestionavelmente uma extraordinária obra de literatura, e o Senhor Deus, um personagem dos mais extraordinários” (1997, p. 27). ALTER elogia a excelência da narrativa bíblica e comenta que a mesma foi “realizada por escritores com os mais brilhantes talentos para a criação de personagens, definição de cenas, elaboração de diálogos, equilíbrio entre episódios próximos e distantes...” (1997, p. 17). E, sobre a variedade de gêneros contidos na Bíblia, nos diz:

² A biblioteca herdada por ele que deu origem ao título seria a Bíblia.

³ De acordo com a VEJA (2003b, p. 72): “Desde a invenção da imprensa por Gutemberg, por volta de 1440, a Bíblia mantém-se inabalável no posto de maior *best-seller* da história. E o Brasil tem dado uma contribuição significativa para que essa situação se mantenha. Segundo a Câmara Brasileira do Livro, em 2002 as editoras nacionais imprimiram nada menos do que 8,6 milhões de Bíblias e faturaram 95 milhões de reais com sua venda. Os números fazem do país o campeão mundial nessa área.”

A variedade genérica dessa antologia é de qualquer modo notável, englobando historiografia, narrativas ficcionais e muita mistura de ambos, listas de leis, profecias tanto em verso quanto em prosa, obras aforísticas e de meditação, poemas de culto e devoção, hinos de lamentação e vitória, poemas de amor, tábuas genealógicas, contos etiológicos e muito mais. (ALTER, 1997, p. 24)

Na introdução polêmica de seu livro *Anatomia da Crítica*, Northrop Frye é categórico: “A literatura ocidental tem sido mais influenciada pela Bíblia do que por qualquer outro livro” (1973, p. 21). ALTER nos diz a respeito da Bíblia que “se pode perfeitamente acreditar que tenha podido moldar as mentes e vidas de homens e mulheres inteligentes por mais de dois milênios” (1997, p. 12). Cabe aqui citarmos Harold Bloom:

O texto original do que hoje chamamos de Gênesis, Êxodo e Números é trabalho de um narrador magnífico, certamente um dos maiores contadores de história do mundo ocidental. (...) Pense em figuras como José, Jacó e Jeová. São todos personagens maravilhosos. E os efeitos poéticos dos textos são extraordinários, comparáveis a Píndaro. Os profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel também eram grandes escritores, assim como os autores do Evangelho de Marcos e do Livro de Jó. A Bíblia é uma vasta antologia da literatura de toda uma cultura. (VEJA, 2001, p. 15)

Ora, o cristianismo está na base de toda a cultura e história do ocidente. A religião como forma de vida e concepção do mundo, confunde-se com o Cristianismo, segundo ELIADE (1992, p.132). Portanto, a obra literária produzida no ocidente sempre guardará referências à cultura que lhe deu origem.

A influência do texto bíblico na Literatura vêm sendo estudada pela *Teopoética*, um novo ramo de estudos acadêmicos, proposto por Karl Josef Kuschel. Tratam-se de estudos voltados para o discurso crítico-literário sobre Deus, de uma análise literária efetivada por meio da reflexão teológica, através do diálogo interdisciplinar possível entre Teologia e Literatura.

A observância da presença de elementos teológicos, simbólicos e míticos em textos literários não é recente, esclarece Salma Ferraz:

Santo Agostinho cita o escritor Varro, que fazia distinção entre teologia filosófica (a verdade conhecida pelos filósofos), a teologia civil (a religião oficial estabelecida pelo Estado cujos rituais são realizados nos templos) e a teologia poética (apresentada nas

obras de poetas e dramaturgos ao trabalharem no teatro os velhos mitos sobre deuses). (DIÁRIO CATARINENSE, 2003, p. 14)

Sandra Nitrini, em seu livro *Literatura comparada*, cita Remak, que explica:

Literatura comparada é o estudo da literatura, além das fronteiras de um país particular, e o estudo das relações entre literatura, de um lado, e outras áreas de conhecimento, e da crença tais como as artes (ex.: pintura escultura, arquitetura, música), filosofia, história, ciências sociais, religião etc., de outro. Em suma, é a comparação de uma literatura com uma ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana. (NITRINI, 1997, p. 28)

Cabe aqui citarmos Manzatto:

Querer refletir sobre as relações entre teologia e literatura pode parecer alienação diante de um mundo atravessado por conflitos. Entretanto, se a literatura é uma arte, ela não nos separa necessariamente da realidade do mundo. Por sua natureza, a literatura, como arte, é um fato de civilização, condicionada por seu meio. Ela revela uma mensagem, e revela também a personalidade de seu autor, sua sociedade. (MANZATTO, 1994, p. 6)

Em sentido amplo, literatura⁴ é a arte de criar, por meio da linguagem escrita ou oral, em verso ou em prosa, obras que obedeçam a cânones estéticos. Em sentido restrito, designa o conjunto da produção literária de uma língua ou país. Para POUND, “Grande literatura é linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (1986, p. 32). Do mesmo autor: “literatura é novidade que PERMANECE novidade” (1986, p. 33). TADIÉ nos diz que:

Procuramos sucessivamente na história, na sociedade, no inconsciente coletivo ou individual, nas estruturas lingüísticas, a explicação desse fenômeno misterioso: que possa existir uma literatura, e que ela seja lida; que em vez de transformar o mundo pelos atos e nos feitos, continue a mostrá-lo, a torná-lo sensível pelas palavras. As ciências humanas foram, uma a uma, convocadas para construir uma ciência da literatura. (1992, p. 309)

Tornar o mundo sensível pelas palavras é o que interessa muito à literatura, sendo ela um mosaico de emoções postas no papel ou em outro suporte; A visão de mundo de um autor atento; O inconsciente coletivo canalizado

⁴ As acepções (ou definições) aqui expostas para *literatura*, *teologia*, *religião* e *sagrado*, têm caráter meramente ilustrativo.

em textos; Reflexo das estrelas; E tantas outras definições poéticas caberiam aqui.

Teologia, do grego *theós*, ‘deus’, e *légein*, ‘discursar, dissertar’, seria, a ciência que tem Deus por objeto. A teologia é anterior ao cristianismo, mas em Platão, por exemplo, o termo tem puro sentido etimológico: como abordar o problema da divindade, isto é, como falar dos deuses. Em Aristóteles confunde-se com o que se chamaria depois ‘filosofia primeira’: a parte da filosofia que trata das causas necessárias, eternas e imutáveis. No âmbito do pensamento cristão, *théos*, significaria, mais tarde, o Deus que se revelou no Cristo, e *lógos* a capacidade racional do homem, a quem a revelação é dirigida.

Encontramos na *Barsa* a seguinte definição para o verbete *Religião*: “A palavra vem do latim *religio*, cognato de *religare*, ‘atar’, ‘ligar para trás’, interpretando-se assim a religião como laços que unem o homem à divindade.” (ENCICLOPÉDIA BARSA, 1994, p. 255). Outras definições de religião:

- E. **Kant**: o conhecimento de nossos deveres como preceitos divinos.
 - W. **Hegel**: o conhecimento que o Espírito infinito tem de sua própria essência, como espírito absoluto.
 - A. **Comte**: o culto do homem.
 - L. **Feuerbach**: aspiração à felicidade
 - K. **Marx**: ópio do povo.
 - S. **Freud**: produto bastardo dos complexos nascidos por causa da repressão dos instintos sexuais.
 - R. **Otto**: experiência numinosa.
 - K. **Jung**: forma de tomada de consciência do inconsciente coletivo.
 - P. **Tillich**: dimensão de profundidade.
 - X. **Jubiri**: experiência religada.
 - K. **Rahner**: o que liga o homem inteiro a Deus.
 - T. **Aquino**: orientação do homem para Deus.
- (NIVALDO, 2002, p. 7-8)

GALIMBERTI, em *Rastros do Sagrado*, explica que:

Sagrado é palavra indo-européia que significa “separado”. A sacralidade, portanto, não é uma condição espiritual ou moral, mas uma qualidade inerente ao que tem relação e contato com potências que o homem, não podendo dominar, percebe como superiores a si mesmo, e como tais atribuíveis a uma dimensão, em seguida denominada “divina”, considerada “separada” e “outra” com relação ao mundo humano. **O homem tende a manter-se distante do sagrado, como sempre**

acontece diante do que se teme, e ao mesmo tempo é por ele atraído (grifo nosso), como se pode ser com relação à origem de que um dia nos emancipamos. (2003, p. 11)

A procura pela literatura religiosa cresceu muito nos últimos tempos. Basta lermos a lista dos livros mais vendidos fornecidas pelas grandes livrarias ou conversarmos com profissionais da Biblioteconomia para termos certeza de que a procura pelo tema cresceu⁵. Em *As religiões e o sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade*, escreve QUEIROZ:

Vejo como um dos maiores desafios para os cientistas da religião mapear e interpretar a imensa constelação do sagrado, que explode em todos os cantos da terra, marcando a crise da nacionalidade moderna. Tarô, I ching, astrologia, mineralogia, Igreja da Cientologia, Hare Krishna, jogo de búzios, Santo Daime, ocultismo, culto do corpo, cristais, New age, meditação, igreja eletrônica, novas seitas pentecostais, hinduísmo, novas religiões orientais, teosofismo... Na literatura (romances, livros e revistas especializadas), a religião é um dos temas mais consumidos. (1996, p. 14)

Apesar disso, existe e existiu um preconceito muito grande com o autor literário que escreve ou escreveu literatura religiosa⁶. Sabemos que alguns escritores sofreram represália pela crítica quando envergaram em temas religiosos, como aconteceu ao judeu Döblin, autor do famoso romance *Berlin Alexanderplatz* (1929):

...deixara de contar uma coisa a seus amigos e companheiros: durante a fuga aos nazistas, em uma situação de ruína psíquica e física, deu-se na catedral de Mende um encontro profundo com o Crucificado. Isso ocorrera em 25 de junho de 1940, o próprio Döblin relata os fatos em seu livro autobiográfico *Viagem do Destino (...)* um ano e meio depois, por ocasião do seu 65º aniversário, Döblin vê chegada a ocasião para anunciar publicamente suas novas convicções religiosas...o próprio Döblin sobe ao palco (...) Não há registro literal do que disse; mas seu discurso deve ter causado tamanha perplexidade entre os ouvintes, que alguns deles se dedicaram a comentá-lo por escrito. (KUSCHEL, 1999, p. 20)

O escritor T. S. ELIOT (2000), em seu artigo intitulado *Religião y literatura*, comenta sobre a existência do preconceito em relação aos autores

⁵ Estamos falando de literatura religiosa em sentido amplo, incluindo os livros esotéricos e espíritas.

⁶ Em entrevista à VEJA (2003a, p. 14), Rushdie (autor de *Versos Satânicos*) comenta que: “Nos anos 60, quem usava linguagem religiosa em público, num contexto político, era olhado com estranheza”.

cristãos, quando diz que são considerados menores pelos críticos literários, porém, enfatiza: “Y no último que desearía sería la existencia de dos literaturas, una para consumo cristiano y otra para el mundo pagano” (p. 148). Neste mesmo artigo o escritor compartilha a idéia de que a literatura tem grande poder de influência sobre os leitores e diz que o preconceito em relação à literatura religiosa varia de acordo com a época.

Hoje, o preconceito à literatura religiosa se dá, também, devido a baixa qualidade dos textos de autores que visam apenas o puro comércio, ante a necessidade ávida do leitor “perdido” buscando o “salvar-se”.

Para BARCELLOS (2003) o texto literário está sempre aberto a novas leituras. Ele aponta três tipos possíveis de relação entre o discurso teológico e o literário: partindo de um texto literário (não teológico) e fazendo uma leitura teológica do mesmo; quando o próprio texto literário já é portador de uma reflexão autenticamente teológica; quando, num texto literário, apareçam elementos religiosos como simples aspecto da cultura e da linguagem de um povo.

Em *Um Deus para o ano 2000*, de Juan ARIAS, encontramos esta passagem esclarecedora: “É mais fácil entender algo das complexidades de Deus buscando na literatura que na fria linguagem das leis. Em Deus pulsa o coração do homem, e o pior e melhor do homem, de seus sentimentos, de suas relações, de suas loucuras, de suas magias, de suas sombras e de suas iluminações, encontra-se na literatura” (1998, p. 61).

H. D. MANDRIONI (1993), em seu *artigo Religión, ética y estética*, esclarece que os conteúdos verdadeiros de uma fé religiosa podem ser sensibilizados mediante a música, a poesia, a escultura e a pintura, sem perder a *poiesis* estética. Deste modo, segundo ele, a arte pode patentizar os grandes mistérios de uma fé religiosa no interior de um âmbito irradiante de beleza. Esclarece que “beleza e sacralidade não se opõem, se reclamam mutuamente” (p.

206). Segundo ele, tanto na arte quanto na religião, podemos “perceber a atuação de duas sabedorias, diferentes e convergentes: uma, a sabedoria artística, que logra fazer resplandecer no tempo algo do eterno e perene; outra, a sabedoria sagrada, que permite ao homem, em virtude de uma ‘graça’, o ingresso, desde a temporalidade, no âmbito do eterno” (p. 207). (tradução nossa)

Kuschel observa que ao realizar os estudos procura fazer um exercício criterioso de teologia intercultural, no qual não pretende incorrer em uma falsa estetização da religião, nem em uma sacralização da arte, pois as experiências religiosa e estética possuem valores próprios e iluminam-se reciprocamente. Eis, pois, o que se esconde por trás da palavra “teopoética”, segundo KUSCHEL: “não a procura por outra teologia, não a substituição do Deus de Jesus Cristo pelo dos diferentes poetas, mas a questão da *estilística de um discurso sobre Deus que seja atual e adequado.*” (1999, p. 31)

A pesquisa sobre a intensa relação entre a Literatura e a Teologia está cada vez mais sendo difundida e aplicada aos estudos de Teoria Literária e Literatura Comparada. Estudiosos, tais como Harold Bloom, Eric Auerbach, Northrop Frye têm apresentado interesse pelo assunto, elaborando trabalhos e pesquisa na área da Literatura Comparada, relacionando textos consagrados da literatura mundial com a Bíblia.

Kuschel, em seu livro *Os Escritores e as Escrituras*, faz um retrato teológico-literário de quatro grandes autores que de alguma forma revelaram em seus escritos lampejos da face de Deus: Franz Kafka (a questão da existência de Deus); Rainer Maria Rilke (as metamorfoses da essência religiosa); Herman Hesse (a imagem de Deus e a insondabilidade da alma); e Thomas Mann (a redescoberta do cristianismo, e as relações entre Deus e a ética).

Podemos citar, também, alguns escritores de diversos gêneros e movimentos literários, que se basearam em aspectos da Teologia e em passagens

bíblicas para escrever suas obras: Gil Vicente, Padre Antônio Vieira, Fernando Pessoa, Guerra Junqueiro, Dante Alighieri, Adélia Prado, Goethe, Jorge Luís Borges, Thomas Mann, Kafka, Murilo Mendes, Domingos Pellegrini, Fernando Sabino, bem como, os autores cujas obras aqui serão estudadas: José Saramago, Hilda Hilst e Júlio de Queiroz.

Para BARCELLOS: “No contexto pós-moderno da atualidade, marcado pela crise do racionalismo iluminista, busca-se freqüentemente uma aproximação entre teologia e literatura, tanto por parte dos estudos literários quanto dos estudos teológicos”. (2003, p. 1)

Daí a importância do presente estudo, que consistirá do trânsito do Lázaro bíblico em três textos ficcionais contemporâneos (novela *Lázaro*, conto *Fulgor na noite* e o *Evangelho segundo Jesus Cristo*), escritos por Hilda Hilst, Júlio de Queiroz e José Saramago, respectivamente.

Outros escritores também se inspiraram neste personagem bíblico para compor sua literatura, citamos alguns: Sylvia Plath (poema *Lady Lazarus*), Júlio Salusse (poema *Lázaro* citado no preâmbulo desta dissertação), Pirandello (texto de dramaturgia *Lázaro*), Leon Uris (romance *O milagre de Lázaro*), Papini (conto *O filho do pai*), Humberto de Campos (conto *Lázaro*), José de Alencar (novela *A alma de Lázaro*). No cinema, consideramos imperdível a passagem da ressurreição de Lázaro construída por Franco Zeffirelli no filme *Jesus de Nazaré*.

O escritor catarinense Adolfo Boos Jr.⁷, comentou recentemente em entrevista que “a abordagem de um mesmo tema por vários escritores é algo saudável” (Ô CATARINA, 2003, p. 05) e José Paulo Paes, inicia a “orelha” do *Evangelho segundo Jesus Cristo* com a afirmação muito apropriada: “Para que as histórias permaneçam vivas é preciso recontá-las”.

⁷ Adolfo Boos Jr. é um dos escritores mais premiados de Santa Catarina.

A passagem da ressurreição de Lázaro⁸ contida no Evangelho de João, é comum a todas as Bíblias que trazem o Novo Testamento⁹. A visão tradicional da origem da Bíblia é a de que ela foi escrita por indivíduos que podem ser identificados. Esta visão ajustava-se bem às teorias sobre a inspiração da Bíblia que se desenvolveu no judaísmo e no cristianismo. Segundo ROGERSON (2003, p. 47), foi no protestantismo que propagou-se a visão de ser Deus o autor de cada palavra da Bíblia, ao inspirar os pensamentos e os escritos dos autores bíblicos através do Espírito santo.

Porém, os pesquisadores e críticos bíblicos modernos compartilham a idéia de que a Bíblia foi composta por vários processos de absorção de fontes originalmente distintas e que isto foi feito por várias mãos durante um longo período de tempo. Sobre este assunto, ROGERSON esclarece que “a distinção entre autor, editor e copista era bem menor no mundo antigo que no mundo moderno” (2003, p. 58).

Acreditam os estudiosos que o Evangelho de João não seja obra de um único autor, mas sim do resultado de um longo processo de desenvolvimento em que a distinção entre autor e redator não ficou clara. Portanto, a autoria atribuída a João, seria uma pseudonímia¹⁰. Na visão *tradicional*, o autor foi João apóstolo, filho de Zebedeu, o “discípulo amado de Jesus” (BÍBLIA, João, 13:23).

Considerando a teoria das duas fontes e o fato de que algumas passagens só constam no Evangelho de João, como é o caso da *Ressurreição de Lázaro*, teremos a certeza de estarmos lidando com texto revisado e aprimorado, escrito e reescrito por várias mãos¹¹.

⁸ Lázaro, do hebraico Eleazar, significa “Deus, meu socorro”.

⁹ Para a realização deste estudo, adotaremos a edição atualizada (2002) da *Bíblia de Jerusalém*, considerada em diversos países a melhor edição da *Sagrada Escritura*, quer pelas opções críticas que orientam a tradução, quer pelas introduções, notas, referências marginais e apêndices. Utilizaremos a versão portuguesa.

¹⁰ Pseudonímia é a pretensão de que o autor de uma determinada obra seja uma pessoa conhecida e aceitável, um artifício para colocar um escrito dentro de uma tradição estabelecida.

¹¹ Considerando copistas, tradutores e editores.

Os Evangelhos foram escritos para dar testemunho da vida de Jesus. A mais famosa forma literária dos Evangelhos é, sem dúvida, a parábola, cujo uso foi característico particular dos ensinamentos de Jesus, é Marcos quem diz: “E nada lhes falava a não ser em parábolas” (Bíblia, 4:34). Outras formas tradicionais dos evangelhos, segundo GABEL são “o relato de julgamentos, o relato de curas, a sentença (*logía*), a narrativa de nascimentos (apenas em Mateus e Lucas), a bem-aventurança, o ‘ai de vós’, o comentário legal (‘Ouvistes o que foi dito... eu, porém vos digo...’), alegoria, o envio dos apóstolos, a cena da Transfiguração” (1993, p. 31).

O Evangelho de João é um dos quatro evangelhos bíblicos. Nele, a Paixão de Jesus Cristo é narrada através de sete sinais. A Ressurreição de Lázaro (BÍBLIA, João, 11) seria o sexto sinal que precedeu e culminou no sétimo, o da Crucificação de Jesus Cristo. Texto de imagens fortes, começa assim:

Havia um doente, Lázaro, de Betânia, povoado de Maria e de sua irmã Marta. Maria era aquela que ungira o Senhor com bálsamo e lhe enxugara os pés com os cabelos. Seu irmão Lázaro se achava doente. As duas irmãs mandaram, então, dizer a Jesus: “Senhor, aquele que amas está doente”. A essa notícia, Jesus disse: “Essa doença não é mortal, mas para a glória de Deus, para que, por ela, seja glorificado o filho de Deus”.
Ora, Jesus amava Marta e sua irmã e Lázaro.
(Bíblia, João, 11)

Existe bastante controvérsia e especulação a respeito desta passagem bíblica. Um dos motivos é o fato de um milagre tão importante como este não constar nos outros evangelhos bíblicos, pois o único evangelista que narra este sinal é João, que estruturou seu Evangelho da seguinte forma:

Prólogo

O ministério de Jesus

1. O anúncio da nova economia
2. Segunda festa em Jerusalém (primeira oposição à revelação)
3. A páscoa do pão da vida (nova oposição à revelação)
4. A festa das tendas (a grande revelação messiânica, a grande rejeição)
5. A festa da dedicação (a decisão de matar Jesus)
6. Fim do ministério público e preliminares da última Páscoa

A hora de Jesus: A Páscoa do Cordeio de Deus

1. A última ceia de Jesus com seus discípulos
2. A Paixão
3. O dia da ressurreição

Epílogo

A passagem da ressurreição de Lázaro, por motivos óbvios, situa-se no quinto capítulo do *Ministério de Jesus*, intitulado *A festa da dedicação*, na qual os judeus rodearam Jesus e quase o prenderam. Então, Jesus se retira novamente para o outro lado do Jordão. Em seguida, inicia a passagem da ressurreição de Lázaro, ao final, os chefes judeus decidem a morte de Jesus.

As especulações, se dão, também, por não haver registro bíblico do que sucedeu na vida de Lázaro pós-ressurreição. Ele será citado somente nesta passagem, seis dias antes da Páscoa: “Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele” (BÍBLIA, João, 12:2).

Todo o texto é muito bem construído, intercala diálogos com cenas, não há descrição ociosa em si. A ambientação é realizada com a mais estrita economia de meios. Não temos idéia da aparência de Lázaro, do que veste (a não ser depois de morto, que estava enfaixado e recoberto por um sudário), se é alto ou baixo. O que Lázaro sente também não nos é dito. João, como os demais escritores bíblicos, se deleitava na arte da dissimulação, nas possibilidades de insinuar profundidades por meio da mera sugestão e era afeito aos diálogos.

A ressurreição de Lázaro no Evangelho de João é bem diferente da ressurreição da filha de Jairo, uma vez que a de Lázaro tem função importante na

trama do Evangelho como um todo. Atento a isso, KERMODE (1997, 489-490), dedica quase duas páginas de seu capítulo sobre “João” ao episódio da ressurreição de Lázaro.

Ressuscitar Lázaro foi um ato de risco para Jesus. Se por um lado o povo o aclamava como rei, por outro, as hostilidades das autoridades em relação a ele – temendo sua crescente liderança – aumentaram muito, culminando na decisão de matá-lo.

A historicidade deste incidente é recusada por muitos críticos. Para Robin Lane FOX, o fato deste episódio não constar nos outros Evangelhos, pode ter uma razão. Segundo ele, “há sérias razões para suspeitarmos de alguns deslocamentos: será que a cena com Lázaro foi inserida no ponto onde todos os outros Evangelhos trazem a cena do Templo?” (1993, p. 280). Lane Fox insinua que propositadamente, João (ou quem quer que seja o autor), possa haver incluído esta passagem como o motivo da perseguição de Jesus pelos Judeus e, por isso, inteligentemente, tenha deslocado a cena do Templo (ou purificação) para o início do Evangelho, desvinculando-a do motivo da perseguição a Jesus.

O outro Lázaro famoso da BÍBLIA é o moço pobre da história-parábola “O mau rico e o pobre Lázaro” (Lucas, 16:19). Mas este, nada tem a ver com o da ressurreição e, portanto, não será tema deste estudo.

Encontramos em Lucas passagem importante sobre as irmãs de Lázaro, Marta e Maria. É quando Marta reclama a Jesus que Maria não a está ajudando. Ao que Jesus lhe responde: “Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte que não lhe será tirada” (BÍBLIA, Lucas, 10:38).

Ora, os milagres existem desde a antigüidade, na Bíblia e fora dela. A definição mais aceita e corrente para milagre é a de *feito ou ocorrência extraordinária que não se explica pelas leis da natureza*. Mas, para os crentes na Bíblia, os milagres passam a ter outro sentido, vejam o que nos diz WEISER (1978, p. 21) a esse respeito: “os sinais são acontecimentos estranhos, que o crente entende como sinais da ação salvadora de Deus”.

Os milagres de Jesus¹² são sinais. Um sinal não existe por si mesmo. É através de sinais que João reconhecerá ser Jesus “aquele que há de vir”. De acordo com os relatos dos Evangelhos da BÍBLIA, Jesus ressuscitou três mortos: a filhinha de Jairo (Marcos, 5 ; Mateus, 9 ; Lucas, 8), o jovem de Naim (Lucas, 7) e Lázaro (João, 11).

O Antigo Testamento (BÍBLIA) nos fala de casos de ressurreição de mortos realizados pelos profetas Elias e Eliseu (1Reis, 17 ; 2 Reis, 4). Cada um deles ressuscitou o filho único de uma mãe. Relata-se também o caso de um morto que recuperou a vida quando foi colocado num túmulo aberto de Eliseu (2 Reis, 13).

Além de Jesus, o Novo Testamento (BÍBLIA) atribui um milagre de ressurreição a cada um dos dois apóstolos Pedro e Paulo (Atos dos Apóstolos, 9 e 20). Lembremos que os discípulos recebem a seguinte incumbência: “curai os doentes, ressuscitai os mortos...” (Mateus, 10:8). E ainda, dentro do mesmo tema, na hora em que Jesus morre, os sepulcros se abrem e alguns mortos aparecem na cidade (Mateus, 27:52).

Os apócrifos nos falam de ressurreições operadas já pelo menino Jesus e de um grande número delas atribuído pelos apóstolos. O Evangelho da Infância de Tomé nos mostra um milagre de ressurreição realizado na infância de Jesus:

¹² Os Evangelhos descrevem em detalhes 35 milagres realizados por Jesus.

Dias depois encontrava-se Jesus brincando num terraço. E um dos meninos que estavam com ele caiu do alto e morreu. Os outros, ao verem isso, foram-se embora e somente Jesus ficou. Depois chegaram os pais do morto e puseram a culpa nele. Mas Jesus lhes disse: “Não, não. Eu não o empurrei”. Mas eles o maltrataram. Jesus então deu um salto de cima do terraço, vindo a cair junto ao cadáver. E pôs-se a gritar bem alto: “Zenon, - assim se chamava o menino -, levanta-te e responde-me: fui eu quem te empurrou?” O morto levantou-se num instante e disse: “Não, Senhor. Tu não me jogaste, porém me ressuscitaste.” Ao ver isto, ficaram consternados (todos os presentes) e os pais do menino glorificaram a Deus por aquele maravilhoso feito e adoraram a Jesus. (TRICCA, 1989, p. 133)

Temos, então, o Evangelho de João que nos relata o milagre feito por Jesus e muitas dúvidas e boatos. Quem era Lázaro, com que trabalhava, o que lhe aconteceu depois da ressurreição? Ele foi ressuscitado por Jesus, aconteceu o milagre? Perguntas que povoam o imaginário de muitos, assim como dos autores escolhidos para o presente trabalho.

A escritora brasileira Hilda Hilst publica a novela *Lázaro* em 1970, pela Editora Perspectiva, num livro chamado *Fluxo-Floema*, que seria seu primeiro livro em prosa, contendo cinco textos (denominados de novela pela própria autora). No conto *Fulgor na noite*, inserido em *Encontros de Abismos*, o escritor brasileiro (radicado em Santa Catarina) Júlio de Queiroz reinterpreta a ressurreição de Lázaro. O escritor português José Saramago publica o *Evangelho Segundo Jesus Cristo* em 1991, onde dá uma nova e surpreendente versão do episódio vivenciado por Lázaro.

O trânsito do Lázaro bíblico será realizado através de análise interpretativa dos textos ficcionais, que serão analisados individualmente. O que não nos impede de compararmos um ao outro, quando necessário for, principalmente tratando-se do texto bíblico em relação aos outros três, que são releituras do primeiro, e vice-versa.

Neste capítulo introdutório procuramos situar a importância do presente trabalho para os tempos atuais, dentro da concepção de abordagem da obra literária, proposta pela **Teopoética**. Para tal, foi mister apresentarmos, mesmo que de forma panorâmica, os principais teóricos desta linha de pesquisa. O esboço

histórico e literário da Bíblia serviu para introduzir-nos à Teopoética, mas também, para familiarizar-nos ao tema desta dissertação, qual seja, **o trânsito do Lázaro bíblico em três autores contemporâneos**. Por isso, a ênfase ao Evangelho de João, em especial, à passagem que trata da ressurreição de Lázaro, personagem central deste estudo. Ao final, apresentamos um esboço sobre os milagres bíblicos, especificamente os de ressurreição.

O próximo capítulo constará de análise interpretativa da novela *Lázaro* de Hilda Hilst. Entendemos que a autora criou um ser grotesco para realizar o milagre em Lázaro. Trata-se de uma novela cujo narrador é o próprio Lázaro em situação fantástica, vendo a si e a todos depois de morto. Outro destaque: o trabalho inovador da linguagem textual quando do primeiro livro em prosa da autora.

O conto de Júlio de Queiroz *Fulgor na noite*, será estudado no terceiro capítulo. Além de Marta, Maria e Lázaro, o escritor nos brinda com outras personagens e passagens do texto bíblico. O Lázaro de Queiroz é o cordoeiro (homem que faz cordas), narrador dos fatos e do conto. Um Lázaro sensível, abismal e sarcástico. Somente no fim do conto, nas últimas linhas, compreenderá o sentido e proporção de sua ressurreição para a humanidade.

No quarto capítulo, através de análise interpretativa, verificaremos como Saramago subverte a ordem estabelecida no texto bíblico, ao não realizar o milagre da ressurreição de Lázaro. E subverte, também, ao tirar a sabedoria de Cristo e colocá-la na boca da mulher que este tem por companheira, Maria de Magdala. Destaque para a profissão de Lázaro: copista de livros.

O quinto capítulo será a conclusão da dissertação propriamente dita. Nele constará o cruzamento das informações através de um quadro demonstrativo, apresentando pontos em comuns, diferenças e principais características dos textos estudados. Este quadro servirá de apoio para uma

análise interpretativa dos resultados que serão apresentados à guisa de conclusão.

As Biobibliografias dos autores apresentadas em anexo, constarão de resenhas biográficas e listas das principais obras por eles publicadas. A entrevista inédita com o escritor Júlio de Queiroz foi realizada especialmente para compor este trabalho. Os depoimentos de pessoas que voltaram da morte, em anexo, foram extraídos da Revista Superinteressante do mês de agosto do corrente ano. Anexamos, ainda, a “Lista para um bom copista: 37 preceitos dos escribas”, por estar relacionada ao personagem *Lázaro* de Saramago.

2 O NARRADOR MORTO-VIVO

(Lázaro por Hilda Hilst)

*E depois ela enfaixou-me, os gestos amplos,
pausados, indubitáveis, indubitáveis sim,
o gesto de quem está fiando.
Fiando numa roca sem tempo.*

Hilda Hilst

Lázaro é a terceira novela de cinco constantes no livro Fluxo-Floema. Inicia na página 85, com dedicatória ao amigo e escritor Caio Fernando Abreu e discorre até a página 109, totalizando 25 páginas de virtuosismo.

Utilizaremos a primeira edição da Editora Perspectiva, publicada em 1970. É uma edição cuidadosa do ponto de vista editorial, com falsa folha de rosto precedendo a verdadeira folha de rosto, onde constam os dados principais da obra, como autoria, título, editora, local, e data no verso. Na próxima folha, epígrafes de Samuel Beckett, um dos autores preferidos de Hilda.

Segue o sumário, e, na folha posterior, uma foto da escritora, pigmentada, a impressão que se tem é que a autora está por trás de uma tela, ou, dentro de um mundo binário de mil possibilidades, apenas o rosto, ou, apenas a cabeça, quase totalmente de frente, quase um sorriso, é Hilda! No verso desta página inicia o texto crítico de Anatol Rosenfeld, que começa assim: "É raro encontrar no Brasil e no mundo escritores, ainda mais neste tempo de especializações, que experimentam cultivar os três gêneros fundamentais de literatura - a poesia lírica, a dramaturgia e a prosa narrativa - alcançando resultados notáveis nos três campos. A este grupo pequeno pertence Hilda Hilst..." (HILST, 1970, p. 10).

Hilda Hilst retoma a história bíblica na voz narrativa do próprio Lázaro. O ponto de partida é o da sua morte. A novela é construída em quatro parágrafos e cobre alguns períodos da vida daquele a *quem Jesus amava*. Jesus é personagem ausente na maior parte do tempo, destaque para a linguagem inovadora da autora, estampando nas páginas a perplexidade do morto-vivo, sofredor, perdido, carregando sua fé viva num mundo morto para o espírito.

Jesus Cristo viveu em época remota e fez milagres, é o que nos contam os textos da Bíblia, o livro mais lido no mundo ocidental. Um dos milagres que Jesus teria feito (BÍBLIA, João, 11:1-44), foi ressuscitar o amigo Lázaro. Porém, não foi nesta época que surgiram as primeiras narrativas ou a necessidade do homem de se comunicar, contar seus feitos, transmitir o conhecimento. Em época muito anterior ao nascimento (aceito) de Jesus Cristo e muito antes do homem dominar a escrita ele já era narrador.

Difícil seria precisar o primeiro narrador, mas pesquisadores confirmam que as primeiras narrativas orais surgiram muito antes do advento da escrita (4.000 a. C) e acredita-se que foi uma forma de transmissão de conhecimento entre gerações.

Na comunicação literária (ficcional), as estâncias de emissor e receptor estão separadas, assim como na comunicação escrita. Porém, o que caracteriza especificamente a comunicação literária e a distingue da comunicação lingüística, segundo AGUIAR E SILVA (1997, p. 198) é “o fato de ela se realizar *in absentia* de um determinado contexto de situação e em conformidade com um especial sistema de regras pragmáticas, aceites tanto pelo emissor como pelos receptores”.

Este emissor, sujeito originador da obra de arte é o autor. Para diferenciar o autor real da imagem do autor que o leitor forma no processo da leitura, Booth criou o termo *autor implícito*. Para BOOTH (1980, p. 89), o escritor sempre cria ou projeta uma imagem implícita do autor como artista: “Por mais impessoal que ele tente ser, o leitor construirá, inevitavelmente, uma imagem do escriba oficial que escreve desta maneira”.

No âmbito da literatura, o sinal é a própria mensagem que se origina de um autor (fonte primeira), se transmite por um narrador por meio do código linguístico-textual, para chegar ao destinatário (narratário, leitor, receptor). A narrativa se concretiza pela interação de duas entidades: narrador e narratário.

Quando existe uma narrativa deve sempre existir, também, um narrador. AGUIAR E SILVA (1997, p. 759) afirma que “todo texto narrativo implica a mediação de um narrador: a voz do narrador fala sempre no texto narrativo, sendo ela quem produz no texto literário narrativo as outras vozes existentes no texto”.

Ao contrário do autor que constitui uma entidade real, o narrador é um ser de papel ou de palavras, cabendo-lhe a tarefa de enunciar o discurso literário. É a voz criada pelo autor para enunciar o discurso. Portanto, o narrador é responsável por todo o discurso oficial da narrativa.

Entretanto, o narrador não constitui uma entidade pacificamente aceita como necessária em qualquer enunciado narrativo, porém, GENETTE foi categórico ao se referir ao *mito da narrativa sem narrador*, afirmando que

a fórmula narrativa sem narrador não me parece poder designar, muito hiperbolicamente (em Joyce, em Hemingway, por exemplo), senão o silêncio todo relativo dum ardor que se apaga quanto possível e se polícia para jamais designar-se a si mesmo (...) a narrativa sem narrador, o enunciado sem enunciação me parecem puras quimeras e, como tais, infalsificáveis”. (1983, p. 66-68)

A classificação tipológica dos narradores geralmente mais divulgada e aceita é a de Genette. Segundo ele, na narrativa em que o narrador está ausente da história que conta, o narrador é *heterodiegético*; aquela cujo narrador está presente na história, é a de narrador *homodiegético*, mas se este narrador for também o protagonista, então, será narrador *autodiegético*.

A partir da narrativa do *Evangelho de João* Hilda Hilst cria uma novela cujo protagonista e narrador é o próprio Lázaro. Portanto, segundo Genette, narrador autodiegético. Tal qual no Evangelho, este homem atônito é ressuscitado, mas, antes disso, quando o protagonista começa a nos relatar os fatos, ele ainda não havia sido levado ao sepulcro, aquele, fechado com a pedra.

É como se Lázaro (o narrador) fosse um espírito observando o próprio corpo, o trabalho das irmãs lhe enfaixando e perfumando. Começa assim: “O meu corpo enfaixado: Ah, isso ela soube fazer muito bem. Ela sempre foi ótima nessas coisas de fazer as coisas, sempre foi a primeira a levantar-se da cama, uma disposição implacável para esses pequenos (pequenos?), como é que se diz mesmo? Afazeres, pequenos afazeres de cada dia”. (LHH, p. 89)¹³

Em discurso não previamente organizado - próprio do monólogo interior e do fluxo de consciência¹⁴ - o narrador-protagonista demonstra certa dificuldade para falar daquilo que não lhe é costumeiro, a morte: “Observei-a desde o início... esperem um pouco, como é que se pode explicar esse tipo de coisa... estou pensando... acho que é melhor dizer assim: observei-a logo depois de passar por essa coisa que chamam de morte”. (LHH, p. 89)

Em algumas passagens o narrador se dirigirá a narratários: “Não, ela não me tirou as vísceras, **não pensem nisso** (grifo nosso), não é isso que eu

¹³ Utilizaremos a sigla LHH quando citarmos a novela *Lázaro* de Hilda Hilst.

¹⁴ Tendências da literatura moderna e contemporânea.

quero dizer” (LHH, p. 89) , “perdoem-me”, “não sei se vocês entendem o que eu quero dizer” (LHH, p. 90), “querem saber?” (LHH, p. 91), “Sim, eles pensam assim, como eu estou lhes dizendo” (LHH, p. 100). Porém, não existe um esclarecimento de quem sejam estes narratários, a impressão que se tem é de que Lázaro conta para nós, ou seja, para os leitores que lerão esta novela, como se estes estivessem presentes no momento da escritura.

A presença dos narratários, bem como, o discurso em tempo presente (em sua maior parte), conferem veracidade aos fatos narrados pelo próprio Lázaro. Ou seja, ao conceber voz a Lázaro, silenciado no Evangelho bíblico, Hilda Hilst escolheu perfeitamente quem daria voz ao seu discurso e em quais circunstâncias. Importante salientar que **na narrativa bíblica, Lázaro não fala, não tem voz**. Sempre os outros falam por ele. Hilda *ressuscita* aquele Lázaro para nos dar, ele mesmo, seu depoimento, quase sempre em tempo presente: “Agora apenas ouço: ...” (LHH, p. 90) , “Hoje as minhas irmãs estão chorando” (LHH, p. 91). E nos leva a participar da história, percorrer em tempo presente cada etapa vivenciada por ele.

Por outro lado, este discurso não chega até nós totalmente articulado, de forma exata e inquestionável como nos textos clássicos e no próprio Evangelho de João (BÍBLIA, N. T. 11, 1-44), cujo narrador é heterodiegético e onisciente. Hilda é uma escritora contemporânea, seu personagem narra os próprios acontecimentos, ele próprio atônito e perplexo, mas, acima de tudo, demonstrando sinceridade exacerbada para contar com a maior verossimilhança possível.

Como é morrer? Sente-se o quê? Eis o grande drama da humanidade! A autora reconstrói na voz de Lázaro a *passagem desta para outra* com lirismo, sarcasmo, imaginação e conhecimento místico:

Primeiro um golpe seco na altura do coração. O espanto de sentir esse golpe. Os olhos se abrem, a cabeça vira para o lado, tenta erguer-se, e dá tempo de perceber um prato de tâmaras na mesa comprida da outra sala. Dá tempo de pensar: alguém

que não eu vai comer essas tâmaras. A cabeça vira para o outro lado. A cabeça ergue-se. A janela está aberta. E vejo as figueiras, vejo as oliveiras. Foi assim mesmo: vi tâmaras, figueiras, oliveiras. De repente vejo Marta. Ela põe as duas mãos sobre a boca. Ainda tento dizer: Marta, Marta, pare de arrumar a casa, eu estou morrendo. Tento dizer, mas uma bola quente vem subindo pela garganta, agora está na minha boca, tento dizer: Marta, Marta, é agora. Ainda vejo a cabeça de Maria na beira da cama. A cabeça cheia de cabelos escuros na beira da cama. Foi a última coisa que vi: a cabeça de Maria. (LHH, p. 90)

Em seguida, todo o transcorrer da história passa a ser contado em tempo presente, Lázaro descreve sua ampla capacidade de visão, digna de personagens do filme Matrix¹⁵:

Agora apenas ouço: Mestre, Mestre, ajuda-me, onde TU estiveres, ajuda-me, ele está morrendo! Não, Marta, eu não estou morrendo: eu estou morto. E agora, vejo-a novamente. Vejo de cima, dos lados, de frente, vejo de um jeito que nunca vi. Jeito de ver de um morto. É estranho, vivo se deveria ver melhor do que de morto. (LHH, p. 90)

Posteriormente, Lázaro narra uma experiência mística que teria ocorrido em vida.: “Vivo, eu consegui ver uma única vez do jeito de um morto. Foi aqui na minha aldeia depois das grandes chuvas. O ar fica numa transparência azulada, tudo se cobre, ou melhor, se descobre (...) estendi o braço para tocá-LO, mas a minha mão feriu-se no tronco da figueira” (LHH, p. 90). Interessante comparar, também, esta visão e o *jeito de ver de um morto* com os depoimentos de experiências místicas da própria autora. Inclusive, sabemos de sua paixão pela enorme figueira da Casa do Sol¹⁶.

O narrador prossegue, conta de seu enterro, das vozes que ouve, dos próprios sentimentos, até ser colocado no sepulcro, do outro lado da vida, e este ser fechado com uma pedra. Na história Bíblica (BÍBLIA, João, 11:39-43), Jesus pede que removam a pedra e ordena que Lázaro saia. Hilda não contesta. Habilmente ela dá voz ao de dentro da pedra, ou seja, do sepulcro. Aquilo que ninguém viu acontecer: o encontro entre Lázaro e Rouah. Este, seria a morte, mas

¹⁵ Estamos nos referindo à trilogia dos irmãos Wachowsky.

¹⁶ Conferir Resenha biográfica de Hilda Hilst no Anexo A.

também, o maligno, o senhor da matéria. Diz ele em uma de suas falas: “então ouve: tudo o que Rouah cria do invisível é filho de Rouah¹⁷” (LHH, p. 94).

O sonho de todos é viver eternamente. Mas, afinal, o que se passa com quem volta da morte? Adão viveu uma só vez, Lázaro viveu duas vezes. O texto bíblico silencia. A ficção dá voz a um morto-vivo. A narrativa prossegue com o Lázaro já ressuscitado, o escriba perseguindo-o, querendo saber dos detalhes da ressurreição:

Ele é o homem? É aquele que dizem? Sacode meu braço. Lázaro, conta, eu preciso escrever sobre todas essas coisas. Por que não falas? Então tenho diante de mim um ressuscitado, por que estavas morto, não é? Ou não estavas? Sim, estavas morto, eu te vi, eras amarelo, tinhas os lábios roxos, oh, por favor, me diz, me diz, como é lá em baixo. (LHH, p. 96)

Mais adiante, a profissão de Lázaro será revelada. O Lázaro de Hilda era um lavrador. Interessante observarmos, também, o monólogo interior dialogado do personagem¹⁸:

Tomo minhas ferramentas e vou para o caminho (grifo nosso). As minhas duas irmãs aparecem na porta: não tomaste o leite? Nem o pão? Senhor, o meu alimento é este sol, é esta crença, este fogo dentro de mim, eu estou limpo como um seixo da praia, eu sou como... eu sou assim: uma viga de fogo que caminha, um cálice de carne, uma flor gigantesca, a minha cabeça está impregnada de Ti, meus olhos estão sempre assim, cheios d'água, eu sou uma fonte, um veio que emergiu das raízes do mais alto, eu me ponho de joelhos, **não lavro mais a terra** (grifo nosso), só ando no caminho para poder sangrar os meus joelhos, para que todos repitam até o dia de Vossa Glória: Lázaro tinha os joelhos de sangue, o seu sangue era vermelho e grosso e empapava a terra. Alguns homens se detêm. Entreolham-se. Sei o que dizem. Dizem: tem bom aspecto, mas ficou louco. Antes... antes era trabalhador, ligeiro, **ninguém tão capaz para o plantio** (grifo nosso), ninguém... (LHH, p. 96)

¹⁷ Talvez a autora tenha se inspirado neste outro termo hebraico, *Ruah*, “Termo hebraico traduzido geralmente por ‘espírito’ ou ‘vento’ . Refere-se ao elemento que possibilita ao homem consciente de Deus o comungar com ele. Esse termo, mais do que qualquer outro, sugere o conteúdo e o espírito da frase: ‘À imagem de Deus’. O *Ruah* no homem leva-o ao parentesco com o *Ruah Hakodesh* (o Espírito Santo): isto ergue-o acima do plano físico e leva-o a contemplar as verdades eternas – verdade, bondade beleza. ‘A alma é portadora do divino no homem, aquilo que o torna espiritualmente vivo’.” (SCHLESINGER E PORTO, 1995, p. 2241)

¹⁸ Sobre *monólogo interior dialogado*, consultar *Problemas da poética de Dostoiévski*, de BAKHTIN (2005).

Um lavrador poético e filosófico, capaz de nos brindar com passagens como estas:

Ela embebeu as faixas nas essências. É isso que eu quero dizer. E depois ela enfaixou-me, os gestos amplos, **pausados, indubitáveis, indubitáveis sim, o gesto de quem está fiando. Fiando numa roca sem tempo** (grifo nosso). (LHH, p. 89)

Eu saio da sala. O rosto molhado. Uma saudade enorme dentro de mim. Estou debaixo desse céu absurdo, arrasto-me, caminho de joelhos, beijo a terra, a terra escura e profunda. Apóio-me na figueira, tato as artérias grossas desse tronco, essa aspereza, essa vida digna, esse existir calado. Compacto. Aparentemente imóvel. Examinado o seu fruto, melhor, sinto-o, primeiro a pele, tão ajustada ao seu contexto, tão fina que se torna impossível deslocá-la **sem penetrar no de dentro, adentro de maciez, adentro rosado, leve, granuloso** (grifo nosso). (LHH, p. 101)

Todo o texto é construído em linguagem fora dos padrões convencionais, ou seja, a escritora, além de afrontar os dogmas vigentes com seu texto provocador e irônico, subverte também as normas gramaticais apropriadas para os diálogos, omite as travessões das falas, engloba tudo numa linguagem seqüencial que para bom entendedor bastará:

Não sabes? Que? Esse é Lázaro, o homem que ressuscitou. Ressuscitou? Ora, deixem-se de estórias. Mas é verdade, vimos. Viram o que? Tudo, o enterro, a ressurreição. E como foi? Bem, enterraram-no e depois de quatro dias... Esperem, esperem, estava mesmo morto? Completamente. Como é que vocês sabem? Que ele estava morto? Pois houve o enterro, homem, ninguém é enterrado sem estar morto. Aí é que está, às vezes sim. Pois eu nunca ouvi dizer que enterrassem gente viva. Aí é que está, muita gente é enterrada viva. Olha aqui, moço, não somos imbecis, e se estamos lhe dizendo que Lázaro estava morto, é porque estava. Até fedia. Fedia? Isso é mentira, e se o nardo é fedor para você, não temos nada com isso. (LHH, p. 97)

Em algumas passagens Hilda extravasa, através da voz narrativa, o ato de escrever, da busca de palavras:

Esperem um pouco, como é que se pode explicar esse tipo de coisa... estou pensando... acho que é melhor dizer assim... (...) na morte seria preciso encontrar as palavras exatas, porque na morte vê-se em profundidade, mas ainda assim não sei de uma palavra que qualifique o espaço que vi em vida ao redor DELE. (...) Oh, Senhor, as palavras são uma coisa enorme à nossa frente, o exprimir-se é uma coisa enorme a nossa frente" (LHH, p. 89-101).

Surpreendentemente, de Betânia, Lázaro salta, ou melhor, viaja no tempo, num “barco sem vela, sem leme, sem remos”. Acorda aturdido com o ruído do mar e se pergunta:

Foi ontem? Mas pode ter sido há dez dias, há cem dias, há mil anos. Não, isso é absurdo. É absurdo Lázaro? Não é tudo tão absurdo? Eu sou Lázaro. Morri e vi Rouah. Ressuscitei, vi e amei Jesus. Não é absurdo ser o que sou? Quem és? Um morto-vivo, um morto-vivo que sentiu a dupla face do filho de Deus. Um morto-vivo a quem colocaram num barco sem vela, sem leme, sem remo, um morto-vivo que está vendo agora uma coisa: uma cidade! Aquilo é uma cidade! Casas tão altas como nunca vi. E o ruído que ouço é o ruído de um enorme pássaro sobre minha cabeça. Senhor, eu morri e devo estar entrando no paraíso. (LHH, p. 103)

Ele próprio ao questionar-se *quem sou*, se reconhece como um morto-vivo. Atônito e ingênuo, compara a modernidade que vê ao paraíso. O *ruído de um enorme pássaro sobre minha cabeça* é digno de um *Apocalipse* de João. Estaria bom assim? Terminaria assim esta novela? Não. Hilda vai além, ou melhor, Lázaro, ainda não satisfeito com todo o sofrimento e perplexidade que fora sua vida de vivo ou de morto-vivo é resgatado por monges num tempo futuro em que ninguém mais crê.

Em *Todos os homens são mortais* (romance quase-ensaio publicado por Simone de Beauvoir em 1946), o conde Fosca, personagem do século XIII, de posse do elixir da imortalidade, atravessa o tempo e chega até nossos dias, questionando a ambição, o prazer, o destino e a transcendência, enfim, tal qual o Lázaro de Hilst, se frustra paulatinamente em seus projetos.

Na novela de Hilda, o de dentro de Lázaro sai em linguagem moderna. Nada escapa ao olhar atento e aguçado do narrador, nem mesmo o *escriba que come os marmelos*. Maurice Merleau-Ponty¹⁹, ao morrer em 1961, deixou

¹⁹ Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) foi professor de filosofia nas Universidades de Lyon, Sorbonne e no Collège de France. Entre outras obras, publicou *A Estrutura do comportamento* (1942), *Fenomenologia da percepção* (1945) e *Signos* (1960). Os manuscritos deixados pelo autor resultaram nas edições póstumas: *O visível e o invisível* (1964), *O olho e o espírito* (1964) e *A prosa do mundo* (1969).

inacabada a obra *A Prosa do mundo*. Assim comentou o autor referindo-se a importância de seu objeto de estudo em carta endereçada a Gueroult:

Enquanto não tratamos completamente desse problema (o do pensamento formal, e da linguagem) na obra que preparamos sobre a *Origem da verdade*, nós o abordamos por seu lado menos abrupto num livro do qual metade está escrita e que trata da linguagem literária. Nesse domínio, é mais fácil mostrar que a linguagem jamais é a simples vestimenta de um pensamento que se conhece a si mesmo com toda a clareza. O sentido de um livro é primeiramente dado não tanto pelas idéias, quanto por uma variação sistemática e insólita dos modos de linguagem e de narrativa ou das formas literárias existentes. Se a expressão é bem sucedida, um sotaque, uma modulação particular do discurso falado é assimilada aos poucos pelo leitor e lhe torna acessível um pensamento ao qual ele, de início, era por vezes indiferente ou mesmo rebelde. A comunicação em literatura não é simples apelo do escritor a significações que fazem parte de um *a priori* do espírito humano: estas, ao contrário, são suscitadas por um aprendizado ou por uma espécie de ação oblíqua. No escritor o pensamento não dirige de fora a linguagem: o escritor é ele mesmo um novo idioma que se constrói, que inventa meios de expressão e se diversifica segundo seu próprio sentido. O que chamamos de poesia talvez seja apenas a parte da literatura onde essa autonomia se afirma com ostentação. Toda grande prosa é também uma recriação do instrumento significante, doravante manejado segundo uma sintaxe nova. O prosaico limita-se a abordar por signos convencionais as significações já instaladas na cultura. **A grande prosa é a arte de captar um sentido jamais objetivado até então e de torná-lo acessível a todos os que falam a mesma língua. Um escritor morre em vida quando não é mais capaz de fundar assim uma universalidade nova e de se comunicar em meio ao risco** (grifo nosso). Parece-nos que se poderia dizer também, das outras instituições, que elas cessam de viver quando se mostram incapazes de transmitir uma poesia das relações humanas, isto é, o apelo de cada liberdade a todas as outras. Hegel dizia que o Estado romano era a prosa do mundo. Intitularemos *Introdução à prosa do mundo* a este trabalho que deveria, ao elaborar a categoria de prosa, conferir-lhe, mais além da literatura, uma significação sociológica. (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 9)

Segundo Merleau-Ponty, no processo de leitura o leitor contribui com o seu conhecimento (língua, vocabulário) e retoma o pensamento do autor com seu corpo e vive a *Experiência da Expressão*. Ora, através da leitura, o leitor é capaz não apenas de interpretar as palavras segundo as acepções aceitas e a técnica do livro segundo os procedimentos já conhecidos, mas também de deixar-se transformar por ele e de dotar-se por ele de novos órgãos. E diz:

Não se fará idéia do poder da linguagem enquanto não se tiver reconhecido essa linguagem operante ou constituinte que aparece quando a linguagem constituída, subitamente descentrada e privada de seu equilíbrio, ordena-se de novo para ensinar ao leitor – e mesmo ao autor – o que ele não sabia pensar nem dizer. (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 36)

E mesmo ao autor - O que ele não sabia pensar nem dizer: por isso que muitos autores quando são entrevistados sobre o processo da escrita dizem que o texto fez-se no ato da escrita, ou seja, o próprio autor se surpreende com a fala falante, com o *milagre da expressão*. O texto não existia pronto em algum lugar, *não estava no pensamento do autor* e no entanto se constituiu no papel. Dentro da mesma abordagem, no *Universo da criação literária*, esclarece WILLEMART (1993) que “a linguagem e a cultura se impõem através da escritura e co-dirigem a organização do texto” (p. 18), e, mais adiante conclui:

Em primeiro lugar, o escritor não é esta mônada isolada que poderia reivindicar para ele só o que produz; como todos, é o resultado de uma série de desejos escalonados sobre várias gerações e o fruto de um momento cultural preciso. Em seguida, utiliza uma língua carregada de sentidos que o domina e o submete mais freqüentemente do que pensa. E, enfim, esta mesma língua, uma vez no papel e através da narrativa, força acomodações, desloca elementos tanto ao nível do sintagma quanto do paradigma. (WILLEMART, 1993, p. 26)

Observem esta passagem:

O meu corpo enfaixado: Ah, isso ela soube fazer muito bem. Ela sempre foi ótima nessas coisas de fazer as coisas, sempre foi a primeira a levantar-se da cama, uma disposição inflamável para esses **pequenos (pequenos?)**, **como é que se diz mesmo? Afazeres, pequenos afazeres, pequenos afazeres de cada dia** (grifo nosso).” (LHH, p. 89)

Percebe-se no trecho transcrito a linguagem em construção na qual o narrador explicitamente procura a palavra adequada para melhor explicar uma situação nova. A situação nova, neste caso, é de um homem não acostumado a falar sobre as tarefas domésticas destinadas às mulheres. Constata-se que a fala do narrador se constrói no corpo do texto, a ponto de registrar, a própria fala em busca de si mesma.

Esta outra passagem “Observei-a desde o início... esperem um pouco, como é que se pode explicar esse tipo de coisa... estou pensando... acho que é melhor dizer assim: observei-a, logo depois de passar por essa coisa que chamam de morte” (LHH, p. 89) nos leva a deduzir que a autora não se preocupou em omitir ou reformular a fala que aparece operando na busca dos signos. E por isso

mesmo, uma fala falante, que demonstra o espírito confuso e estupefato do narrador.

A esse respeito fala MERLEAU-PONTY:

Não é depositando *todo* o meu pensamento em *palavras* nas quais os outros viriam captá-lo que me comunico com eles, é compondo – com minha garganta, com minha voz, com minha entonação, e também obviamente com as palavras, com as construções que prefiro, com o tempo que decido dar a cada parte da frase – um enigma tal que comporte apenas uma solução... (2002, p. 52)

Haveria um resultado muito diferente se a autora houvesse articulado o texto, como por exemplo: *Observei-a desde o instante em que morri*. Não era isso que a fala queria dizer, aqui, ela queria mostrar-se em construção.

E mais adiante, diz Lázaro: “na morte seria preciso encontrar as palavras exatas , porque na morte vê-se em profundidade, mas ainda assim não sei de uma palavra que qualifique o espaço que vi em vida ao redor DELE” (LHH, p. 90). A linguagem quer ser verdadeira, mas não encontra um termo adequado, por isso, mostra-se à procura, outro modo de dizer o quanto foi incrível a visão que teve DELE, a ponto de não encontrar uma palavra para defini-la. Eis aí, o problema da limitação da linguagem.

Quando Hilst desabafa através do narrador “Oh, Senhor, as palavras são uma coisa enorme à nossa frente, o exprimir-se é uma coisa enorme a nossa frente” (LHH, p. 101), parece querer dizer-nos: Oh, senhor, a fala é uma coisa enorme a nossa frente, pois, diz coisas que nem sabíamos. A esse respeito, esclarece MERLEAU-PONTY: “A linguagem nos conduz às coisas mesmas na exata medida em que, antes de *ter* uma significação, ela é significação” (2002, p. 36).

O texto de Hilst divide-se em quatro parágrafos, dos quais, três são longos. O último é curto. A cada mudança de parágrafo ocorre uma mudança de perspectiva, por exemplo: o primeiro parágrafo abre a história e vai até a morte de

Lázaro. O segundo, inicia com o Lázaro ressuscitado em sua casa, em Betânia, com o escriba Ihe fazendo perguntas. No terceiro, Lázaro encontra-se num mosteiro, depois de ter viajado no tempo. O quarto, separado dos demais por uma linha em branco, apresenta Lázaro acordando de um pesadelo.

O texto interage com o texto mãe, a Bíblia, trabalha principalmente com os silêncios daquele. Assim, constrói o inacreditável para muitos: o Rouah, que seria a morte, a matéria, o maldito e, ao mesmo tempo, o “irmão gêmeo de Jesus”²⁰ (LHH, p. 105). Bastante polêmico se olharmos deste ângulo, mas nem tanto, se olharmos de outro, se vislumbrarmos a imensidão de amor a jorrar do coração daquele que Rouah (ou Jesus) ressuscitou.

É preciso imaginar para entender ou supor. Para quem estava do lado de fora da gruta, foi Jesus que efetuou o milagre. Somente Lázaro sabia que lá dentro estava Rouah. E não era a primeira vez que o via, era a segunda. Por isso, quando especulam de que morreu Lázaro, ele responde para si mesmo, que sua morte começou a partir da visão que teve dele na figueira: “Eu sei agora que depois de ter visto o Homem, o meu sangue e a minha carne não resistiram” (LHH, p. 92).

Ao mesmo tempo que tende para o fantástico, o texto de Hilst, vai e volta, isto é, brinca com o leitor, deixa dúvidas, foi sonho ou realidade? Esta alternância ocorre em dois momentos decisivos do texto: quando Lázaro é acordado por Marta depois de ver o Homem próximo à figueira e, no último parágrafo do texto, de apenas três linhas, quando Lázaro acorda de um pesadelo. Literatura é isso: mil possibilidades.

²⁰ Encontramos em BAKHTIN (2005, p. 126) a seguinte afirmação: “São muito típicos do pensamento carnavalesco as imagens pares, escolhidas de acordo com o contraste (alto-baixo, gordo-magro, etc) e pela semelhança (sósias-gêmeos) (...) Trata-se de uma manifestação específica da categoria carnavalesca da *excentricidade*, da violação do que é comum e geralmente aceito; é a vida deslocada do seu curso habitual”.

O Lázaro de Hilst é extremamente humano, sensível, um homem de fé. Após a ressurreição, Lázaro queimará de amor por Jesus, por quem caminhará de joelhos sobre Betânia para que sangrem em prova de seu amor. Ao mesmo tempo, um homem completamente introspectivo, vivendo num mundo próprio, temendo o pior: “é uma certeza tristíssima de que daqui por diante o coração dos homens se tornará mais escuro... mais... isso é possível? Ainda mais?” (LHH, p. 102). Assim ele percebia os homens de sua época. Lázaro, um iluminado perdido no mundo da matéria. Quando ele viaja para o futuro, parece não acreditar no que vê, naquilo que se tornou a humanidade depois da vinda do Mestre.

O que aconteceu ao Lázaro bíblico após a ressurreição? Viveu quantos anos? Morreu de quê?, morreu como? Segundo CASCUDO (1979, p. 433), “alguns hagiógrafos o dizem morto no ano 60 e outros, com atenção à tradição oral, afirmam que São Lázaro atravessou a Europa e foi o primeiro bispo de Marselha, na França, onde faleceu e está sepultado”. Parece que o texto de Hilda brincou com esta informação ao situar Lázaro num tempo futuro entre os monges. Mas o texto em nada se compara ao final feliz que consta nas enciclopédias, pois, o mosteiro que o Lázaro de Hilst aparece é o único que restou no planeta, num mundo em que ninguém acredita mais em Deus e, para piorar a situação, os monges são odiados pelos humanos que estão do lado de fora, por quem o Cristo é chamado de porco crucificado.

Interessante e curiosa a passagem em que Lázaro observa Judas e percebe a grandeza do amor daquele para com Jesus: “Há um homem diferente no pátio. Vê-se que ele ama mais Jesus do que a si mesmo (...) chama-se Judas, O Iscariote. O amor desse homem é diferente do meu amor: é um amor de mandíbulas cerradas, de olhar oblíquo, de desespero escuro” (LHH, p. 100). Lázaro, então, reflete:

Sei que ele não sabe expressar o seu amor de um outro jeito e por isso não seria correto ofendê-lo, **ofendê-lo seria como se você desse um pontapé no teu cão, só porque ele te arranha os joelhos quando você chega, compreende? O teu cão não sabe fazer de outro modo, não é um cão amestrado** (grifo nosso). Judas, o

Iscariote, é, talvez, alguém que arranha não os joelhos, não, mas o peito de Jesus. (LHH, p. 100-101)

Hilda, é sabido, nutria imensa paixão por cães. Por falar em cães, sabemos que no nosso folclore, São Lázaro é o protetor dos animais, principalmente dos cães. A esse respeito, diz CASCUDO:

Protetor dos leprosos e afastador da moléstia. Os cães lhe são dedicados, e quem mata um cachorro deve uma alma a São Lázaro. Dar de beber aos cães sedentos, defendê-los, dar-lhes de comer, são benefícios que o santo pagará, protegendo a alma de quem assim se portou (...) No caminho que as almas percorrem no outro mundo, até o julgamento de Deus, padecem muita sede, e só existe na região a casa de São Lázaro. Se a alma tiver dado de comer e beber aos cães, encontrará água fria e límpida. Em caso contrário, só lhe restará o suplício sem consolo. Uma promessa poderosa é oferecer um jantar aos cachorros de São Lázaro, tradição existente no Ceará e no Maranhão, onde a denominam *mesa de São Lázaro*: Para curar feridas brabas, doenças da pele, ou para livrar-se a gente delas, São Lázaro existe no céu, manda, na terra, os seus amigos, os cachorros, lambem feridas e curá-las com a saliva canina. O cão tornou-se por isso o animal sagrado de São Lázaro, como já o fora de São Bernardo. A fé arde sincera nessas almas ingênuas e as promessas são cumpridas à risca, com toda a solenidade possível. Em que consistem? Nas mesas de São Lázaro. É um acontecimento na localidade. Convidam-se todos os cães da redondeza. Nesse dia, cachorro passa bem. Ninguém lhes dá pancada. São lavados com sabão, penteados, enfeitados com laços de fita no pescoço. Afora da ceia, os donos trazem os animais para a promessa. No chão varrido, põe-se uma toalha de mesa bem engomada, pratos limpos são também postos ali. E a melhor comedoria, o melhor quitute, é colocada nos pratos para os cães. Não falta o vinho tinto nem o doce especial para a sobremesa. O beneficiado pelo milagre, o que recebeu a graça do santo, vem também comer com os cachorros, e a ceia assim se inicia por entre a gula brutal da canzoada e por entre as músicas que acompanham a festa alegremente. O fim de toda essa festa é sempre uma briga medonha de cachorros, que devoram tudo e espatifam os pratos mas nem por isso deixam os donos da festa de se sentirem satisfeitos. Depois que os cães devoram a ceia é que o povo começa a tomar parte no jantar, comendo, ao menos, intencionalmente, com a canzoada. Contemporâneo de Cristo, irmão de Marta e Maria, ressuscitado pelo Salvador, São Lázaro tem uma minoria devota, contando-se assombros do orago. Livra da peste, da morte súbita e da miséria. (1979, p. 432-433)

Existe uma forte crença no meio popular de que a doença que acometia Lázaro seria lepra. Tanto que, diz-se lazarenta a pessoa leprosa. Porém, nenhum dos Lázaros bíblicos eram portadores desta moléstia. Parece que ao longo do tempo esta idéia se difundiu nos meios populares, confirma esta enciclopédia: “Mendigo na parábola ou narração paradigmática do rico opulão e do pobre, é desta figura parabólica que deriva a acepção de ‘lázaro’ por leproso” (VERBO,

1977, p. 1569). Entretanto, naquela parábola, o que encontramos é a palavra “úlceras” para a doença que o acometia, ou seja, não necessariamente lepra.

Hilda pontua muito bem o burburinho, o diz-que-diz em torno do milagre. São partes engraçadas do texto intercaladas com a sobriedade do Lázaro. A esse respeito, comenta BAKHTIN: “O carnaval aproxima, reúne, celebra os esponsais e combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, etc.” (2005, p.123). No seu primeiro livro em prosa, a autora já demonstra que vinha para não deixar pedra-sobre-pedra, ou seja, com lirismo e sarcasmo ela reconstrói, ou melhor, desconstrói, o famoso milagre: Lázaro ressuscita quando uma flor de carne lhe entra nas entranhas; Lázaro ressuscita quando o grotesco Rouah lhe toca e troca as mãos.

Lázaro não é tema fácil de ser abordado. Dar vida a seres consagrados pela teologia não é fácil. Falar de sepulcro e ressurreição é coisa para quem tem talento. Em Hilda, a provocadora, isto sobra. Hilda não quer agradar. Hilda quer desvendar os mistérios. Por isso provoca. Hilda está à procura de Deus, do seu Deus.

A escritora declarou em entrevista que “meu pai foi a razão de eu ter me tornado escritora” (HILST, 1999, p.27). Num dos artigos que seu pai, Apolônio de Almeida Prado Hilst, publicou, intitulado *Brasil de Cocos e emboladas*, consta esta passagem intrigante e polêmica abordando justamente o personagem bíblico Lázaro:

A onda de nacionalismo universal coincidiu com a nossa necessidade de ser. Se para outros foi ou está sendo, Lázaro saído do sepulcro, para nós teve uma importância mais virgem e original. É a inauguração mesma da vida. Adão ainda quente das mãos do Senhor. A vida pela primeira vez. A vida que é ainda o desconhecido e o mistério. Que se vai provar. (PRADO HILST, 2004)

No livro *Contos d'Escárnio: Textos Grotescos* encontramos a seguinte passagem, onde Hilda (provavelmente) elogia²¹ esta sua novela publicada anteriormente:

Hans Haeckel era um escritor sério, o infeliz. Adorava Clódia. Achava-a a mais limpa e nítida de todas as mulheres. Era um homem de meia idade, alto, bastante encurvado e muito meigo. Havia escrito uma belíssima novela, uma nova história de Lázaro. A crítica o ignorava, os resenhistas de literatura teimavam de que ele não existia (...) Eu lhe dizia: Hans, ninguém quer nada com Lázaros, ainda mais esse aí, um cara leproso e ainda por cima morto. Mas ressuscitou Crasso, ressuscitou!
(HILST, 1990, p. 38)

Vale dizer, o quão é justo homenagear e trazer à tona a novela da grande escritora que não escondia de ninguém seu interesse pela literatura e pela inovação da linguagem, a ponto de se isolar na Casa do Sol e viver, de corpo e alma, *o milagre da expressão*, ou, *a sorte da literatura*²².

Ao trabalharmos no texto de Hilst procuramos pontuar o trabalho inovador da autora, enquanto linguagem e enquanto discurso, sem perder de vista o tema central deste trabalho, o Lázaro bíblico. Por isso intercalamos interpretações do personagem com comentários ao discurso e à linguagem. O texto de Hilda foi a primeira escolha, por isso o elegemos para enfocarmos um pouco das teorias do narrador.

²¹ Observem as iniciais de Hans Haeckel, são iguais as de Hilda Hilst.

²² Quando do início deste trabalho a autora ainda vivia. Trabalharíamos com três autores vivos. O destino quis de outro jeito. Esperamos e torcemos que Hilda esteja em *Marduk*, o planeta das mil possibilidades.

3 JESUS ACORDA O HOMEM QUE FAZIA CORDAS

(Lázaro por Júlio de Queiroz)

*Nenhum veneno mata aqueles a quem
nem o inferno quis manter*

Júlio de Queiroz

Júlio de Queiroz publicou o conto *Fulgor na noite* no ano de 2002, pela Editora Insular, num livro chamado *Encontros de Abismos*, que contém ao todo três narrativas em 148 páginas. A narrativa sobre *Lázaro* é a terceira e abrange 45 páginas.

O livro é uma edição muito bem cuidada, aliás, diga-se de passagem, a Insular vem cumprindo sua função de publicar livros com qualidade. A capa traz a ilustração *O Beijo de Judas*, de Portinari. Esta mesma ilustração vai se repetir em preto e branco e preceder a falsa folha de rosto. A epígrafe geral, extraída do Salmo 42, diz: "Um abismo chama outro abismo".

A cor rosa da capa, contrasta com a cor do título que puxa para o vermelho, cor de sangue, muito apropriado para as narrativas em questão, principalmente aquela com que iremos trabalhar, que alterna entre a eternidade (rosa) e a vida na terra (sangue). A capa rosa também pode sugerir um final feliz, uma possibilidade.

Na orelha esquerda do livro encontramos palavras de Silveira de Souza: "Parece ter sido em Florianópolis que Júlio de Queiroz encontrou o vagar necessário para ir publicando a sua obra literária que, a cada livro, mostra o talento de um espírito sensível e versátil. Excelente cronista; poeta emotivo, de linguagem enxuta e límpida; contador de estórias curtas e impregnadas de sutil humor e de argutas observações do comportamento humano (...) há nele uma religiosidade que transcende os rituais".

Fulgor na noite de Júlio de Queiroz é um conto narrado em primeira pessoa, pelo próprio Lázaro²³. Portanto, narrador autodiegético, segundo Genette. Júlio resgata a voz do Lázaro silenciado no texto bíblico.

A profissão de Lázaro nos é informada logo nas primeiras linhas do conto, quando diz “sou cordoeiro” (LJQ, p. 103)²⁴. Em seguida, fica estabelecida a profissão de uma de suas irmãs, a mais jovem, Maria, dando a entender que seria prostituta, quando diz “e para a outra a porta da cidade também é um lugar bom para aquilo que negocia” (LJQ, p. 103).

Dito isto, temos um Lázaro que faz cordas e as vende no mercado, trabalhador, negociante, irmão de Marta e Maria. Marta seria a mais velha. Maria seria prostituta²⁵.

Esclarecemos que no texto bíblico não se comenta da profissão de Lázaro. Também não se comenta a idade das irmãs. Júlio soube aproveitar os silêncios daquele para compor as personagens e re-criar as criaturas daquela passagem bíblica. Cabem aqui as palavras de Bakhtin, citado por Carlos Bezerra: “o autor é um demiurgo, é o sujeito que transforma a matéria bruta em discurso humanizado e assim dá vida a novas criaturas que só conseguem humanizar-se no ato da fala.” (BAKHTIN, 2005, p. XI)

Existe toda uma preparação logo no início do conto para nos dar certeza de tratar-se da história do Lázaro bíblico, irmão de Marta e Maria. A narrativa se

²³ Isto tem em comum com a novela *Lázaro* de Hilst.

²⁴ Utilizaremos a abreviação LJQ para as citações de *Fulgor na noite* de Júlio de Queiroz.

²⁵ A mesma profissão da Maria de Saramago no ESJC (sigla doravante usada para citarmos o *Evangelho Segundo Jesus Cristo* de Saramago).

passa em Betânia, mas em algumas circunstâncias de *cunho pecuniário* o protagonista se deslocará para o templo que fica em Jerusalém.

O narrador Lázaro, hebreu e judeu, supostamente portador de uma moléstia (lepra)²⁶, é “convidado” a ir ao templo. A lucidez do personagem impressiona. Ele não vai de livre e espontânea vontade, ele vai por causa da *Lei*, por isso comenta “deixaram-me a espera por muito tempo” (LJQ, p. 104), com o seguinte esclarecimento do narrador lúcido “é uma prerrogativa dos poderosos deixar alguém do povo a esperar” (LJQ, p. 104). Esclarecemos que em nenhum momento o texto bíblico define qual seria a doença de Lázaro.

Mais adiante, Lázaro constata “como sou cordeiro, sou ainda mais povo que quase todo mundo” (LJQ, p. 104). Ora, Lázaro era um artesão e pequeno comerciante, ganhava pouco, apenas para o sustento seu e de suas irmãs.

Todo o conto é bastante irônico em relação aos *pecúnios pagos ao templo*, e, neste aspecto, há muita semelhança com o romance de Saramago²⁷.

Depois do episódio no templo, dos sete carneiros, passam-se vários anos até a experiência da primeira morte de Lázaro que começa assim: “Então morrer é só isso?” (LJQ, p. 106). A descrição da morte é feita com detalhes, pelo próprio experienciador²⁸. Vejam como Júlio, através da voz do narrador, nos dá sua versão:

A tosse tinha subido garganta acima, como se fosse lava ardente na busca exigente de saída. Mas não tinha sido como nos seus acessos anteriores. Agora, arrastava consigo a carne do peito, as vísceras, na necessidade horrível de abandonar, dilacerando-o, o corpo ardendo em febre.

²⁶ No texto de Júlio não fica claro qual seria a doença de Lázaro. Talvez Júlio, com esta falsa lepra do personagem, queira solucionar (ou esclarecer) a questão que já abordamos no capítulo anterior, sobre a relação entre “lázaro” e lepra.

²⁷ Estamos falando do *Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

²⁸ No *Lázaro* de Hilst a passagem da morte também nos é contada pelo experienciador.

Quis levantar-me da cama. A palha sobre a enxerga trançada com couro de jumento foi agarrada freneticamente por minhas mãos doentiamente independentes. Meu corpo, magro e enfraquecido, junco jogado de um lado para outro nas águas enfurecidas pelo açoite do vento, não agüentou.

Caiu de volta.

Atônito, vi-me saindo de mim mesmo pelo alto de minha cabeça, da coroa do rodão de cabelos revoltados, que nunca se alisaram muito bem nela. Olhei-me todo, estirado no catre. Que franzino e pouco atraente sou!

(...)

Deixei meu corpo machucado e dolorido sobre a cama e entrei na escuridão. Não poderia ter feito outra coisa senão ir.

Não, não era o vento que me puxava ou empurrava. Eu era o vento! Como podia ser isso? Como podia me impulsionar e ser impulsionado ao mesmo tempo?

(...)

Era um túnel! (LJQ, p. 107-108)

Por fim diz, quase decepcionado: “É só isso morrer” (LJQ, p. 108). O grande mistério da humanidade, o grande enigma, desvendado e dito assim. Morrer é simples, é mais um processo da vida, uma transformação. A descrição do túnel em que viajará Lázaro no texto de Júlio traz semelhanças com descrições feitas por pessoas que voltaram da morte²⁹. Queremos dizer que o autor demonstra ser um pesquisador e conhecedor dos mistérios da vida e da morte³⁰.

O texto de Júlio prossegue. Depois do desapego da matéria, Lázaro virou vento, viajou rapidamente pelo túnel da memória e finalmente percebeu-se luz. Encontra-se com Deus e entra em êxtase supremo. Até que alguém o chama de volta. Um eco que se aproxima. Tal qual no texto bíblico a voz grita: “Lázaro! Vem para fora!” (LJQ, p. 109). É com imenso desgosto que Lázaro percebe ser o Rabi Nazareno a lhe chamar para fora do **êxtase supremo, do encontro com o divino**³¹. Constata decepcionado: “parecia ser meu amigo quando me olhava sorrindo, com o que me levava a crer ser uma ternura grande. Mas não era amigo. Se o fosse, saberia que aqui, onde eu tinha chegado, é que era meu quinhão de herança.” (LJQ, p. 109)

²⁹ Conferir depoimentos de pessoas que voltaram da morte no Anexo C.

³⁰ *Dobras do tempo* (romance inédito do escritor) traz personagens que se reencontram em várias vidas.

³¹ Júlio de Queiroz foi leitor de R. Kipling. Em *Kim* (obra muito apreciada por Júlio), o Lama tibetano empreende uma viagem para fora do corpo, na qual atinge o êxtase supremo, mas retorna para ajudar Kim, seu discípulo, a alcançar a iluminação.

Supõe-se, então, que havia uma ternura grande entre Lázaro e Jesus, tal qual percebemos no texto bíblico quando as irmãs do doente mandam dizer a Jesus: “Senhor, **aquele que amas** (grifo nosso) está doente”. No texto de Hilst o amor de Lázaro por Jesus extravasa o papel e, no de Saramago, Jesus é de um carinho imensurável por Lázaro.

O texto de Júlio narra a ressurreição de Lázaro interpondo cenas, ora narrando a visão interna do personagem, seu desgosto, suas dores, ora narrando a saída da gruta, as pessoas que lhe cercam. Utiliza-se de diálogos, de vozes de outros que presenciaram o milagre. É como se uma câmera de cinema houvesse registrado os fatos e um habilidoso profissional recortasse e montasse na ordem convincente.

Lázaro, em Júlio, não gostou de voltar à vida, que para ele será a morte da alegria, a desilusão de tudo e com todos, principalmente com os familiares e colegas com os quais convivia em sua comunidade, Betânia. Decepcionar-se-á, acima de tudo, em família. Um golpe atrás do outro lhe partirá o coração. O primeiro deles, a descoberta de que nos quatro dias e três noites que estivera morto as irmãs já haviam vendido sua cama.

A volta de Lázaro ressuscitado a Betânia, acompanhado pelo Rabino e diversas pessoas é definida como um *cortejo insano*. Esta passagem: “gente com música veio ao nosso encontro... Rimo-nos todos”, é um dos poucos momentos em que vemos o Lázaro sorrir. Ele próprio constata: “pela primeira vez alegrei-me e o demonstrei” (LJQ, p. 113).

Lázaro se sentia pobre e sofredor: “Não me puxes de volta para a dor, a fome, o comer com dentes quebrados o duro pão de um cordeiro. Não me arrastes para o agachar-me e o doer-me todo quando expulso do corpo o que o corpo já não quer” (LJQ, p. 109).

Porém, suas irmãs o viam como uma pessoa alegre e feliz:

Não era esse o irmão que conheciam. Não era esse o alegre cantador de canções enquanto desfibrava folhas ou entrelaçava cordas. Esse, a quem era um prazer ouvir de longe, trabalhando e cantando, na tenda, - como sempre, comentavam. 'Alegra-se da vida', - diziam sempre dele. (LJQ, p. 140)

Lázaro extravasará sua indignação com os *pecúnios* cobrados pelo templo em diversas passagens do texto, confirmam esta: “Não é a lei, mas também é sabido que de cada carneiro vendido para o sacrifício, os sacerdotes ganham uma parte gorda. Sete carneiros são lucro de meio ano de trabalho na cordoaria.” (LJQ, p. 105)

Em outra vezes, temos o Lázaro poético: “Elohim, bem amado! Faze de mim teu barco e prende-me aqui com a âncora de nosso amor recém-achado e eternamente imprescindível.” (LJQ, p. 109)

E o Lázaro irônico, que joga com as palavras: “As faixas longas davam voltas em todo meu corpo. Agora, afrouxavam-se e caíam ao meu lado como se estivessem a libertar-me. Estavam é a prender-me de novo à vida que eu já desdenhara” (LJQ, p. 110).

Comenta com ironia quando lhe tiram as faixas: “De nada sabiam eles da minha transformação em luz e em Elohim. Nem poderiam saber, pois presos dentro de seus corpos, mesmo sem faixas, estavam mais tolhidos do que eu, enfaixado, estivera” (LJQ, p. 111).

Importante destacar de que forma Júlio resolveu o problema das ataduras e faixas. Tendo em vista que esse é um dos temas polêmicos do famoso milagre: **como Lázaro conseguiu sair ou levantar ao ser chamado por Jesus no texto bíblico, se estava envolto em ataduras?** No texto de Júlio a polêmica se esclarece:

“Com passadas curtas, mal me agüentando ereto devido as ataduras em volta de todo meu corpo, consegui encostar-me, de pé, na porta da caverna, na qual me haviam posto para dormir para sempre” (LJQ, p. 110). E prossegue, descrevendo: “Então, entre as faixas que cobriam meu rosto, atando-o, os vi a todos.” (LJQ, p. 110)

Todo o texto se apropria da linguagem bíblica. Vejam esta passagem após a ressurreição de Lázaro: “Aqueles que tinham ficado junto a minhas irmãs começaram a dar **hosanas** (grifo nosso), louvando com gritos o Rabi Nazareno.” (LJQ, p. 111). E, ironicamente, Lázaro constata, em seguida: “Só então se lembraram de mim, o ressurecto” (LJQ, p. 111).

Ao longo do texto, o narrador se reportará a Jesus por diversos nomes, citamos alguns: Rabi, Nazareno, Joshua. Parece que o autor quis nos brindar com os diversos nomes de Jesus na língua hebraica. Ao mesmo tempo, percebe-se no texto de Júlio um pouco de mistério em redor deste nome, talvez para protegê-lo do inevitável. Ou, seria pela dificuldade de pronunciar um mesmo nome que desse conta de tanto ao longo da história?

Lázaro prossegue com a ironia em relação ao templo: “Lembrei-me dos sete carneiros sacrificados por eu não ter a lepra. Agora, quantos mais por estar de volta à miséria e à doença?” (LJQ, p. 111). E conclui: “Não importa o que aconteça, os sacerdotes sempre lucram” (LJQ, p. 111).

Mas, prossegue também, com a alma carente do Lázaro rejeitado:

Quase chegando à cidade, gente com música veio ao nosso encontro. Jacó Bem Hader, um tanoeiro com quem eu tivera inúmeras discussões sobre quase tudo, encabeçava o grupo festivo.

Chegando a nós, adiantou-se e beijou-me no rosto – o sinal de boas-vindas – o que ninguém ainda havia feito. (LJQ, p. 112)

Ou seja, nem suas irmãs o haviam abraçado ou beijado. Um quase inimigo o fizera. E como isso adquire importância na vida deste morto-vivo.

Lázaro volta e é recebido com festa. Uma festa que dura o efeito da bebida, da cantoria, do bandolim. Depois virá a preparação, o desgosto, o desapego. Durante a festa em Betânia as irmãs de Lázaro o ladeiam. Lázaro gosta muito das irmãs e as vê de um modo semelhante ao texto bíblico, Maria complacente, Marta trabalhando, cuidando da casa. Mesmo assim, emudece ante a pergunta de sua irmã Maria, Lázaro sabe não poder falar, sabe que o que presenciou e vivenciou fere a *Lei*, por isso silencia:

Marta, a dona de casa mesmo em casa alheia, levantou-se e foi para fora, onde se preparava a ceia.

Maria, quieta, olhou-me várias vezes longamente, sem dizer palavra. Tive a impressão de que ela gostaria de um discurso inteiro, de falas e explicações.

Não lhe dei qualquer uma dessas coisas. (LJQ, p. 113)

Praticamente todo o texto será de silêncio. Ou seja, Lázaro sabe que não pode contar o que viu e sentiu, no início tentará falar, mas, aos poucos, perceberá que o que vivenciou não pode ser dividido, é diferente demais das crenças de seu povo. Isso o faz sofrer, ele sente necessidade de compartilhar aos irmãos, mas as reações dos outros o fazem calar e encher-se de angústia.

Nesta outra passagem do texto, outro silêncio se destaca, o das irmãs do morto-vivo. Vejamos o que as irmãs de Lázaro foram capazes de fazer em apenas três dias:

O vinho e a alegria que ele trás tinham-nos soltado a língua e, por isso, conversávamos animadamente enquanto voltávamos para casa.

Porém, à medida que nos aproximávamos dela, os silêncios de minhas irmãs foram ficando mais compridos, mais pesados.

(...)

Chegamos a nossa casa.

Dentro dela ao não ver minha cama na parte em que eu costumava dormir, compreendi. Mas nem por isso deixei de perguntar:

- E minha cama?

- Nós a vendemos. Ficamos sem saber de imediato, como iríamos ter dinheiro para nos sustentar até decidirmos o que fazer. Você já não estava mais aqui. Estava... morto.
- E o dinheiro na jarra enterrada atrás de casa?
- Compramos o óleo e as ataduras para seu... corpo.
- Não sobrou nada? Era muito mais do que o necessário para isso.
- Tivemos que comprar o túmulo. E pagar os sacrifícios para a purificação.
- Como não morri, poderemos ter de volta o dinheiro da compra do túmulo e o dado para o sacrifício deveria nos ser devolvido.
- “É mais fácil ressuscitar um homem do que ver o Templo devolver o dinheiro”. Desculpe-me, estava apenas repetindo uma estúpida fala do povo – corrigiu-se Marta, corando, envergonhada.
- (...)
- Onde está meu manto? Vou dormir fora de casa.
- Não temos mais tuas roupas.
- Também as venderam?
- Não. Como o chamavam de “o leproso”, ninguém quis comprá-las. Tivemos de queimar tudo. (LJQ, p. 114-115)

Apenas quatro dias morto e Lázaro constata que perdeu seu lugar no mundo. Sua cama para o sono dos vivos não estava mais ali. Suas vestes para circular entre os vivos haviam virado cinzas. Seu dinheiro, tão necessário para ser alguém entre os vivos, fora entregue ao templo.

Lázaro volta muito vivo, mais vivo do que antes, mas não para este mundo, onde os valores são outros. Sem cama, sem veste, sem dinheiro, ele seria, praticamente um morto.

Temos a impressão que a experiência de Lázaro, a aproximação com a luz de Elohim ocorrida no túnel, o torna lúcido demais, vivo demais para a realidade em que é forçado a voltar, contra sua vontade. Ele aproveita todos os momentos para repudiar as cobranças pecuniárias efetuadas pelo templo. No tempo em que estivera morto o templo levou seu dinheiro.

Júlio, através das personagens, ironiza o tempo todo, brinca, carnavaliza³². Num trecho da passagem citada anteriormente, quando Marta diz que “é mais fácil ressuscitar um homem do que ver o Templo devolver o dinheiro”,

³² Sobre a carnavalização nos diz BAKHTIN: “Muitos aspectos essenciais, ou melhor, muitas camadas da vida, sobretudo as profundas, podem ser encontradas, conscientizadas e expressas somente por meio dessa linguagem. (2005, p.158-159)

parece que o autor está a brincar com a famosa frase bíblica encontrada em Mateus (19:24): “é mais fácil o camelo entrar pelo buraco da agulha do que o rico entrar no reino de Deus”.

Lázaro, então, sem cama, sem roupas limpas, sem dinheiro para o futuro, dorme na rua, na areia. Acorda, lava o rosto, faz as *abluções*, virado para Jerusalém recita baixinho a primeira das *mitzvót*: “Bendito sejas, Senhor do Universo, por não me teres feito gentio” (LJQ, p. 116). É uma ironia também encontrada no romance do Saramago. Um homem temente a Deus não deveria falar mal dos gentios.

Depois disso, Lázaro, desnordeado, sem saber se deveria voltar à vida de cordoeiro em Betânia, lembra-se de Gideão o pastor, e vai ter com ele. Lázaro acompanha Gideão no pastoreio, conversam, filosofam. Ficam por três dias nas montanhas. Parece que Gideão é o único a compreender Lázaro, perceber a dor que lhe vai por dentro. Diz ao amigo: “Não é fácil viver depois de se nascer. Mas ser-te-á ainda mais difícil viver depois de ter voltado. Lázaro, por que ele fez isso?” (LJQ, p. 118). Ao que Lázaro responde: “Disseram-me que foi porque me ama muito”. Estão falando de Jesus. Estão questionando o milagre, conversando, lá, nas montanhas, longe do povo, perto das ovelhas e dos cães, talvez mais perto de Deus?

Lázaro volta para a cidade, para seu ofício de cordoeiro. O que lá o espera é desolador. Ele será motivo de deboche até das crianças e o assunto de todos em Betânia³³. Mas o que doerá muito dentro dele, será a descoberta de que suas irmãs haviam vendido tudo que era seu. Desolado, desabafa com Benjamim:

- estive nas montanhas com Gideão, o pastor. Para acertar os pensamentos, entender as coisas. Sabias que minhas irmãs venderam tudo que era meu? Até minha

³³ Interessante observar que inicialmente Lázaro foi carregado nos braços, exaltado, e agora é motivo de deboche no povoado de Betânia. Outra característica da carnavalização, o “coroamento-destronamento” em público.

cama. Queimaram minha roupas. Eu sou isto aqui: um vivo que já morreu e só a roupa que tem no corpo. (LJQ, p. 122)

Ou seja, em nenhum momento Lázaro contenta-se do que lhe aconteceu. O que Lázaro queria mesmo era ter ficado lá, com a luz de Elohim. Mesmo assim, ele esforça-se, tenta uma convivência, ou seja, uma melhor vivência neste mundo, mas, parece que o mundo não lhe quer mais, a começar por sua casa. Depois, em seu trabalho, além do deboche e curiosidade do povo, outro fato lhe doerá no coração: “Quando levantei a cortina da minha tenda e vi, não dispostas sobre a mesa de trabalho, como sempre, mas, amarradas uma nas outras, num feixe, prontas para serem vendidas, as ferramentas com as quais eu tinha trabalhado por toda minha vida e, ainda antes de mim, meu pai” (LJQ, p. 124). O próprio Lázaro relata esta dor: “Doeu-me o coração terem minhas irmãs se disposto a isto. O pior de tudo, é que tinham agido de acordo com o senso comum” (LJQ, p. 124).

Um pouco depois aproxima-se da tenda uma mulher que diz querer comprar uma corda, mas encara-o efusivamente. Ao que Lázaro não se contém:

- acaso não manda a lei que uma mulher não encare demoradamente um homem estranho?
- Um homem, sim – respondeu – mas não um que já não o é.
- A língua de uma mulher pode ser pior que o veneno de dez víboras.
- Nenhum veneno mata aqueles a quem nem o inferno quis manter – arrematou, indo-se. (LJQ, p. 125)

Enfim, pobre Lázaro, nada de bom lhe acontece. Volta para casa desanimado. Depois da ceia ainda mais pobre que de costume, sai pelos fundos da casa. Vai procurar Raquel.

Todo o texto de Júlio é muito bem ambientado geograficamente e historicamente, demonstrando ser o autor conhecedor de geografia e história bíblicas. As personagens carregam nomes bíblicos, dialogando com todo o texto bíblico, formando um grande intertexto. Por vezes parodiando, mas nunca perdendo de vista o texto mãe, a Bíblia.

Ao procurar Raquel, Lázaro sofrerá outra perda, será no campo amoroso. Sem cama, roupas, dinheiro. O *clima* insustentável no trabalho. Isto para um homem que era afeiçoado ao trabalho e à família. Fora isso, tinha as fugas noturnas escondidas para a casa de Raquel, seu divertimento amoroso, seu grande amor, ela viúva, ele solteiro. Mas, ficará sabendo por ela, o amor clandestino deles havia sido descoberto e a *Lei* não permitia. Sim, Sulamita, esposa de um guarda do templo descobriu e estava ameaçando-a. Isso seria motivo de apedrejamento. Raquel não queria ter este triste destino. Nenhuma outra mulher haveria de querer um destino destes. Nem homens deveriam de querer tal destino trágico para as mulheres, pois, como diz Raquel: “Só que nenhuma mulher é adúltera sozinha” (LJQ, p. 129). Por entender que nenhuma mulher deveria apedrejar outra, Raquel ainda diz: “mulheres deveriam ter piedade de quem pecou por amor” (LJQ, p. 129). Por fim, declara: “Meu amor por ti é grande, Lázaro! Mas meu medo é muito maior.” (LJQ, p. 129)

Com gosto de fel na boca Lázaro caminhará, desnortado, pela noite de Betânia. Ao Ultrapassar os muros da cidade perceberá pessoas esgravatando o chão. São leprosos. Um deles entabula conversa com Lázaro, compartilha sua história de falso leproso e sua preferência por viver no Vale dos mortos à hipocrisia da Lei. Alerta Lázaro para a avareza do templo, insinua que o templo soube do bom negócio que Lázaro havia feito antes de o intimar sobre a possível doença e lhe exigir os carneiros. E finaliza: “Nós, os leprosos, somos mais livres. Ninguém tira de quem é impuro. O pouco que temos é intocável. Até mesmo para os sacerdotes” (LJQ, p. 133).

A longa conversa com o leproso levou Lázaro a vivenciar o que havia dentro da gruta dos mortos vivos, dos que foram banidos da sociedade por outra podridão, a que bane o imperfeito e o fora da lei, a podridão do medo. E dizer que Lázaro poderia ter sido um deles, caso o templo o tivesse julgado leproso naquela

ocasião. Incerto sobre tudo e todos, mais desnorteado ainda, Lázaro retorna à Betânia.

É tarde da noite quando chega em casa. Maria vem a seu encontro, conta-lhe que o Reib do Templo esteve à procura de Lázaro, com quem quer falar. Ingenuamente, Maria acredita que o sumo-Sacerdote oferecerá um emprego ao irmão. Este, acostumado, consciente e avisado dos perigos que a notícia de sua ressurreição provocariam, prevê mais um infortúnio pelo qual terá de passar, e não se engana, pois é o que lhe ocorrerá, a intenção dos sacerdotes é de incriminá-lo e, principalmente, incriminar a Jesus.

No templo, fizeram muitas perguntas a Lázaro, uma delas foi esta: Que achas da ressurreição? Como pretendem os fariseus, ou como sabemos nós, os saduceus?” (LJQ, p. 138). Ao que Lázaro, sabiamente responde, para, talvez, se safar:

- Sou um simples cordeiro, como sabem todos em Betânia. Do que defendem os fariseus, é bem melhor perguntar a um deles. E, do que advogam os saduceus, não há falta deles, em Jerusalém. Fico muito honrado com a pergunta, mas não é a um pobre e simples cordeiro que se indaga sobre tais coisas.
- Mas proclamas que estiveste na morte e reviveste.
- Ninguém me ouviu proclamar qualquer coisa. Talvez tenham tomado o sono de minha doença pelo sono da morte. Isso acontece, às vezes. Mas como não morri, pois aqui estou, respirando e lhes falando, seria justo que nos fosse devolvido o dinheiro dado para o sacrifício que minhas irmãs pagaram ao Templo por terem tocado em cadáver. Como não sou cadáver, não houve necessidade de sacrifício de purificação. Também o dinheiro pelo uso da gruta, na qual me colocaram por engano nos faz muita falta. (LJQ, p. 138)

Ora, Lázaro, astuto, aproveita o embate para exigir aquilo que está lhe fazendo falta, o dinheiro. E finaliza, com muita ironia: “se algum deles notou meu pedido de restituição do dinheiro gasto, não deu a perceber” (LJQ, p. 138). Os sacerdotes bem que tentaram incriminá-lo, mas não conseguiram. É irônico e verdadeiro o comentário de Lázaro ao sair do templo: “Saí para a luz” (LJQ, p. 139). E completa: “Toda a luz teria sido pouca para iluminar meu ânimo. Então isso é no que transformaram a fé de nossos pais? O que têm essas armadilhas, esses ódios, com a pureza amorosa e sem limites de Elohim?” (LJQ, p. 139). Ao

longo do texto Lázaro vai pontilhando seu conceito de luz e amor, do que é certo e errado, do que, a seu ver, interessa do ponto de vista religioso. As instituições estão longe de conseguir isso: espalhar a luz e o amor de Elohim.

Um pouco depois alguém na rua lhe avisa que os sacerdotes procuram por Joshua para prendê-lo e também, possivelmente, a Lázaro. Pergunta a Lázaro se conhece o Nazareno. Mais uma vez Lázaro nega sua proximidade com Jesus. Mas a impressão que se tem é que Lázaro está com muito medo, desnordeado, tentando sobreviver.

É noite quando Lázaro chega em casa. Depara-se com as irmãs atarefadas preparando massa para pães. E não gosta nem um pouco quando descobre que os preparativos são para o Mestre, que passará por Betânia a caminho de Jerusalém onde comemorar-se-á a Páscoa. As irmãs perguntam a Lázaro: “por que falar assim de quem de tal modo o ama, que o trouxe de volta à vida?” (LJQ, p. 140) ao que Lázaro responde: “Isso, vida?”. Ou seja, em nenhum momento depois da ressurreição Lázaro demonstrará alegria em ter voltado à vida, muito pelo contrário. Por isso o desprezo por Jesus e, digamos assim, um certo ciúme da atenção das irmãs para com ele.

Lázaro vai para o deserto e lá ficará seis dias: “comendo do pouco que tinha levado comigo. Foi assim que havia passado a Páscoa.” (LJQ, p. 140). Isolou-se para não presenciar o Mestre com as irmãs, para refletir, para suportar-se só. Descia das montanhas, voltava a Betânia. No caminho alguém lhe conta da morte de Jesus, crucificado. Lázaro mente duplamente, diz não conhecer Jesus e nem a Lázaro. Na verdade, Lázaro já não se conhece mais. Nem os seus amigos, nem suas irmãs o reconhecem mais. A *passagem* o havia transformado num revoltado. Queriam que ele fosse o de antes, mas já não o era. Porém, Lázaro sabia quem gostaria de ser: aquele da luz de Elohim.

Desesperado, Lázaro voltará às montanhas, com intenção, de ir além delas, ao deserto. Vejam o que lhe afligia:

Eu estava só! Tão só como nunca estivera em toda a minha vida. Eu vinha acalentando a idéia de procurar o Rabi Joshua, lançar-me a seus pés e implorar-lhe que me fizesse morrer de novo.

Nada, a não ser miséria e sofrimento, tinha me trazido seu milagre. Seu poder já estava comprovado. Que ele me matasse!

(...)

Só que agora ele próprio está morto!

(...)

Aquele que tinha tido o poder de retornar à vida quem não queria ser revivido não tivera poder para ressuscitar a si mesmo! (LJQ, p. 142-143)

A grande tristeza de Lázaro, em meio a seu triste desespero, não é pela morte de Jesus, pelo sofrimento de Jesus na cruz. Em nenhum momento Lázaro chora pela dor de Jesus, pela falta que o Nazareno irá lhe fazer. Ao contrário, Lázaro aparentemente pouco se importa, tão obcecado está com a idéia de morrer de novo, e de que Jesus teria o poder de lhe devolver o que lhe havia tirado, a morte.

Caminhava, subia as montanhas. Apenas andava. De repente, surge, delineia-se um pensamento na mente de Lázaro, o de matar-se:

Quando eu chegasse à escarpa mais alta que pudesse alcançar, eu me atiraria dela para baixo.

(...)

Com um relance de olhos, reconheci, muito abaixo de onde eu estava, a escarpa que dera sombra a mim e Gideão, o pastor. Não o tinha notado antes, mas ela subia pontiaguda como um dedo de pedra a mostrar-me o caminho. (LJQ, p. 143-144)

Seria o dedo de Deus a apontar-lhe o caminho de volta? Seria o desespero de Lázaro a ver um dedo esculpido numa pedra a apontar-lhe seu destino, uma orientação externa para a desorientação interna? Lázaro não se questionava mais, Lázaro era todo idéia, uma só idéia, matar-se para o encontro com a luz de Elohim, para libertar-se do sofrimento, do inferno. Mas, apesar da certeza, a sua morte não acontecerá exatamente como planeja, vejamos como o

dedo de deus ou da ciência lhe tira a vida um segundo após a intenção e um segundo antes da ação:

Seria dali!

Lancei o olhar para a vastidão do horizonte, que quase me circundava.

Olhei para baixo. Muito, muito abaixo dos meus pés, uma meia dúzia de escarpas eriçadas sobressaía das outras, como dentes. Seria por eles que me abriria a porta para a eternidade.

Lembro-me de ainda ter gritado:

- Elohim, recebe-me em teu amor!

Fechei os olhos e dei ordem ao corpo para que se atirasse ao vazio.

Contive a respiração.

Mas antes mesmo de meu corpo ter se lançado da escarpa, havia me faltado ar, eu havia lutado contra uma serpente que se enrolava em meu pescoço, apertando, fechando-lhe a entrada do ar. Debatia-me freneticamente quando uma dor imensa explodiu no meu coração abrindo nele um rio de sangue, que se escapava em borbotões. Vi a lâmina do punhal reluzir ao sol – era poente, notei – e cravar-se no meu corpo já sem vida. (LJQ, p. 145)

Pelo texto acima, afigura-se que Lázaro morreu de morte natural, morrida, dá a entender que seria um enfarto. O Lázaro poético encontra tempo de notar que era poente. Depois, a lâmina. Cremos tratar-se dos ladrões que chegam para assaltá-lo. Furtam os pertences de Lázaro, jogam-no para o abismo, executam o plano do morto-vivo. Sim, pois Lázaro agora é que está se sentindo vivo, todos estes episódios, da morte, dos ladrões, do corpo estraçalhado nas escarpas são narrados pelo próprio Lázaro depois de morto, ou, quem sabe, depois de vivo. Lázaro se descreve: “eu estava indiferentemente sobrevoando e abandonando aquela massa disforme que tinha sido eu” (LJQ, p. 145).

Chegamos ao último capítulo do conto, Lázaro encontra-se na casa das irmãs, mas ninguém o vê. Agora, sem o peso do corpo, os sentimentos amorosos de Lázaro voltam. Reconhece o amor que sente pelas irmãs e as compreende, aceita-as, poetiza as diferenças das duas:

Nesse momento, reconheci quanto amava minha irmã.

Havia nela uma doçura mansa, uma necessidade de ser lago parado, enquanto Marta era a água encrespada pelo vento, sempre em movimento, muitas vezes, sem saber bem o porquê dele. Marta era a parede forte; Maria, a vinha graciosa que na outra se apoiava. (LJQ, p 145)

Mais adiante, percebe que elas estão chorando, mas logo, espanta-se, pois não choram por ele, choram pela morte do Nazareno. Não sabiam da morte de Lázaro, pensam que está na montanha com Gideão.

Finalmente, Lázaro constata que não faz mais parte deste mundo físico e, imediatamente, volta para o túnel, conforme descreve:

Vi meus assaltantes, de um modo borrado, horrivelmente manchados como se tivessem lepra. Mas não era nos seus corpos.
Tornei a ver minha morte. Revi meu pedido de amor a Elohim.
Passei instantaneamente pela mágoa e pelo medo de Raquel e observei, em seguida e rapidamente, Sulamita, sua atormentadora, também manchada pela mesma lepra que a de meus assaltantes.
A sensação de torpor e de movimento rápido me acompanhava, como se ambos pudessem ser a mesma coisa.
Eu avançava num crescendo de deixar de ser eu e de me tornar alegria no fim da jornada sem tempo.
A luz, a luz! (LJQ, p. 147)

A história poderia ter terminado aqui. Mas Lázaro ainda nos contará mais, talvez o mais importante: que finalmente compreendeu o motivo e a importância de sua ressurreição para o futuro da humanidade, conforme os últimos parágrafos do conto:

Tudo o que me acontecera tinha tido um sentido preciso num plano imenso. Era como se eu tivesse sido um fio colorido, escondido, mas essencial, entrelaçado nos fios de tantas outras vidas, dando-lhes um significado especial e, com elas, formando um tapete precioso e sem limites. Ao perceber isso, transbordei de gratidão iluminadamente amorosa.
Deslumbrado, entrevi, dentro da infinita Luz-amor para qual eu voltava instantaneamente, o Rabi Nazareno a me sorrir docemente, como sempre havia feito. (LJQ, p. 148)

Assim termina o conto de Júlio, estruturado em capítulos curtos. Apesar da narração em primeira pessoa, o texto apresenta vários diálogos diretos do protagonista com as outras personagens. Através destes diálogos, idéias são apresentadas, trocadas, acreditadas, ou, desacreditadas, assim, o Lázaro humano vai se pontuando, aprendendo, descobrindo coisas, expandindo sua própria consciência.

Outra característica importante deste personagem do conto é o “de limiar”, Lázaro não se estabelece em lugar algum depois da ressurreição, é um ser de passagem, *no limiar*³⁴ das coisas, um entre-vidas, um não lugar.

Júlio interage muito bem com o texto mãe. Através da ressurreição de Lázaro o autor pontua em pano de fundo a história daquele outro, que nasceu em Belém e morreu crucificado. Dizem que ressuscitou ao terceiro dia e está sentado à direita de Deus pai todo poderoso. O Lázaro de Júlio confirmou isso ao final do conto.

Em relação ao desfecho do personagem, poderíamos dizer que teve um final feliz, apesar de sofrer praticamente durante todo o tempo no decorrer do conto. Uma mistura de homem ingênuo, desconfiado, carente, pobre, triste a maior parte do tempo, por outro lado, um homem aprendendo, desapegando-se, desiludindo-se, um homem em construção, um homem-humano.

³⁴ Outra característica da carnavalização.

4 O HOMEM QUE COPIAVA
(Lázaro por José Saramago)

*Ninguém na vida teve tantos pecados
que mereça morrer duas vezes*

José Saramago

Para estudarmos a composição do personagem Lázaro na obra **O Evangelho segundo Jesus Cristo** de Saramago, utilizaremos a edição de 1991 (primeira, mas em sua décima-quarta reimpressão), da Companhia das Letras.

Edição em brochura, com capa em material resistente, emplastificada, na cor cinza, com o nome do autor e da obra na cor bordô (um vermelho puxando para marrom, lembrando sangue na terra?). Um pouco abaixo, a capa ainda traz iluminura de Ettore Bottini sobre A criação do mundo (de 1175), retirada da Bíblia de Souvigny.

Dentro da obra, no verso da falsa folha de rosto, lê-se *Por desejo do autor foi mantida a ortografia vigente em Portugal, e, na página de rosto, o subtítulo Romance*, para deixar bem claro ao leitor que é uma obra de ficção. Na folha seguinte, a dedicatória A Pilar. As epígrafes constantes na próxima folha são de Lucas e Pilatos, transcrevemos a de Lucas:

"Já que muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram, como no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e se tornaram servidores da Palavra, resolvi eu também, depois de tudo ter investigado cuidadosamente desde a origem, expor-tos por escrito e pela sua ordem, illustre Teófilo, a fim de que reconheças a solidez da doutrina em que foste instruído." (SARAMAGO, 1991, p. 11)

Na orelha esquerda do livro, o comentário de José Paulo Paes inicia assim "Para que as histórias permaneçam vivas é preciso recontá-las". Na orelha direita, foto do romancista em preto e branco, de terno e gravata, com óculos de grossa armação, a imagem transmite seriedade, poderia ser a foto de um pesquisador ou historiador. Mas um escritor não é tudo isso e um tanto mais?!

A partir de seu romance *Levantado do chão*, de 1990, José Saramago tornou-se *best-seller* internacional. O escritor ganhou diversos prêmios literários antes de ser agraciado com o *Nobel de Literatura* em 1998. Quando publica o *Evangelho Segundo Jesus Cristo* em 1991, conquista o *Grande Prêmio do Romance e Novela* da associação Portuguesa de Escritores. Ateu convicto, Saramago criou outro evangelho, dando sua versão à história bíblica arqui-conhecida. Neste romance Saramago polemiza e humaniza a vida de Cristo de maneira surpreendente. Tratem, então, de verificar como se sucedeu a passagem da ressurreição de Lázaro, ou melhor, da não ressurreição, na obra deste ateu que tem paixão pelos relatos bíblicos.

O Lázaro saramaguiano é um copista de livros erudito de saúde frágil. É também o irmão de Maria de Magdala, a mulher que Jesus teve por companheira, no decorrer do romance. Apesar disso, o milagre ocorre de forma completamente diferente da narrada no texto bíblico, ou melhor, não ocorre, devido a intervenção da irmã do morto e companheira de Jesus. Mesmo assim, esta passagem vai marcar profundamente a vida do Jesus saramaguiano, levando-o à depressão.

Muitos se perguntam o que teria sido a vida de Lázaro depois da ressurreição, isto, entre os homens de fé cristã, que acreditam nas palavras dos evangelhos bíblicos. Nem todos os homens ocidentais acreditam nas palavras sagradas dos Evangelhos, como por exemplo, o escritor José Saramago.

O Lázaro (ou a não-ressurreição dele) em Saramago, ocupará basicamente um capítulo do romance, trata-se do penúltimo capítulo *do Evangelho Segundo Jesus Cristo*, que vai da página 401 à página 428. Neste romance, a irmã de Lázaro, Maria de Magdala, é a companheira de Jesus. Transcrevemos a

passagem na qual Jesus toma conhecimento dos familiares de sua companheira, e nós, leitores, de que a Maria de Magdala é a irmã dos famosos personagens bíblicos Marta e Lázaro:

Das mãos dos arrais do barco receberam Maria e Jesus o cesto de peixe com que lhes era pago o serviço, e, como sempre faziam, recolheram-se os dois à casa onde pernoitariam, porque a sua vida era isto, não ter casa própria, ir de barco em barco e de esteira em esteira, algumas vezes, ao princípio, Jesus disse a Maria, Esta vida não te convém, busquemos uma casa que seja nossa e eu irei estar contigo sempre que seja possível, ao que Maria respondeu, Não quero esperar-te, quero estar onde estiveres. **Um dia Jesus perguntou-lhe se não tinha parentes que pudessem recebê-la, e ela disse que tinha um irmão e uma irmã vivendo na aldeia de Betânia de Judeia, ela Marta, ele Lázaro** (grifo nosso), mas que os deixara quando se prostituíra e, para que não se envergonhassem dela, fora para longe, de terra em terra, até chegar a Magdala. (ESJC, p. 331)

O penúltimo capítulo, no qual vamos nos debruçar em maior tempo, para trabalharmos o *Lázaro*, inicia quando

Jesus e os seus iam pelos caminhos e povoados, e Deus falava pela boca de Jesus, e eis o que dizia, Completou-se o tempo e o reino de Deus está perto, arrependei-vos e acreditai na boa nova. Ouvindo isto, pensava o vulgo das aldeias que entre completar-se o tempo e acabar-se o tempo não podia haver diferença, e que portanto vinha aí próximo o fim do mundo, que é onde o tempo se mede e gasta. (ESJC, p. 401)

Observem que o capítulo inicia adentrando num assunto, qual seja, o tempo. É claro que trata-se da pregação de Jesus e dos seus sobre o fim dos tempos, mas, poderia ser uma chamada para a reflexão do que fazemos com nosso tempo, quando vivos estamos, e qual o significado do tempo de vida de uma pessoa. Afinal, o que é tempo, para que serve? Em *Eclesiastes* encontramos uma possível resposta:

Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu.
 Tempo de nascer,
 e tempo de morrer;
 tempo de plantar,
 e tempo de arrancar a planta.
 Tempo de matar,
 e tempo de curar;
 tempo de destruir,
 e tempo de construir.
 Tempo de chorar,

e tempo de rir;
tempo de gemer,
e tempo de bailar.
Tempo de atirar pedras,
e tempo de recolher pedras;
tempo de abraçar,
e tempo de separar.
Tempo de buscar,
e tempo de perder;
tempo de guardar,
e tempo de jogar fora.
Tempo de rasgar,
e tempo de costurar;
tempo de calar,
e tempo de falar.
Tempo de amar,
e tempo de odiar;
tempo de guerra,
e tempo de paz.
(Bíblia. Eclesiastes, 3)

Por que Saramago, através da voz do narrador, iniciou o capítulo falando de tempo? Teria ele a intenção de fazer o leitor pensar no tempo, nas suas várias acepções, para depois, aos poucos, adentrar nas outras mortes³⁵? A morte é o fim do tempo da vida. É Jesus quem exclama: “Meu Deus, meu Deus, que frágeis nos fizestes e que fácil é morrer” (ESJC, p. 101), e há um ditado popular que diz “para morrer, basta estar vivo”. O que é a morte? Ninguém sabe ao certo, mas a temem. Já dizia SÓCRATES: “Ninguém sabe se a morte não é o maior bem dos homens, entretanto, todos a temem como se soubessem que é o maior dos males” (1987, p.47).

Ora, de que adiantariam os milagres se não houvesse o tempo, a doença e a morte? Curar da doença para quê? Para viver mais tempo e adiar a morte. Por isso o texto prossegue e adentra nos milagres de cura:

Todos davam muitas graças a Deus pela misericórdia de ter mandado adiante, a dar formal aviso da iminência do sucesso, **um que se dizia seu filho, o que bem podia ser verdade, porquanto sem mais nem quê obrava milagres por onde quer que passava** (grifo nosso), a única condição, se assim lhe deve chamar, mas essa imprescindível, era a convicta fé de quem lhos rogasse, como foi o caso daquele leproso que lhe suplicou, Se quiseres podes limpar-me, e Jesus, com muita dó do mísero chagado, tocou-o e mandou, Quero, fica limpo, palavras não tinham sido ditas,

³⁵ Estamos nos referindo às mortes de Lázaro e Jesus.

naquele mesmo instante a carne podre tornou-se sã, o que nela já faltava achou-se restituído, e, onde estivera um gafoso horrendo e sujo, de quem todo o mundo fugia, via-se agora um homem lavado e perfeito, muito capaz para tudo. (ESJC, p. 401)

Assim prossegue Jesus a realizar diversos milagres por onde passa, antes de chegar à casa de Lázaro. O narrador intruso aproveita-se do tema para fazer as suas próprias considerações:

Está visto que as pessoas não andam todas por aí a pedir milagres, cada um de nós, com o tempo, habitua-se às suas pequenas ou medianas mazelas e com elas vai vivendo sem que alguma vez lhe passe pela cabeça importunar os altos poderes, mas os pecados são outra coisa, os pecados atormentam por baixo do que se vê, não são perna coxa nem braço tolhido, não são lepra de fora, mas são lepra de dentro³⁶. (ESJC, p. 402)

Depois destes milagres, Jesus prossegue em pregação das bem-aventuranças quando Deus lhe coloca outras palavras na boca, lembrando-o da morte que se aproxima, ao que o rosto de Jesus se transfigura em sofrimento. A irmã de Lázaro, Maria de Magdala, é quem diz:

Deus é quem traça os caminhos e manda os que por eles hão de seguir, a ti escolheu-te para que abrisses, em seu serviço, uma estrada entre as estradas, mas tu por ela não andarás, e não construirás um templo, outros o construirão sobre o teu sangue e as tuas entranhas, portanto melhor seria que aceitasses com resignação o destino que Deus já ordenou e escreveu para ti, pois todos os teus gestos estão previstos, as palavras que hás-de dizer esperam-te nos sítios aonde terás de ir, aí estarão os coxos, a quem darás pernas, os cegos a quem darás vista, os surdos a quem darás ouvidos, os mudos a quem darás voz, **os mortos a quem poderias dar vida, Não tenho poder contra a morte, Nunca o experimentaste, Já, sim, mas a figueira não ressuscitou**(grifo nosso), O tempo, agora é outro, tu estás obrigado a querer o que Deus quer, mas Deus não pode negar-te o que tu queiras.” (ESJC, p. 405)

Fica esclarecido, no texto acima, questões importantes para o nosso tema: Jesus temia a morte e não se considerava portador do poder de ressuscitar alguém. A irmã de Lázaro, sua companheira, é quem o incentiva e o esclarece sobre este poder, como se dissesse a ele: “agora você o tem, agora você pode”. Dias depois viajariam a Betânia, após Jesus despachar seus discípulos para pregarem na Palestina:

³⁶ Em Júlio de Queiroz também encontramos a comparação de pecado com lepra.

E como assim se achou sozinho com Maria de Magdala, pois as outras mulheres tinham acompanhado os homens, conforme os gostos e as preferências deles e delas, lembrou-se de ir de jornada até Betânia, que está perto de Jerusalém, e assim, se ao dito não falta respeito, matavam dois coelhos numa cajadada, **visitando eles a família de Maria, que já era tempo de que se reconcilhassem os irmãos e conhecessem os cunhados**, e indo depois o grupo, outra vez reunido, a Jerusalém, pois Jesus marcara encontro a todos os seus amigos para daí a três meses, em Betânia. (ESJC, p. 405)

Assim se costura este romance, ou melhor, este parágrafo, de coisa em coisa, até chegarem Jesus e Maria na casa onde moram Marta e Lázaro. Maria receava não ser bem recebida pelos irmãos, fazia muito saíra de casa, era uma prostituta. Jesus tentava afastar-lhe da cabeça as idéias negras. Entraram em Betânia, “Maria cobrindo meio rosto, por vergonha de que a reconhecessem os vizinhos” (ESJC, p. 408). Chegam à casa, batem na porta, é Marta quem os recebe: “Quem chama, a sua própria resposta pareceu tê-la trazido até à porta, e aí estava, Marta, a irmã de Maria, gémeas, porém não iguais, porque sobre esta fizera mais estrago a idade, ou o trabalho, ou o feitio e modo de ser” (ESJC, p.409).

Daqui para frente irá se desenrolar um conflito entre as irmãs que não será solucionado durante o romance. Nas passagens bíblicas Maria é a complacente que ouve Jesus e Marta é a que reclama a Jesus que Maria não quer ajudá-la. Saramago aproveitou-se disso para dar umas alfinetadas em Marta e colocou-a com aparência bem mais velha; por outro lado, iluminou a presença da outra irmã de Lázaro, Maria de Magdala, cuja personagem é de uma mulher no ápice da sabedoria.

Marta recebe os dois com bastante receio. Percebe que o homem que acompanha sua irmã é decente, mais do que isso, encanta-se com ele. Depois de conflitos e entraves as irmãs finalmente se abraçam. É quando Maria pergunta pelo irmão: “Lázaro onde está, perguntou Maria, Na sinagoga, E de saúde, como tem passado, Continua a sofrer daquelas suas antigas sufocações, fora isso, não passa mal”. (ESJC, p. 410)

Ora, Marta não se conforma de a irmã ter ficado fora todo este tempo sem mandar notícia, é o que lemos em seus pensamentos através da onisciência do narrador saramaguiano:

Deu-lhe vontade de acrescentar, noutro sobressalto de amargura, que a preocupação se tinha atrasado pelo caminho, pois, em todos estes anos de culpada ausência, a irmã pródiga, pródiga de tempo e de corpo, pensou Marta com ironia despeitada, nunca tivera a lembrança de mandar saber notícias da família, em particular de um irmão cuja saúde débil, a cada instante parecia ir romper-se de vez. (ESJC, p. 410)

O texto prossegue, Jesus, um pouco afastado, observava o conflito entre as irmãs, entre a água e o vinho, entre a divagação e a ordem, entre a levitação e o peso, entre o ar e a terra, entre a dureza e a ternura. A próxima fala de Marta irá nos apresentar a profissão do irmão, não com orgulho, mas com a desculpa de que foi o que lhe restou fazer com a pouca saúde que tem:

Marta disse, O nosso irmão copia livros na sinagoga, não tem saúde para mais, e o tom, embora a intenção não fosse certamente essa, era o de alguém que nunca irá compreender como é possível viver sem esta força diligente, sem este contínuo trabalho, que em todo o santo dia não tenho um momento de descanso. (ESJC, p. 411)

Jesus, que estava a observar de perto, já curioso por conhecer Lázaro, interessa-se: “De que sofre Lázaro, perguntou Jesus, Dumas sufocações, como se o coração se lhe fosse parar, depois torna-se pálido, pálido, parece que vai ficar-se. Marta fez uma pausa e acrescentou, É mais novo do que nós, disse-o sem pensar, talvez porque subitamente dera pela própria juventude de Jesus”. (ESJC, p. 411)

Então, temos um Lázaro copiador de livros, de saúde precária e jovem. Sobre a cópia de manuscritos, John Allegro, renomado especialista em dialetos hebraicos, citado por Katzenstein, diz: “É devido ao fato de os escribas judeus terem copiado seus manuscritos sagrados com tão extraordinário cuidado que o texto padronizado da Bíblia (...) nos foi preservado até a época presente, e, surpreendentemente, com poucas alterações ou divergências” (KATZENSTEIN, 1986, p. 264).

Segundo KATZENSTEIN (1986, p. 249), o trabalho do copista na sinagoga não era dos mais fáceis. Havia normas a seguir, por exemplo, o nome de Deus não podia ser apagado de modo algum. A escrita quadrada usada para a Tora, assim como o material que lhe serve de suporte, o pergaminho, eram considerados sagrados. O texto só podia ser copiado por um judeu que vivesse estritamente de acordo com a Lei³⁷.

Enfim, Marta mandou avisar o irmão de que tinha retornado Maria, mas “não o fez sem ter hesitado muito, pois assim ia abreviar a inevitável e saborosa notícia de que a prostituta irmã de Lázaro regressara a casa, com o que a família voltava a cair nas bocas do mundo depois de o tempo, mais ou menos, as ter feito calar” (ESJC, p. 412). Marta, Marta, como te preocupas com o que os outros vão dizer. Acorde, Marta, acorde, é tua irmã que chegou, aquela, que compartilhou contigo a barriga de tua mãe. Mas Marta, só alivia os duros pensamentos com a chegada do irmão:

Lázaro, chegando, se abraçou a Maria e lhe disse com simplicidade, Bem-vinda sejas, minha irmã, como se não lhe estivessem doendo tantos anos de ausência e de calado desgosto, e porque algum sinal de alegre disposição agora lhe competia dar, apontou Marta a Jesus e disse para o irmão, Este é Jesus, nosso cunhado. (ESJC, p. 412)

O encontro daquele a quem *Jesus amava* se dá assim, de forma muito natural neste romance de Saramago, como se fosse em nossa casa uma irmã apresentando o irmão ao cunhado, nada de mais, nenhuma timidez, nenhum mistério, a amizade entre os dois brota de forma instantânea e espontânea, dois do mesmo sexo se encontrando por laços de família. Diríamos até, já existir dissimulada no íntimo desses dois, Lázaro e Jesus, a necessidade de uma amizade verdadeira. Ao entrar em cena a amizade *destes que se amaram*, as irmãs assumem os papéis da mãe da casa, que limpa e cozinha enquanto os homens conversam.

³⁷ Conferir a *Lista para um bom copista* no Anexo D.

Em seguida, depois de cearem, enquanto as mulheres tomam as providências da casa, os dois saem a conversar no pátio sob as estrelas, é quando Jesus cura Lázaro, conforme transcrevemos:

Jesus, olhando as primeiras estrelas que surgiam no céu ainda claro, perguntou, Sofres, Lázaro, e Lázaro respondeu, numa voz estranhamente tranquila, Sim, sofro, Deixarás de sofrer, disse Jesus, Decerto, quando estiver morto, Deixarás de sofrer agora, Não me tinhas dito que és médico, Irmão, se eu fosse médico não saberia como curar-te, Nem podes curar-me, mesmo não o sendo, Estás curado, murmurou Jesus docemente, tomando-lhe a mão. (ESJC, p. 413)

Assim, Jesus cura a Lázaro, que a partir deste instante sente que “o mal lhe fugia do corpo como uma água escura devorada pelo sol, que se lhe alargava o fôlego e rejuvenescia o coração” (ESJC, p. 413).

É aí que entra a maestria do escritor Saramago, ao anteceder o milagre. Com um simples toque de Jesus no peito de Lázaro, este se cura, o mal some, como se tivesse um coração novo. E é justamente esse milagre, o da cura (e não o da ressurreição), que vai se propagar por toda Betânia e por toda Jerusalém e complicar a vida do “eleito”. Por que Saramago escolheu o milagre da cura e não o da ressurreição? Por ser ateu? Existe toda uma linha de raciocínio no romance de Saramago contra a morte, em defesa da vida.

A esta altura da narrativa o leitor deve estar a pensar que Lázaro não morrerá, se curado está. Por isso, um momento de suma importância, em que o leitor intrigado grudará mais ainda os olhos à leitura para ver o que sucederá ao romance sem o famoso e derradeiro milagre. Claro que a leitura deste romance exige um leitor ruminante, com conhecimento do texto mãe, o que não é difícil num país de origem cristã como o nosso, em que algumas passagens bíblicas são lidas e relidas nas igrejas e nos lares, como é o caso do famoso milagre da ressurreição de Lázaro.

Veremos agora qual foi a reação de Lázaro diante do milagre da cura, já que, pelo visto, não haverá o milagre da ressurreição. Interessante observar no

trecho transcrito a seguir, a insinuação do narrador a respeito de uma tonalidade azul que haveria no pátio, mas logo se esclarece, desfazendo o sonho de qualquer leitor com sede de misticismo, porém, carregando a linguagem de poesia. Ficamos a pensar se quando o narrador diz “queremos dizer” estaria insinuando a presença do autor, ou seja, se é Saramago que junta-se ao narrador para desfazer um mal-entendido, ou se o verbo na segunda pessoal do plural está a referir-se ao narrador instalado nas mentes das irmãs de Lázaro:

Que é isto, perguntou, e a voz, enrouquecia-lhe de angústia, Quem és tu, Médico, não sou, sorriu Jesus, Em nome de Deus, diz-me quem és, Não invocas o nome de Deus em vão, Que devo entender, Chama Maria, ela to dirá. Não foi preciso, atraídas pelo repentino alhear das vozes, Marta e Maria apareceram à porta, andariam os dois homens altercando, mas logo viram que não, o pátio estava todo ele azul, o ar, queremos dizer, e Lázaro, trémulo, apontava para Jesus, **Quem é este, perguntava, que com ter-me tocado a sua mão e dizer-me Estás curado me curou** (grifo nosso). Marta veio para o irmão com o propósito de sossegá-lo, como era possível estar ele curado se daquela maneira tremia, mas Lázaro afastou-a, disse, Fala tu, Maria, que o trouxeste, quem é ele, Sem se mover do limiar da porta onde se deixara ficar, Maria de Magdala disse simplesmente, É Jesus de Nazaré, filho de Deus. (ESJC, p. 413)

Vê-se que o Lázaro de Saramago é um tanto comedido. Ele poderia sair pulando, cantando, mas não, ele quer saber quem é aquele que tem o poder de curar. Ele é um tanto científico, um copista de livros, provavelmente erudito, possivelmente daqueles que acreditam mais na ciência do que na fé. Provavelmente a doença que lhe obrigava a uma vida cheia de limitações, com menos movimento de corpo, lhe trazia algumas compensações, pois, o movimento que o corpo economizava, na mente sobrava. Lázaro tinha pensamentos rápidos, foi com rapidez que se voltou a Jesus, para saber quem é aquele que tem mais poder do que a ciência.

Ora, milagre feito, a notícia se espalhou por toda Betânia e além dela. Assim, enquanto Jesus esperava a volta dos discípulos, operava milagres nos que rodeavam a casa de Lázaro, exercia o poder curativo, sem artifícios ou passes de mágica, de um modo muito simples, com uma ou duas palavras. E o resultado era este:

Acto contínuo a pele dos leprosos brilhava como o orvalho ao dar-lhe a primeira luz do sol, os mudos e os gogos embriagavam-se no fluxo torrencial da palavra libertada, os paralíticos saltavam do catre e dançavam até se lhes esgotarem as forças, os cegos não acreditavam no que os seus olhos podiam ver, os coxos corriam e corriam, e depois, de pura alegria, fingiam-se de coxos para tornarem a correr outra vez. (ESJC, p. 417)

Impossível não rir³⁸ durante a leitura da passagem cômica citada acima. Saramago brinca, carnavaliza o tempo todo. Ele consegue trabalhar o lírico e o riso como nenhum outro escritor conseguiu. Depois de *Dom Quixote*, o romance de Saramago é a narrativa mais engraçada que nos chegou às mãos. Sem perder o ponto de vista histórico Saramago compõe um novo evangelho de Jesus: lírico, cômico e crítico. Cabe aqui citarmos Bakhtin, segundo ele:

Esse antiqüíssimo sentido ritual da ridicularização do supremo (da divindade e do poder) determinou os privilégios do riso na Antigüidade e na Idade Média. Na forma do riso resolvia-se muito daquilo que era inacessível na forma do sério. Na Idade Média, sob a cobertura da liberdade legalizada do riso, era possível a *paródia sacra*, ou seja, a paródia dos textos e rituais sagrados. (BAKHTIN, 2005, p. 127)

Ainda neste capítulo de Saramago no qual trabalhamos a ressurreição de Lázaro, os discípulos retornam a Betânia, Jesus conhece João Baptista e será batizado³⁹, logo após, fica em solidão durante oito dias e, por fim, decide ir a Jerusalém, por isso volta à casa de Lázaro:

Na manhã seguinte, tendo ido a casa de Lázaro, não tanto para despedir-se, mas para dar sinal benévolo de que regressaria à convivência de todos, foi-lhe dito por Marta que o irmão já tinha saído para a sinagoga. Então Jesus e os seus tomaram a estrada de Jerusalém, e Maria de Magdala e as outras mulheres foram com eles até as últimas casas de Betânia, onde ficaram acenando adeuses, a elas bastava-lhes fazerem-no, que os homens nem uma só vez se voltaram para trás. (ESJC, p. 424)

Chegando a Jerusalém, Jesus e os seus dirigem-se ao Templo onde derrubam as mesas, empurrando e batendo nos que ali compravam, criam um tumulto geral, a ponto de os guardas serem chamados⁴⁰. Revolta feita, sob o deboche e escárnio da multidão, Jesus e os seus voltam a Betânia cansados e

³⁸ Sobre o riso na literatura, nos diz WILLEMART: “a verdade sem o riso torna-se dogmática e diabólica, além de trazer sua própria destruição” (1993, p. 19).

³⁹ O primeiro capítulo do Evangelho de João inicia com o batismo de Jesus.

⁴⁰ O Evangelho de João apresenta “A purificação do Templo” já no segundo capítulo.

maltrapilhos. Quando entram em Betânia notam que todos os olham com piedade e desgosto, mas quando entram na rua em que Lázaro morava, logo percebem que sucedera uma desgraça:

Jesus correu à frente de todos, entrou no pátio, pessoas de ar compungido abriram-lhe caminho para que ele passasse, ouviam-se dentro os choros e as lamentações, Ai, meu querido irmão, esta era a voz de Marta, ai, meu querido irmão, esta a de Maria. Deitado no chão, sobre uma esteira, viu Lázaro, tranquilo como se dormisse, o corpo e as mãos compostas, mas não dormia, não, estava morto, durante quase toda a sua vida o seu coração ameaçara deixá-lo, depois curara-se, que assim o podia testemunhar Betânia inteira, e agora estava morto, por enquanto sereno como se fosse de mármore, intacto como se tivesse entrado na eternidade, mas não tardará que do interior da sua morte suba à superfície o primeiro sinal de podridão para tornar mais insuportável a angústia e o pavor deste vivos. (ESJC, p. 427)

Jesus correu com o desespero de um pai que corre para salvar um filho, ou, de um irmão mais velho para salvar um irmão mais novo. No trecho transcrito, fica claro que Lázaro sofria do coração, que era muito querido pelas irmãs, e que Jesus estava sendo fuzilado com os olhos, pois a cura de Lázaro não durara nem três meses. Aqui, o leitor deve pensar, então haverá o milagre, já que Lázaro morreu, Jesus poderá ressuscitá-lo. Vejamos o que acontece, neste romance nada convencional, porém, totalmente sensacional:

Jesus, como se lhe tivessem cortado de um traço os tendões dos jarretes, caiu de joelhos, e gemeu, chorando (...) Do fundo de seu desfeito e amargo choro, Marta disse a Jesus, Se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido, mas eu sei que tudo quando pedires a Deus, ele to concederá, como se tem concedido a vista dos cegos, a limpeza dos leprosos, a voz dos mudos, e todos os mais prodígios que moram na tua vontade e esperam a tua palavra. Jesus disse-lhe, Teu irmão há-de ressuscitar, e Marta respondeu, Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia. (ESJC, p. 428)

Ora, Marta não se conformava com a morte do irmão, por isso, vai além de sua fala no texto bíblico, explica-a, como se dissesse, quem pode fazer enxergar cegos é claro que pode trazer à vida este meu irmão que morreu, ou seja, Marta instiga Jesus, provoca-o, Marta é toda intenção de ver o irmão voltar à vida, afinal, os dois conviviam ali por tanto tempo enquanto a irmã se fora a prostituir-se. Jesus, então, pela primeira vez neste romance irá sentir o poder imenso que lhe vai por dentro:

Jesus levantou-se, sentiu que uma força infinita arrebatava seu espírito, podia, nesta suprema hora, obrar tudo, cometer tudo, expulsar a morte deste corpo, fazer regressar a ele a existência plena e o ente pleno, a palavra, o gesto, o riso, a lágrima também, mas não de dor, podia dizer, Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá, e perguntaria a Marta, Crês tu nisto, e ela responderia, Sim, creio que és o filho de Deus que havia de vir ao mundo, ora, assim sendo, estando dispostas e ordenadas todas as coisas necessárias, a força e o poder, e a vontade de os usar, só falta que Jesus, olhando o corpo abandonado pela alma, estenda para ele os braços como o caminho por onde ele há de regressar, e diga, Lázaro, levanta-te e Lázaro levantar-se-á porque Deus o quis, mas é neste instante, em verdade último e derradeiro, que Maria de Magdala põe uma mão no ombro de Jesus e diz, **Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes** (grifo nosso), então Jesus deixou cair os braços e saiu para chorar. (ESJC, p. 428)

Assim termina o penúltimo capítulo deste evangelho saramaguiano. O próximo capítulo, o último do romance, inicia narrando a tristeza de Jesus: “Como um sopro gelado, uma transida frialdade, a morte de Lázaro apagou de golpe o ardor combatente que João havia feito nascer no ânimo de Jesus” (ESJC, p. 429). Pois, ao renunciar ao milagre, vejam em que drama familiar e pessoal se insere Jesus:

Lázaro estava presente e não se retirava. Estava presente nas duras palavras de Marta, que não perdoava a Maria ter ela impedido a ressurreição do próprio irmão, que não podia perdoar a Jesus a sua renúncia a usar de um poder que recebera de Deus. Estava presente nas lágrimas inconsoláveis de Maria, que por não sujeitar o irmão a uma segunda morte, ia ter de viver, para sempre, com o remorso de não o haver libertado desta. (ESJC, p. 430)

Lázaro será citado, ainda, em algumas passagens deste último capítulo do romance:

Chegou a tristeza de Jesus a um ponto tal que um dia Marta lhe disse, Não me morras tu agora, que então iria saber que coisa era morrer-me **Lázaro** (grifo nosso) novamente. (ESJC, p. 431)

Na minha morte estarão presentes todas as mortes de **Lázaro** (grifo nosso), ele é o que sempre estará morrendo e não pode ser ressuscitado. (ESJC, p. 431)

Lázaro (grifo nosso), que eu curei, morreu, João Batista, que me anunciou, morreu, a morte já está entre nós. (ESJC, p. 435)

Então pensou Jesus que podia, se quisesse, fazer a este homem o que a **Lázaro** (grifo nosso) não fizera, ressuscitá-lo, pra que viesse a ter, noutro dia, a sua própria e irrenunciável morte, distante e obscura, e não a vida e a memória intermináveis de uma traição. (ESJC, p. 439)

A ressurreição de Lázaro para o evangelista tem um papel importantíssimo. Segundo KERMODE, a “ressurreição de Lázaro não é, como incidentes comparáveis nos Sinópticos, um evento isolado. Em João, ela é o grande pivô de seu enredo” (ALTER & KERMODE, 1997, p. 489), a partir do dia em que ocorre esse milagre os judeus resolvem matar Jesus. No romance de Saramago, é depois da morte de Lázaro que Jesus entra em crise. A negação do milagre da ressurreição de Lázaro, em Saramago, não seria a negação da própria ressurreição de Jesus, uma vez que ele não queria morrer crucificado?

No evangelho de João esse milagre tem como função mostrar o poder do qual Jesus é revestido. A doença de Lázaro é para a glória de Deus e há a sugestão de que foi permitido que Lázaro morresse para esse propósito. No romance a cena é toda invertida. Se até aqui Deus vinha controlando os atos de Jesus, em seu relacionamento com Lázaro, Jesus age por vontade própria, curando-o da doença que tinha. Mais tarde, o narrador do romance dá um novo desfecho ao episódio, em que Jesus, de repente, sente uma força que não sentira em nenhum outro momento da história e passa a acreditar que pode fazer tudo.

Nesse momento derradeiro da cena, Jesus parece se igualar ao seu homônimo bíblico. Em pensamento, ele sente uma força que nunca antes havia sentido, e tal como o Jesus bíblico não duvida dar novamente vida a Lázaro, basta querer. Porém, tudo isso fica como num sonho, em que Maria tem o papel de acordar Jesus. Diante das palavras de sua companheira “Ninguém teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes”, Jesus perde toda a força que por um ínfimo momento tinha encontrado em seu interior e começa a chorar. A partir desse momento Jesus é tomado por uma dor incessante. Mais tarde, quando constata que a morte é inevitável, decide morrer, mas de uma forma que poupe a vida dos outros, impedindo as mortes que deveriam ocorrer após a sua se cumprir com os interesses de Deus.

O efeito da morte de Lázaro no Jesus Saramaguiano é devastador. Ele fica dias deprimido, não se conforma. Durante todo o romance relembra a morte das criancinhas inocentes que não foram poupadas, porque ele (e todos nós) nascemos para um dia morrer. Somente no fim do romance Jesus compreenderá seu triste destino:

Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios (grifo nosso), e, subindo lhe a lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez. Depois, foi morrendo no meio de um sonho, estava em Nazaré e ouvia o pai dizer-lhe, encolhendo os ombros e sorrindo também, Nem eu posso fazer-te todas as perguntas, nem tu podes dar-me todas as respostas. Ainda havia nele um resto de vida quando sentiu uma esponja embebida em água e vinagre que lhe roçava os lábios, e então, olhando para baixo, deu por um homem que se afastava com um balde e uma cana ao ombro. Já não chegou a ver, posta no chão, a tigela negra para onde o seu sangue gotejava. (ESJC, 444-445)

Saramago subverte o tempo todo no *Evangelho segundo Jesus Cristo*. O escritor constrói o romance aproveitando-se dos “vazios” do relato bíblico. Segundo Salma FERRAZ (1998, p. 35) “é reaproveitando este ‘vazio’ do relato bíblico sobre a vida de Cristo que o autor construirá as suas angústias existenciais, o seu aprendizado com o Diabo no deserto, etc.”. Ou, invertendo, quase sempre subvertendo. Muita ironia, mas com maestria. Maria e Marta gêmeas, alguém pensou antes? Uma coisa é certa: a morte para um ateu deve pesar mais do que para um crente, pois para este, ela é a possibilidade de vida eterna, enquanto para aquele, de morte eterna.

Sobre a importância deste episódio no romance e na obra de Saramago, BERRINI, em *Ler Saramago: o romance*, comenta:

Também importantes são outros episódios... Leia-se a **ressurreição de Lázaro. Momento importante, sem dúvida, se recordarmos por exemplo que Ricardo Reis já fantasiara a ressurreição de Lázaro na sua imaginação, na pessoa de um peregrino de Fátima** (grifo nosso), e a referira de mistura com a de Cristo. Parece ser uma pedra de escândalo a ser exorcizada pelo autor. (1998, p. 61)

Procuramos pontuar neste capítulo a passagem da ressurreição de Lázaro no *Evangelho Segundo Jesus Cristo* de Saramago, este foi o nosso foco. Não adentramos no trabalho da linguagem inovadora de Saramago, tal qual discorremos no capítulo em que trabalhamos o *Lázaro* de Hilst, por entendermos que a linguagem de Saramago já tenha sido explorada em diversas obras, tendo em vista que Saramago criou um novo estilo de narrar, em que o pensamento, nas exposições e nos diálogos, é reunido por blocos subjetivos separados por vírgulas, depois das quais a maiúscula indica mudança de interlocutor.

Por se tratar do recorte de um romance, foi necessário focalizarmos outros pontos importantes, como a seqüência da história em que o autor (ou narrador) insere o Lázaro e, posteriormente, sua ressurreição, isto é, se converge ou diverge do texto bíblico. Consideramos importante, também, focarmos o jeito saramaguiano de iniciar um capítulo novo, capítulo este que seria o da passagem da ressurreição de Lázaro e de outros milagres de Jesus.

Não menos importante o foco nas irmãs, uma delas, a companheira de Jesus. Queríamos ter focado mais o Saramago poético, destacamos apenas alguns pontos ínfimos, diante de seu criar poético-prolixo. Na verdade, todo o texto, ou melhor, todo o romance é altamente poético. Deus, a Saramago, deu âmago de poesia, o Saramágico, como dizem alguns, deixa-nos sem palavras, como quando éramos crianças, diante do mágico do circo: maravilhados.

5 CONCLUSÃO

(Quando se morre duas vezes)

*O que o homem não daria
pelo sorriso de deus?*

Ana Marques Gastão

Ao analisarmos o trânsito do Lázaro bíblico nas três narrativas aqui estudadas, constatamos que cada autor tem seu estilo próprio de narrar, contar um fato, recriar uma história. Apesar disso, ao longo do processo da análise interpretativa, percebemos algumas semelhanças entre os textos, como também, algumas diferenças acentuadas.

Consideramos importante frisar que ao compararmos os textos nossa única intenção foi a de aprimorar os estudos acerca das obras e do tema em questão. Portanto, nos depararmos com resoluções equivalentes nos respectivos textos, significou para nós, o intertexto a expandir-se em significado unívoco. Do mesmo modo, quando apontamos diferenças encontradas, nosso objetivo é chamar atenção para a multiplicidade.

Entendemos que, assim como a idéia de reescrever esta história foi comum aos três autores aqui estudados, é muito natural, que algumas idéias ou situações, permaneçam idênticas nas três narrativas, e, da mesma forma, consideramos muito natural e apropriado, que hajam diferenças.

Dito isto, apresentamos a seguir um quadro demonstrativo, bastante simplificado, de características importantes inerentes às obras. Percebam que incluímos neste quadro a tipologia do texto, bem como, o ano de publicação, a data de nascimento dos autores, porque consideramos dados sumamente importantes para a análise comparativa, visto que, o momento histórico-cultural em que o texto se insere é parte integrante da obra.

QUADRO DEMONSTRATIVO

ABORDAGEM	HILST	JÚLIO	SARAMAGO
Gênero	novela	conto	romance
Ano publicação	1970	2002	1991
Autores (data nascimento)	1930	1926	1922
Ambientação	Betânia	Betânia	Betânia
Lázaro	protagonista	protagonista	personagem com voz
Lázaro (profissão)	lavrador	cordoeiro	copista de livros
Irmãs	Marta e Maria	Marta e Maria	Marta e Maria de Magdala
Idade das irmãs	Marta mais velha	Marta mais velha	gêmeas
Maria (profissão)		prostituta	prostituta
Lázaro (doença)		falsa lepra	sufocações / coração
Milagre	ressurreição	ressurreição	cura mal- sucedida
Desfecho	Lázaro viaja no tempo ou sonha	Lázaro morre e encontra Jesus	Lázaro morre

Apresentamos inicialmente o gênero das obras em questão, por tratarem-se de textos diferenciados, principalmente o de Saramago em relação aos outros dois, visto que, tanto a novela quanto o conto, foram especialmente escritos para contar a história do Lázaro bíblico, enquanto o romance de Saramago, sabemos, é o evangelho de Jesus, ou seja, foi escrito para contar a vida de Jesus. Não podemos perder isto de vista: solarizamos o Lázaro de Saramago.

O ano de publicação é outro fator que merece um breve comentário neste espaço conclusivo. Percebam que o texto de Hilst é da década de 70, bem anterior aos outros dois. Na década de 70 o preconceito ao escritor que se adentrava no religioso era muito maior do que hoje, os críticos literários não perdoavam, além do mais, a receptividade pelo tema era muito menor. Ou seja, consideramos muito mais polêmico publicar este tipo de literatura na época em que Hilda publicou. Da década de 90 para cá, o interesse pelo religioso na literatura sofreu um *boom*, Paulo Coelho que o diga. Por isso, acreditamos que é mais confortável publicar hoje, um texto polêmico que aborda o religioso, do que publicar na década de 70.

Alencamos as datas de nascimento dos autores, lado a lado. Observem a diferença mínima de idade entre eles, Saramago é mais velho que Júlio 4 anos, Júlio seria mais velho que Hilda quatro anos, se Hilda viva estivesse. Ou seja, viveram coisas parecidas, acompanharam os mesmos fatos, leram as mesmas notícias, provavelmente os mesmos livros, na mesma língua, dois aqui, um além-mar. Aliás, diga-se de passagem, três dos melhores em nossa língua.

Nos três autores, a história se desenrola em Betânia, tal qual no texto bíblico. Betânia, acerca de 32 quilômetros de Peréia, ficava a apenas três quilômetros e meio de Jerusalém. O texto de Júlio vai além, dá detalhes do muro que cercava a cidade, dos forasteiros que por lá passavam a caminho de Jerusalém.

Lázaro, silenciado no texto bíblico, será protagonista na novela de Hilst e no conto de Júlio. No *Evangelho segundo Jesus Cristo*, de Saramago, será um personagem com voz. A escolha do Lázaro para protagonista destas duas histórias através do narrador em situação fantástica, é bastante apropriada, trouxe verossimilhança aos textos. Foi a possibilidade de voz em Lázaro que nos propiciou acompanhar momentos de além-vida e além-tempo. Também foi esta voz que nos respondeu algumas perguntas sobre o outro lado.

Para Hilst, Lázaro foi um lavrador. Diríamos que o texto de Hilst é muito terra, pastoral, no sentido de dar destaque às frutas na cozinha ampla, à saudade do frescor da água limpa dos regatos, aos momentos de plenitude sob a figueira calada e firme. Por outro lado, o lavrador, aquele que sofre e lava a própria dor, na tentativa de livrar-se ao propagá-la sangue. O sangue de Lázaro empapando a terra, ao caminhar de joelhos pelos campos, pode enunciar a intenção de poupar o sangue daquele que seria derramado mais tarde, por aquele pendurado na cruz.

Se para Hilst Lázaro foi lavrador, em Júlio, Lázaro fazia cordas, por isso “Jesus acorda o homem que fazia cordas”. Além de fazer as cordas, Lázaro as vendia no mercado, numa tenda. Se o texto de Hilst é terra, o de Júlio é urbano, reflete o comércio, a cidade cercada por muros, a questão da sobrevivência, dos *pecúnios*. Por isso, quando Lázaro precisa de paz, irá procurar por Gideão, o pastor, daí sim, recorre ao campo, mas é homem da cidade, do burburinho, do comércio. A corda era importante ao comércio e aos viajantes, com ela amarrava-se o animal, meio de transporte indispensável na época. Mas corda serve também para outras coisas. Existem cordas boas e ruins, e existe o verbo acordar, quem acorda, acorda para alguma coisa, para o dia, para a vida, para a luz. Quem acorda da morte, ressuscita. E, segundo as teorias sobre vida além da morte, é por uma corda ou cordão de prata que a alma sobe para o além.

Mas, para o ateu Saramago, Lázaro haveria de ter outra profissão. O homem que Jesus amou, irmão de Marta e Maria, estaria vivo entre os seus, não

por causa de um milagre efetuado por Jesus, mas sim, através dos livros que ajudou a copiar em vida e que chegaram até nossos dias. Por um acaso, um deles, contém a história de um certo Lázaro que foi ressuscitado por Jesus. “O homem que copiava” poderia servir, ainda, para um outro paralelismo à ressurreição, ou seja, como a possibilidade da cópia, da repetição daquilo que já não o é. Um ressuscitado seria uma cópia do anterior, mas não aquele.

Nos três textos aparecem as irmãs de Lázaro, Marta e Maria. Porém em Saramago Maria será a Maria de Magdala. Tanto em Hilst quanto em Júlio, Marta será a mais velha das duas. Em Saramago serão gêmeas. Encontramos Marta mais rígida e Maria complacente nas três narrativas. Saramago foi o que mais acentuou esta diferença, pontuando grande rivalidade entre as duas, assinalando em Marta o rancor por não haver vivido. A Maria prostituta é comum aos textos de Júlio e Saramago, porém, a Maria de Magdala do *Evangelho segundo Jesus Cristo* larga o ofício quando conhece Jesus, de quem passa a ser companheira. Neste romance, o milagre da ressurreição de Lázaro não ocorre porque Maria de Magdala interrompe Jesus.

Não fica muito claro nos textos estudados qual seria exatamente a doença de Lázaro. Em Hilst o texto começa a partir da morte, do sentir-se morrer. Em Júlio, o Lázaro teria uma falsa lepra, porque apresentava manchas vermelhas no corpo, bem mais tarde, quando morre, sabemos que estava febril e que sofreu bastante, mas não nos é dito de que mal sofria, não nos é dito o nome do mal ou da doença. Saramago foi o que deixou mais claro, que Lázaro sofria dumas sufocações, que teve o coração fraco desde novo. No texto do *Evangelho segundo Jesus Cristo* afixa-se que Lázaro já havia consultado os especialistas da época na tentativa de curar-se do incurável. Por isso o espanto quando Jesus o cura milagrosamente.

O milagre da ressurreição acontece com certeza no texto *Fulgor na noite* de Júlio de Queiroz. Acontece também ao Lázaro de Hilst, mas, poderia ser

tudo um sonho, por causa das últimas linhas da novela em que o personagem acorda de um pesadelo. Em Saramago, simplesmente não acontece.

No desfecho da novela de Hilst, Lázaro viaja no tempo ou sonha. Em *Fulgor na noite*, Lázaro morre pela segunda vez, viaja no túnel para o outro lado da vida e encontra o Nazareno. No *Evangelho segundo Jesus Cristo*, Lázaro morre.

Júlio de Queiroz recria o Lázaro através de um texto altamente preocupado com as questões sociais, com a miséria humana. De maneira incrível pontua as mazelas da vida terrena, repleta de entraves, com a luz do outro lado da vida, resultando num texto esperançoso quanto ao destino daqueles que anseiam pelo encontro com o divino ao fim da vida terrena. Júlio pontuou, ao longo do seu texto, as dificuldades dos homens, as pedras que costumam encontrar ao longo da penosa caminhada terrestre. Um texto crítico, denunciador daqueles que enfiam o dedo fundo nas feridas dos miseráveis: as instituições religiosas. Por isso, o Lázaro de Júlio viu a morte como a liberdade de toda esta prisão. Júlio também foi o mais convincente, teologicamente falando, ou seja, quando a redenção acontece, ao final, Lázaro compreende tudo, todo o seu sofrimento, toda a sua vida. Por isso o cordoeiro, a corda, metáfora para o elo, o re-ligare espiritual.

Através de um jogo entre sonho e realidade, Hilda nos brindou com um Lázaro morto-vivo a contar-nos a experiência de sua própria morte. O Lázaro de Hilst conta tudo, todas as impressões em detalhes, como é morrer, sente-se o quê. Para efetuar o milagre em Lázaro, a autora cria um ser grotesco (Rouah), que também seria o irmão gêmeo daquele que está do lado de fora da pedra, Jesus. Para os de fora, apenas Jesus realizou o milagre da ressurreição.

Constatamos que a vida dos personagens *Lázaros* não melhorou após a ressurreição, muito pelo contrário. O Lázaro de Hilst viverá deslocado e atônito num tempo em que ninguém mais crê, em *Fulgor na noite*, o Lázaro só pensa em

morrer de novo, chega a planejar suicídio e sente raiva de Jesus por ter interferido em sua morte. Em Saramago, o Lázaro, após uma cura milagrosa efetuada por Jesus, morre repentinamente.

Os textos de Hilst e Júlio narram a morte de Lázaro em detalhes. O texto de Hilst se atém em um Lázaro alma-matéria, pois, apesar de ser alma, é com sua matéria que Rouah trabalhará para lhe devolver à vida. O de Júlio pontuará o pós-morte em expressão de alma, ou seja, só se referirá ao corpo como algo que está em outro lugar. Em Saramago, Lázaro só tem voz enquanto vivo, depois de morto, só vive enquanto lembrança no pensamento dos outros.

Os três textos se constróem de forma crítica em relação ao texto mãe. Aproveitam-se dos silêncios daquele para criar e pontuar suas versões da história arquiconhecida. É claro que isso não acontece o tempo todo, Saramago não se aproveitou de um silêncio daquele quando não realizou o milagre da ressurreição em Lázaro, neste momento, Saramago subverteu, contrariou, negou o mais famoso milagre de Jesus, visto que “o triunfo sobre a doença e sobre a morte tem sido, na tradição cristã, um dos claros sinais da ação misericordiosa e salvífica de Deus” (TORRES-LONDOÑO, 1996, p. 70).

É comum aos três textos a carnavalização. Murilo Rubião, citado por CARDEMARTORI, diz que “toda a arte moderna tende a brincar com seus temas - mesmo quando os leve terrivelmente a sério. A arte oitocentista visava à empatia: a arte moderna persegue o distanciamento.” (1986, p. 67). Ambos os textos exigem um leitor ruminante, conhecedor do texto mãe, a Bíblia.

Em Hilst, Lázaro viaja no tempo para o futuro, onde será motivo de risadas entre os monges. Em Saramago, Lázaro morre e acontece o inevitável, a vida continua para os outros. Na vida dos outros, fica a dor da morte daquele que se foi, a lembrar, feito um aviso, de que um dia todos morreremos, afinal, “todos os homens são mortais”.

Um paralelo possível de se traçar, ainda, é entre as posturas teológicas ou crenças religiosas dos autores e a resolução dos respectivos textos e vice-versa. Cabe aqui citarmos WILLEMART: “desde que Freud esboçou sua segunda tópica e colocou o inconsciente na classe gramatical dos adjetivos ou dos determinantes, sabe-se que qualquer escolha está contaminada de inconsciente e comporta sempre algo que pode ser adjetivado como tal” (1993, p. 25).

Na novela de Hilst o narrador-protagonista descreve o jeito de ver de um morto, as visões na figueira. Convenhamos que é um texto bastante místico. Sabemos que Hilda acreditava no sobrenatural, ela própria vivenciou experiências espirituais, ou seja, para ela, existe vida além da morte⁴¹.

No conto de Júlio, Lázaro, após morrer, viajará pelo túnel, verá a vida em retrospecto, atingirá a luz amorosa de Deus, encontrará Jesus. Júlio, sabemos, é cristão, acredita na imortalidade da alma, além disso, é especialista em tanatologia⁴².

No texto de Saramago, ateu assumido, o Lázaro morre, e morto fica. Em Saramago, a morte não é tratada do ponto de vista de uma passagem desta para melhor (como em *Fulgur na noite*), não, ela é encarada como algo terrível: “ninguém teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes”.

Assim, através dos textos estudados, podemos auferir que os discursos dos autores implícitos estão entrelaçados com as crenças dos autores reais, abrindo possibilidades para três destinos:

⁴¹ Para saber mais sobre as crenças espirituais e experiências místicas de Hilda Hilst, sugiro a leitura da entrevista constante no Anexo 2 da dissertação de mestrado de Inês MAFRA (1993, p. 144).

⁴² Ver entrevista com Júlio de Queiroz no Anexo B.

Em Hilda, há a certeza de algo mais, do invisível, só que com indefinições do que seja este invisível, por isso, demonstra uma autora à procura do seu Deus, portanto, uma *teologia em construção*. Em Júlio, a visão do invisível está clara, definida, portanto, a *teologia realizada* ou *esclarecida*. Em Saramago, há a certeza do não-deus, portanto, uma *ateologia*, ou, como diria Xavier Zubiri, “para o ateu não só não existe Deus como também nem sequer existe um problema de Deus” (OLIVEIRA, M.; ALMEIDA, C., 2002, p. 13).

É claro que os autores aqui estudados preocuparam-se acima de tudo em fazer literatura, mas, como textos ficcionais que abordam o religioso, apresentam possibilidades para reflexões teológicas.

A expressão “Quando se morre duas vezes” que deu título a esta dissertação, é uma via de mão dupla, pois, morrer duas vezes, pode querer dizer morrer uma só, ou seja, morrer na terra, viver no céu, ou, morrer do outro lado (para nascer neste) e morrer neste (para nascer no outro). Na vida se morre muitas vezes, já dizia Mário QUINTANA “Da vez primeira em que me assassinaram / Perdi um jeito de sorrir que eu tinha... / Depois, de cada vez que me mataram, / Foram levando qualquer coisa minha...” (1988, p. 28). Assim, todos morrem uma, duas, três, ou, quem sabe até, setenta vezes sete.

Porém, utilizando a expressão “quando se morre duas vezes” ao pé da letra e aplicando à nossa pesquisa, o Lázaro que realmente morreu duas vezes, foi o de Júlio de Queiroz, pois o de Hilda viajou no tempo, ou seja, virou imortal e o de Saramago morreu apenas uma vez e nem sequer foi ressuscitado.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Livrara Almedina, 1997.
- ALCARAZ, R. C. *O Cristo da teologia versus o Cristo da literatura*. Florianópolis, [199-]. Trabalho acadêmico (Doutorado) - UFSC.
- ALTER, R.; KERMODE, F. (org.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997.
- AMORA, A. S. *Introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Cultrix, [199-].
- ARIAS, J. *Um Deus para o ano 2000*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ARMSTRONG, K. *Uma história de Deus*. Companhia das Letras: São Paulo, 2001.
- BABEL: Revista de poesia, tradução e crítica. Santos: s.n, n. 6, jan./dez. 2003.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2. ed. São Paulo: UNESP, Hucitec, 1990.
- BARCELLOS, J. A. *Literatura e teologia: aproximações*. Disponível em: <<http://www.odiletico.hgp.ig.com.br/liteologia.htm>> Acesso em: 04 set. 2003.
- BASHÔ, M. *Trilha estreita ao confim*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- BATTLES, M. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BEAUVOIR, S. de. *Todos os homens são mortais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [199-?].
- BERRINI, B. *Ler Saramago: o romance*. Lisboa: Caminho, 1998.
- BETTENCOURT, E. *Para entender os evangelhos*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- BOOTH, W. C. *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia, 1980.

- BÍBLIA. N. T. João. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRAIT, B. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.
- BRITO, J. D. de. *Por que escrevo?*. São Paulo: Escrituras, 1999.
- BRUNEL, P. (org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1988.
- CALBUCCI, E. *Saramago: um roteiro para os romances*. São Paulo: Ateliê, 1999.
- CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CADEMARTORI, L. *Períodos literários*. São Paulo: Ática, 1986.
- CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- DEFINA, G. *Teoria e prática de análise literária*. São Paulo: Pioneira, 1975.
- DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 15 mar. 2003.
- ECO, H. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIOT, T. S. *Ensayos Escogidos*. México: UNAM, 2000.
- ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio De Janeiro: Britânica, 1994. V. 13.
- FERRAZ, S. *As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago*. Juiz de Fora: UFJF ; Blumenau: Edifurb, 2003.
- _____. *O quinto evangelista: o (des)evangelho segundo José Saramago*. Brasília: UNB, 1998.
- FOX, R. L. *Bíblia: verdade e ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- FRYE, N. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- _____. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.

GABEL, J. B. ; WHEELER, C. B. *A Bíblia como literatura*. Loyola: São Paulo, 1993.

GALIMBERTI, U. *Rastros do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003.

GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1983.

HESSE, H. *Sidarta*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1967.

HILST, H. *Cadernos de literatura brasileira*. São Paulo, n. 8, out. 1999.

_____. *Contos d'escárnio*. São Paulo: Siciliano, 1990.

_____. *Do desejo*. Campinas: Pontes, 1992.

_____. *Fluxo-floema*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *Tu não te moves de ti*. São Paulo: Cultura, 1980.

ILINI, M. *O homem e o livro: História dos livros*. [s.l.]: Editores Reunidos, 1977.

JUNKES, L. *O narrador*. Texto do Professor. Florianópolis, [199-].

KATZENSTEIN, U. E. A cópia de manuscritos. In: _____ *A origem do livro: da Idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no ocidente*. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 239-264.

KAYSER, W. *Análise e interpretação da obra literária*. 6. ed. Coimbra: Armênio amado, 1976.

_____. *O grotesco: configuração na pintura e na literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

KELLER, W. *A Bíblia tinha razão*. [s.l: s.n.], [197?].

KIPLING, R. *Kim*. São Paulo: Scipione, 1992.

KUSCHEL, K. J. *Os escritores e as escrituras: relatos teológico-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.

MAFRA, I. *Paixões e máscaras: uma interpretação de três narrativas de Hilda Hilst*. Florianópolis, 1993. Dissertação (Mestrado em Literatura) – UFSC.

MANDRIONI, D. H. Religião, ética Y estética. In: ENCICLOPEDIA Iberoamericana de Filosofia – Religião. Valladolid: Trotta, 1993. p. 195-209.

- MANZATTO, A. *Teologia e literatura*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MERLEAU-PONTY, M. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002
- MERTON, T. *Marta, Maria e Lázaro*. Petrópolis: Vozes, 1963.
- MILES, J. *Deus: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MOISÉS, M. *A criação literária: prosa*. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Suzano, 1985.
- NITRINI, S. *Literatura comparada*. São Paulo: Edusp, 1997.
- NIVALDO, P. *Filosofia da religião*. Brusque, 2002.
- NOGUEIRA, M. Na fronteira da morte. *Revista Superinteressante*. São Paulo, n. 216, p. 48-55, ago. 2005.
- Ô CATARINA. Florianópolis, n. 61, [2003].
- OLIVAL, M. de C. e S. A voz narradora e a liberdade de criação em O Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago. *Signótica*, [s.l.], v. 5, 131-144, jan./dez. 1993.
- OLIVEIRA, M.; ALMEIDA, C. (org.) *O Deus dos filósofos modernos*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PADEN, W. E. *Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- PAPINI, G. *Testemunhas da paixão: sete lendas do evangelho*. São Paulo: Saraiva, 1957.
- PEDROSA, I. *Fazes-me falta*. São Paulo: Planeta, 2003.
- PLATH, S. *Poemas*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- POUILLON, J. *O tempo no romance*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- POUND, E. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- PRADO HILST, A. Brasil de côcos e emboladas. Disponível em: <http://www.angelfire.com/ri/casadosol/hhilst.html>. Acesso em: 17 jan. 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. *Pós-modernismo e literatura*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

QUEIROZ, J. *Encontros de Abismos*. Florianópolis: Insular, 2002.

QUEIROZ, J. *O esplendor aprisionado*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2005.

QUEIROZ, J. J. As religiões e o sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade. In: AA.VV. *Interfaces do sagrado*. São Paulo: Olho d'água, 1996.

QUINTANA, M. *Os melhores poemas de Mário Quintana*. 4. ed. São Paulo: Global, 1988.

RAMOS, M. L. *Fenomenologia da obra literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

RICHARDS, L. *Todos os milagres da Bíblia*. Campinas: United Press, 2003.

ROGERSON, J. W. *O livro de ouro da Bíblia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

RUSSEL, B. *Obras Escogidas*. Madri: Aguilar, 1956.

SABINO, F. *Com a graça de Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

SACHET, C. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

SANCHES NETO, M. *Herdando uma biblioteca*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SARAMAGO, J. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Ensaio sobre a cegueira*: Romance. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHLESINGER, H.; PORTO, H. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SECCHIN, A. C. Obra poética de Júlio Salusse. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, v. 113, p. 184-185, 1993.

SEGOLIN, F. *Personagem e anti-personagem*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

- SOARES, A. *Gêneros literários*. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2000.
- SÓCRATES. *O pensamento vivo de Sócrates*. São Paulo: Martin claret, 1987.
- SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, n. 216, ago. 2005.
- TADIÉ, J. Y. *A Crítica Literária no Século XX*. Bertrand Brasil: São Paulo, 1992.
- TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- TORRES-LONDOÑO, F. Introdução do sagrado cristão nas crônicas sobre cristianização no Brasil. In: AA.VV. *Interfaces do sagrado*. São Paulo: Olho d'água, 1996.
- TRICCA, M. H. de O. (comp.). *Apócrifos: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1989.
- VEJA. São Paulo: Abril, n. 34, jan. 2001.
- VEJA. São Paulo: Abril, n. 19, maio 2003a.
- VEJA. São Paulo: Abril, n. 50, dez. 2003b.
- VEJA. São Paulo: Abril, n. 10, mar. 2004.
- VERBO: Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura. Lisboa: Verbo, 1977. v. 11.
- WEISER, A. *O que é milagre na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- WILLEMART, P. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993.

ANEXOS

A) Biobibliografia dos autores

HILDA HILST

Resenha Biográfica:

Poeta, ficcionista e dramaturga, Hilda Hilst nasceu em 21 de abril de 1930 em Jaú, São Paulo. Passou a infância e o início da adolescência como interna do Colégio Santa Marcelina. Depois, cursou o clássico na Escola Mackenzie e Direito na Universidade de São Paulo. Nessa época, publicou o primeiro livro de poesia.

Referência na literatura nacional (41 livros publicados), Hilda é dona de uma obra provocativa. Ganhou diversos prêmios da literatura brasileira, entre eles dois Jabutis. Mas sempre lamentou que seus trabalhos não tivessem sido assimilados pelo grande público. Há alguns anos afirmou que deixaria de escrever porque estava cansada de não ser entendida. Recentemente teve seu catálogo reeditado pela Editora Globo.

A autora vivia, desde 1966, na Casa do Sol (uma chácara nos arredores de Campinas/SP). Segundo ela própria declarou em entrevista para o *Cadernos de Literatura Brasileira*: “Quando li esse livro, *Carta a El Greco*, resolvi mudar para cá (Casa do sol). Resolvi mudar minha vida” (HILST, 1999, p. 31). Nesta obra Kazantzakis defende a tese da necessidade do isolamento do mundo para tornar possível o conhecimento do ser humano. Diz HILST “eu tinha que ser só para compreender tudo, para desaprender e para compreender outra vez. Aquela vida que eu tinha era muito fácil, uma vida só de alegrias, de amantes”. (1999, p.31)

Baseando-se nos experimentos do pesquisador sueco Friedrich Juergenson, a escritora iria se dedicar à gravação, através de ondas radiofônicas, de vozes que, assegurava, seriam de pessoas mortas. No mesmo período anunciou a visita de discos voadores à sua fazenda.

Madrugada de quarta-feira (04/02/2004) morre Hilda Hilst, ou melhor, parte para *Marduk*.

Bibliografia:

Poesia:

Presságio. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1950.

Balada de Alzira. São Paulo: Alarico, 1951.

Balada do festival. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1955.

Roteiro do silêncio. São Paulo: Anhambi, 1959.

Trovas de muito amor para um amado Senhor. São Paulo: Anhambi, 1960.

Ode fragmentária. São Paulo: Anhambi, 1961.

Sete cantos do poeta para o anjo. São Paulo: Massao Ohno, 1962.

Poesia (1959/1967). São Paulo: Sal, 1967.

Júbilo, memória, noviciado da paixão. São Paulo: Massao Ohno, 1974.

Poesia (1959/1979). São Paulo: Quíron, INL, 1980.

Da morte. Odes mínimas. São Paulo: Massao Ohno, Roswitha Kempf, 1980.

Cantares de perda e predileção. Massao Ohno, Pires e Albuquerque, 1983.

Poemas malditos, gozosos e devotos. São Paulo: Massao Ohno, Guarnelli, 1984.

Sobre a tua grande face. São Paulo: Massao Ohno, 1986.

Amavisse. São Paulo: Massao Ohno, 1989.

Alcoólicas. São Paulo: Maison de Vins, 1990.

Bufólicas. São Paulo: Massao Ohno, 1992.

Do desejo. Campinas: Pontes, 1992.

Cantares do sem nome e de partida. São Paulo: Massao Ohno, 1995.

Do amor (antologia). São Paulo: Edith Arnhold, Massao Ohno, 1999.

Narrativa:

Fluxo-Floema. São Paulo: Perspectiva, 1970.

Qadós. São Paulo: Edart, 1973.

Ficções. São Paulo: Quíron, 1977.

Tu não te moves de ti. São Paulo: Cultura, 1980.

A obscena senhora D. São Paulo: Massao Ohno, 1982.

Com os meus olhos de cão e outras novelas. São Paulo: Brasiliense, 1986.

O caderno rosa de Lori Lamby. São Paulo: Massao Ohno, 1990.

Contos d'escárnio: textos grotescos. São Paulo: Siciliano, 1992.

Cartas de um sedutor. São Paulo: Paulicéia, 1991.

Rútilo nada. A obscena senhora D. Qadós. Campinas: Pontes, 1993.

Estar sendo. Ter sido. São Paulo: Nankin, 1997.

Teatro:

A possessa, 1967.

O rato no muro, 1967.

O visitante, 1968.

Auto da barca de Camiri, 1968.

O novo sistema, 1968.

As aves da noite, 1968.

A morte do patriarca, 1969.

O verdugo. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

Crônicas:

Cascos & carícias: crônicas reunidas (1992/1995). São Paulo: Nankin, 1998.

JÚLIO DE QUEIROZ

Resenha biográfica:

Júlio Dias de Queiroz nasceu na cidade de Alegre, Espírito Santo, em fevereiro de 1926 e após estudos iniciais realizados na cidade do Rio de Janeiro e Porto Alegre, diplomou-se em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica. Aperfeiçoou seus conhecimentos na Universidade de Munique, Alemanha e no Real Instituto de Administração em Londres, Inglaterra.

Em 1949 resolve dedicar-se à vida monástica entrando no noviciado da Ordem Cisterciense do Brasil, em Itaporanga, SP. Dedicou-se à vida religiosa durante boa parte de sua vida. Mais tarde, renunciando aos votos, dá-se aos estudos de filosofia em Bonn e Munique onde escreve tese sobre “Aspectos Estéticos da Mística Católica Medieval Alemã”.

Volta ao Brasil. A partir de 1959, radica-se na futura capital onde presta serviços como assessor da Presidência da NOVACAP, encarregada da recepção aos convidados estrangeiros da Presidência da República. Trabalha também como diretor do Departamento de Cultura, Turismo e Recreação da Prefeitura do Distrito Federal, prestando ainda serviços como coordenador do Centro de Treinamento do Ministério da Fazenda do Rio de Janeiro. É mais tarde, assessor do governo do Estado de Santa Catarina como elaborador de textos do governador Colombo Salles. Nesses intervalos, como bolsista, cursa técnicas de treinamento e administração pública no Real Instituto de Administração Pública da Inglaterra e Fundação Alexander von Humboldt em Berlim Ocidental.

Em Santa Catarina, torna-se colaborador efetivo durante muitos anos dos principais jornais do Estado. Seus trabalhos literários acabam por conduzi-lo à

Academia Catarinense de Letras, onde ocupa a cadeira número 10. É reconhecido hoje como um dos melhores contistas e poetas brasileiros.

Bibliografia:

Poesia:

Breve aro. Florianópolis: Governo do Estado de SC, 1978.

Informes a Narciso. Florianópolis: Sanfona, 1984.

Hamlet: os convidados à trama. Florianópolis: ACM, 1983.

Simetria quebrada. Florianópolis: Ed. do autor, 1993.

Baú de mascate. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

Álgebra de sonhos. Florianópolis: Insular, 2000.

Sementes do tempo. Ed. da UFSC, 2003.

Contos:

As permutas e outros contos. Florianópolis: ACL, 1996.

A cidade amada. Florianópolis: Guarapuvu, 1997.

Deuses e Santos como nós. Florianópolis: Insular, 2000.

Encontros de Abismos. Florianópolis: Insular, 2002.

O esplendor aprisionado. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2005.

Crônicas:

Um passageiras, outras crônicas. Florianópolis: Governo do Estado de SC, 1976.

Novela:

Placidin e os monges. Florianópolis: FCC, 1998.

Além das cortinas de Alzheimer. Florianópolis: Insular, 2004.

JOSÉ SARAMAGO

Resenha biográfica:

José de Sousa Saramago nasceu em Azinhaga, Ribatejo, Portugal em 16 de novembro de 1922. Logo a família mudou para Lisboa. O pai se torna policial e o filho mais velho, Francisco, morre de broncopneumonia. Iniciou os estudos em 1929. De 1934 a 1939 fez o curso de serralheiro.

De origem camponesa, trazido ainda menino para Lisboa, Saramago não poderá ir além dos estudos secundários por dificuldades econômicas, o que não o impedirá de ascender a meios politizados e intelectuais, onde se vai afirmando o gosto pela leitura e pela escrita. Trabalhou nos Hospitais Civis de Lisboa e, como burocrata, em instituições de previdência.

Casou em 1944 e em 1947 publicou a novela *Terra do Pecado*, sem repercussão. Em 1959, passou a editor da Editorial Estúdios Cor, cargo que ocupou até 1971. Publicou seu segundo livro, *Os Poemas Possíveis*, em 1966. Já comunista, foi para a Revista *Seara Nova* e o Diário de Lisboa. Com a democratização, atuou no Ministério da Comunicação e fez traduções. A fama veio com o romance *O Memorial do Convento* (1982).

Saramago pode considerar-se, em muitos aspectos, um autodidata, hoje dotado de uma cultura vastíssima e multifacetada, a par do desempenho das mais diversas profissões até ter atingido o profissionalismo como escritor. Algumas das experiências profissionais de Saramago ajudam a explicar a orientação da sua obra, em grande parte escrita e publicada quando o escritor

contava mais de cinquenta anos de idade. Dentro dessas experiências deve destacar-se a do jornalismo, em relação direta com a sua atividade como cronista.

O escritor concebe os seus principais romances a partir dos finais dos anos setenta; é já há muito um nome conhecido, mas a irradiação literária desse nome pelo mundo inteiro ocorre numa fase da vida em que muitos já pararam ou se desiludiram – perto dos sessenta anos de idade. Tarde, mas ainda em momento oportuno, Saramago será o mais persistente, elogiado e duradouramente premiado, dos raros que em Portugal conseguiram fazer da literatura uma atividade profissional – no seu caso a tempo inteiro, digamos, desde 1976.

Militante do Partido Comunista Português desde 1969 e ateu convicto, o escritor ganhou diversos prêmios literários antes de ser agraciado com o Nobel de Literatura em 1998. Quando publica o Evangelho Segundo Jesus Cristo em 1991, conquista o Grande Prêmio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, mas também, muitos dissabores, um deles, a recusa do subsecretário de Cultura em autorizar a participação do romance num prêmio internacional. Este episódio contribuiu para o exílio voluntário de Saramago, na ilha de Lanzarote.

Bibliografia:

Poesia:

Os poemas possíveis. Lisboa: Portugália, 1966.

Provavelmente alegria. Lisboa: Livros Horizonte, 1970.

Romance:

Manual de pintura e caligrafia. Lisboa: Moraes, 1977.

Levantado do chão. Lisboa: Caminho, 1980.

Memorial do convento. Lisboa: Caminho, 1982.

O ano da morte de Ricardo Reis. Lisboa: Caminho, 1984.

Jangada de pedra. Lisboa: Caminho, 1986.
História do cerco de Lisboa. Lisboa: Caminho, 1989.
O evangelho segundo Jesus Cristo. Lisboa: Caminho, 1991.
Ensaio sobre a cegueira. Lisboa: Caminho, 1995.
Todos os nomes. Lisboa: Caminho, 1997.
Caverna. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
O homem duplicado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Contos:

Objeto quase. Lisboa: Moraes, 1978.
Poética dos cinco sentidos. Lisboa: Bertrand, 1979.

Crônicas:

Deste mundo e do outro. Lisboa: Arcádia, 1971.
A bagagem do viajante. Lisboa: Futura, 1973.
As opiniões que o DL teve. Lisboa: Seara Nova, Futura, 1974.
Os apontamentos. Lisboa: Seara, 1976.

Teatro:

Que farei com este livro? Lisboa: Caminho, 1979.
A noite. Lisboa: Caminho, 1979.
In nome Dei. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Outros:

Terra do pecado. Lisboa: Minerva, 1947.
O embargo. Lisboa: Estúdios cor, 1974.
O ano de 1993 (texto experimental). Lisboa: Futura, 1975.
Viagem a Portugal. Lisboa: Caminho, 1985.
Segunda vida de Francisco de Assis. Lisboa: Caminho, 1987.
Cadernos de Lanzarote (diário). Lisboa: Caminho, 1994.
O conto da ilha desconhecida. Lisboa: Caminho, 1998.

B) Entrevista com Júlio de Queiroz

As perguntas desta entrevista foram enviadas ao escritor por e-mail, no dia 30 de outubro de 2005. A Inês Mafra (escritora) fez a ponte entre nós. Júlio enviou as respostas em 02 de novembro, curiosamente, o dia de finados, ou dos mortos, como dizem alguns. Nesta entrevista, o escritor nos beneficia com um quase-ensaio, no qual, pontua idéias e indica as fontes. Editamos na íntegra.

SUZANA: Quando a Inês me presenteou com o livro *Encontros de Abismos*, o meu mestrado e o meu projeto de dissertação já estavam em andamento. A partir da leitura do conto *Fulgor na noite* (li sem parar, duas vezes), mudei o projeto para incluí-lo. O Lázaro é um tema forte. Como veio a idéia de escrever este conto?

JÚLIO: Há uma meia dúzia de temas nos Evangelhos cristãos que me tocam profundamente. O de Lázaro é um deles. No “Encontros de Abismos” quis mostrar a incapacidade de encontrar-se com Jesus Cristo a partir das estruturas do poder religioso e do mero conhecimento histórico. Em seguida, o difícil caminho para se o conhecer a partir de interesses e motivos pessoais. E, por fim, Lázaro que, junto com suas irmãs, sempre tinha vivenciado a amizade com Jesus. O reencontro em plenitude, sem arroubos religiosos ou patrióticos de Lázaro com o amigo Nazareno culmina os três contos e, assim o espero, o dia, como símbolo de uma vida em busca da verdade, na noite esplendorosa do morrer.

SUZANA: Em vários momentos o conto satiriza os *pecúnios* cobrados pelo templo, “é mais fácil ressuscitar um homem do que ver o Templo devolver o dinheiro?”, o riso ainda é o jeito possível de se dizer verdades?

JÚLIO: O riso é a arma mais inteligente contra qualquer tipo de abuso, seja ele político, religioso, racial ou social. A longo prazo é a única arma que derruba os abusos. Há um mini-conto de um escritor tcheco que é uma ilustração perfeita dessa afirmação: um ditador reclamou a seus ministros que quando ele desfilava pelas ruas em seu carro acompanhado por seus seguranças, notava que o povo, sempre presente, nunca lhe sorria. Que o povo lhe sorrisse, requereu. Baixaram-se determinações. Nada aconteceu. O povo estava presente como determinado; com bandeirinhas, como determinado. As criancinhas com flores, como determinado. Mas ninguém sorria para o ditador. Várias medidas indicadoras de apreço foram determinadas. O povo as obedecia. Mas ninguém sorria. Até que um dia o ditador morreu e seu féretro foi desfilado com toda a pompa e grandiosidade. As calçadas estavam lotadas de pessoas. Todas sorrindo.

Que as religiões organizadas em estruturas de poder não subsistem sem o vil metal que seus fundadores – quando as religiões são antigas – declararam impeditivo da vida espiritual é fato notório. Os fundadores das novas formas eletrônicas de culto não têm sequer esse resquício de pudicícia. Numa disputa legal entre uma dessas seitas cafetinas da Bíblia e a família cujo terreno confrontava com o da catedral dessa igreja, a advogada da seita apresentou ao advogado da família o argumento para ela e sua igreja indiscutíveis: “Temos pressa em livrar o templo dessa questão. Afinal de contas, templo é dinheiro!” E o Monsenhor **Marcinkus**, um prelado norte-americano que geria do modo mais financeiramente agressivo possível o Banco do Vaticano, modestamente conhecido como “Instituto para as Obras Religiosas”, quando repreendido pela ganância e a exorbitância dos juros cobrados por sua piedosa instituição, saiu-se com a pérola: “O que querem? O Vaticano não pode viver de ave-marias!”. Uma antiga anedota judaica vai no mesmo diapasão. Conta ela que o navio em que um casal de judeus piedosos viajava naufragou. Com custo, marido e mulher nadaram até uma ilha deserta. A mulher começou a lamentar-se. O marido perguntou-lhe: “Sara, antes de nossa partida, você mandou o cheque mensal para o rabino?” A mulher desculpou-se de que, no atarefado das arrumações para a viagem, tinha

se esquecido disto. “Mas o dinheiro para a associação você mandou.” “Não, também me esqueci”, choramingou a senhora. “Pelo menos, continuou o marido, “a contribuição mensal da sinagoga você deu?” “Não, nem isto fiz!” O marido abraça a mulher na maior alegria, dizendo-lhe: “Sara, querida, você é um gênio! Eles vão nos achar, eles vão nos tirar daqui!”.

Religião e dinheiro é a única forma existente de casamento realmente indissolúvel. Como as pirâmides de poder organizadas sob a forma de agremiações religiosas falam em nome da deidade que dizem representar, é óbvio que não têm autoridade para devolver a *pecúnia* recebida em nome dessa deidade. No que diz respeito à devolução, a deidade, sempre tão loquaz em proibições e admoestações, é singularmente muda.

SUZANA: Como você vê a relação das igrejas com os fiéis nos tempos atuais, melhorou?

JÚLIO: Pierre Janet (1859–1947) “advogou que todas as sociedades precisam de mito e religião para funcionar. Todas as sociedades, em toda parte, têm ‘alianças’ com deuses ou seus sucedâneos”. Nas suas palavras, “devido ao modo, à necessidade de moralidade, ou a uma necessidade de orientação e amor. Em uma sociedade, os sacerdotes e xamãs são necessários para ‘fazer o deus falar’. Quando o deus deixa de falar, a sociedade abandona o mito” (BIERLEIN, 2004).

De outro lado, Karl Jasper (1859–1969) elaborou a tese do que chamou de “período axial”, um período relativamente curto da História, cerca de quinhentos anos, no qual houve a transição da idéia politeísta para a monoteísta. Desde a Grécia, cujos filósofos abandonaram o politeísmo de seus antepassados adotando a idéia de “um deus” como força unificadora. Escreveu Jasper “os eventos mais extraordinários estão concentrados nesse período. Confúcio e Lao-Tsé estavam vivendo na China... a Índia introduziu os Upanishads (escrituras) e Buda...; na Palestina os profetas surgiram pela primeira vez, desde Elias, passando Jeremias,

até o Deutero-Isaiás; a Grécia testemunhou o aparecimento de Homero, dos filósofos – Parmênides, Heráclito, Platão, – das tragédias – Tucídides e Arquimedes. A tudo que é implicado por estes nomes se desenvolveu durante esses poucos séculos simultaneamente na China, Índia e Ocidente, sem que nenhuma dessas regiões tivesse contato com as outras”.

Para Jasper a humanidade está, agora, prestes a entrar num novo período axial, o primeiro período na história no qual o planeta estará unido pelas telecomunicações. Este fato evidenciará um momento crítico no desenvolvimento da humanidade.

Estamos vivendo o início deste período axial. A perda do domínio e do controle pelas religiões é fato constatado. Os católicos romanos têm opinião própria, defendem ou praticam o que suas consciências lhes determinam, independentemente dos ditames do Vaticano. Como declarou um cardeal durante o Encontro da Juventude, agora em 2005, quando da visita do Papa Bento XVI à Colônia, Alemanha: “Estão todos acenando com a bandeirinha do Vaticano para o Papa; mas os rapazes têm a camisinha no bolso e as moças, pílulas anticoncepcionais na bolsa”.

Este novo período axial implica em não se sentir mais o terror de que a desobediência a dogmas e prescrições implique em castigos eternos no inferno. Os porta-vozes de Deus deixaram de ser levados a sério quando os fiéis deixam seu livre-arbítrio pilotar suas vidas.

“Segundo uma pesquisa feita no ano 2000, 44% dos britânicos afirmam não ter nenhuma filiação religiosa – número que subia de 31% em 1983. Um dado ainda mais preocupante para as igrejas é que 2/3 dos britânicos entre 18 e 24 anos se descrevem agora como não-religiosos; quase metade dos adultos jovens não acredita sequer que Jesus tenha existido como personagem histórico (...) Na Alemanha, a situação da Igreja evangélica é comparável à dos anglicanos britânicos (...) dos 28 milhões de supostamente fiéis, apenas um milhão demonstram qualquer participação religiosa (...) Na França, tal como na Grã-

Bretanha, a maioria substancial da população tem um grau teórico de identificação com o cristianismo, mas apenas 8%, dentre cerca de cinco milhões, mostram-se católicos praticantes. A Itália exibe uma história similar. Por causa da longa hegemonia da Igreja, ainda é costumeiro a maioria dos italianos reconhecer uma identidade católica vestigial e quase todos eles são batizados como católicos... Entretanto, a prática religiosa italiana tem tido uma queda acentuada nos últimos anos e uma estimativa mais sensata da crença e da fidelidade sugeriria uma população católica praticante de apenas 1/10 desse nível". (JENKINS, 2004).

O judaísmo na América do Norte, o mais numeroso contingente dessa fé no mundo, sofre o mesmo fenômeno. A gama de tipos de judaísmo e o enorme número de judeus não-praticantes e não-religiosos apenas confirma o fato de que, no Ocidente, os deuses deixaram de falar, ou, para emendar Jasper, deixou-se de prestar atenção ao que determinam seus auto-indicados transmissores.

SUZANA: A Inês deve ter comentado sobre meu trabalho, o trânsito do Lázaro bíblico em três contemporâneos. Os outros dois textos são a novela *Lázaro* de Hilda Hilst e a passagem da ressurreição de Lázaro no *Evangelho segundo Jesus Cristo*, de Saramago. Você conhece estes textos?

JÚLIO: Conheço o texto de Saramago. Não conheço o da Hilda Hilst.

SUZANA: Tem uma passagem no conto, na voz de Raquel, que denuncia o apedrejamento de mulheres. O texto convence o leitor, dá detalhes de quanto aquilo era terrível. O espaço literário é um lugar apropriado para denunciar?

JÚLIO: Nenhum de nós hoje pode imaginar o terror constante que uma mulher vivia naquela época, naquela região. Ao marido bastava a acusação diante de uma testemunha (dele, naturalmente) de que sua mulher tinha prevaricado para que recebesse o divórcio. O Rabi Shaddai chegou a ensinar que até o fato de a mulher não ter cozinhado o que o marido gostava, ou ter deixado a comida

queimar-se, era motivo suficiente para o divórcio. A esterilidade – sempre atribuída à mulher – praticamente obrigava o divórcio. Numa sociedade extremadamente patriarcal, na qual o pai poderia vender sua filha como escrava (Êxodo, 21:7), a mulher era posse incontestada do pai, do marido, ou, se viúva, do filho. Sem filhos, deveria ser a segunda mulher do irmão do marido. Caso não houvesse cunhados, do parente mais próximo do marido ou de sua própria família. Os dez mandamentos foram determinados tendo os homens em vista. A mulher só é mencionada no nono mandamento, assim mesmo, junto com outras propriedades pessoais do marido, “Não cobiçarás a casa do teu próximo, não desejarás sua mulher, nem seu servo, nem a sua serva, nem seu boi, nem seu jumento, nem coisa alguma que **pertença a teu próximo**” (Êxodo, 20:16).

Em tal sociedade machista, a mulher decidir seu destino amoroso por conta própria derruba as próprias bases do grupo social. O que lhe é prescrito é a morte pública e vergonhosa, o apedrejamento, junto à fonte, lugar obrigatório de um dos trabalhos mais cotidianos e comzeinhos das mulheres. E na frente do maior número possível delas.

Posso imaginar o constante terror em que a mulher viveu nessa sociedade exacerbadamente patriarcal, pois tudo que diz respeito a ela, sua puberdade, a primeira menstruação, a menstruação mensal, ser ou não fértil, tudo é ferreteado com a marca da inferioridade, precisando de complicados e constantes atos de purificação, rigorosamente determinados e obedecidos.

SUZANA: Todo o texto é muito cinematográfico, muito bem ambientado, muito bem costurado. Como se dá isso?

JÚLIO: Não sou roteirista. Não escrevo tendo outro alvo senão transmitir ao leitor o impacto do que imagino. Procuo ser o mais real possível. Busco pôr-me na vivência daquele personagem naqueles ali e agora. Às vezes, consigo; em outras, essa “incorporação” fica a desejar. Então deixo aquele texto particular de molho.

Volto a ele muitas vezes. Frequentemente, de madrugada, levanto-me e vou ler aquela parte pouco convincente. Ora é uma palavra, ora é uma oração inteira; às vezes, basta a inversão da oração. De outras, é preciso reescrever tudo. Faço-o.

SUZANA: Os três autores que escolhi publicaram obras de poesia. Percebi nos três textos em prosa a poesia bordada com a escritura. Hoje, o que lhe atrai mais escrever, poesia ou prosa?

JÚLIO: No meu caso pessoal, quando o tema surge na mente, de modo quase sem exceções, acho que devo expressá-lo sob uma forma já pré-determinada, ou a de poema, ou a de prosa. A certeza de que será poesia ou prosa surge junto com o tema. Às vezes, até lamento a forma “imposta”, por ter a impressão de que o tema mereceria mais uma dessas formas que a outra. Mas fico fiel à gestação gêmea inicial.

SUZANA: Gostaria de ouvi-lo falar mais sobre o processo da escrita.

JÚLIO: Este é um assunto que me cativa. Cativar quer dizer “fazer alguém escravo, cativo”. Preocupa-me muito o processo criativo literário. Leio desde os três anos e meio de idade. Sei disso com certeza, pois, depois da morte de meu pai, nos seus oitenta e três anos, meus familiares acharam entre seus guardados uma caixinha de latão com letras maiúsculas e minúsculas do alfabeto individualmente recortadas de um jornal do interior e coladas em quadradinhos do papelão de uma caixa de sapatos. Junto com os dois conjuntos do alfabeto havia a notação já desbotada: “com estas letras ensinei meu filho Julio a ler. Alegre, setembro de 1929”. Eu tinha pois, três anos e sete meses de idade. Sempre li de tudo o que me caiu nas mãos. Almanques, presenteados por indústrias farmacêuticas, foram minha primeira miníssima coleção de livros. Durante os três últimos anos do curso fundamental (que se chamava primário), sempre recebi menção especial nas aulas de português por conseguir ler um livro de histórias por mês.

De onde surge o tema de uma escrita? De onde surge a forma que esta escrita tomará? É um questionamento fascinante que sempre me faço. Em um poema que dediquei ao enorme poeta brasileiro que é C. Ronald, começo com a elucubração do mundo platônico das idéias eternas: “De onde Platão intuiu o tudo realizado, / eternamente aquietada – mas disso intolerante– / a idéia rebuscou cosmos, sistemas planetários / em busca da mente em que germinasse”. Passo nesse poema para o processo de criação: “Começa a luta contra o comportado do almoçar, levantar-se, bocejar / ser como os outros”. E o poema termina: “Idéia e poeta, serpentes no cio, / entranham-se, combatendo-se. / De ambos, exangues, / surge o poema”.

Por quê? Por que o cansaço, o risco da incompreensão? Por que expor o mais recôndito do sentir íntimo como fruta em cesta num mercado desatencioso. Por que a desilusão de encontrar seu filho amado, concebido e trabalhado, num “sebo” e saber que foi vendido por menos que meia dúzia de reais?

A resposta – se é que ela existe – deve estar lá onde se esconde o desejo de doação, de entrega que chamamos de amor.

Ou então, a necessidade masoquista de imolar seu íntimo no altar da auto-afirmação para, de algum modo, saciar a eterna fome de beleza que é, ao mesmo tempo, o mais pungente e o mais glorioso ferrete da espécie humana.

SUZANA: Tal a epígrafe do “*Fulgor na noite*”, para Júlio “preparação é tudo”, ou seja, a vida é uma preparação para a morte (ou vida além dela)?, você considera que estamos aqui nos preparando para algo maior?

JÚLIO: Para lhe responder a essa pergunta deixe-me voltar a um assunto ventilado algumas perguntas atrás. O descrédito que as centrais da fé organizada e entrincheirada estão sofrendo deve-se, segundo Jasper, a um novo período

axial, o da informação sem possibilidade de ser maciçamente controlada ou dirigida. Assim como o *mythos* não admite análise ou discussão, – e foi esta a base essencial das religiões organizadas em sistemas – o novo período axial é baseado no *logos* (palavra, discussão), aberta ao escrutínio. O crescimento religioso, portanto, será individual e não coletivo; não mais o de rebanho ruminando afirmações que lhe foram ditadas. A espiritualidade, portanto, deverá ser o próximo estágio na evolução da humanidade.

Que modelos temos ou tivemos de que a espiritualidade ignora as preceituações estreitas do poder sistemático das religiões? A resposta são os místicos de todas as grandes religiões. Essas figuras magníficas que acharam um atalho pessoal para o encontro com a plenitude – chamemos essa plenitude como bem quisermos – enfrentaram os poderosos dominantes de seus credos, foram perseguidos, aprisionados, banidos, proibidos de relatar suas experiências interiores ou de ensinar a respeito delas. No islã, no cristianismo, no judaísmo, os grandes místicos e visionários pensaram e pensaram muito. Deve ser terrível para um ser humano ser proibido pelos poderes reinantes de comunicar a excelsa experiência vivida. No judaísmo, a vítima mais conhecida dessa perseguição clássica é Baruch Spinoza e os profetas apedrejados até a morte. No cristianismo, é um Giordano Bruno, um Teilhard de Chardin e, na atualidade, um Hans Küng, e no islamismo, Harith Asad Al-Muhasibi. Mas como um outro perseguido, Joachim de Flora, um abade cisterciense calabrés do Século XII, afirmou, passada a época do “pai” – o judaísmo de um Jeová tonitruante, vingativo, cioso de sua glória; passada a época do “filho”, a da mensagem da fraternidade de todos os humanos, virá a época do “espírito”, marcada pelos dons da sabedoria e do conhecimento. Já não serão necessárias castas sacerdotais de qualquer tipo, pois, o “espírito” derramará sobre cada um os sete dons da espiritualidade. Por fim, a humanidade será adulta.

Mas como diz a parábola do Evangelho Cristão, a inteligência precisa estar preparada para receber esses dons. A figura apresentada no Evangelho é muito

bonita e apropriada: as virgens prudentes que guardaram óleo para suas lâmpadas para que, com o atraso da chegada do noivo, a noite não as pegasse desprevenidas.

Menos por convicção religiosa e mais por coerência, nego-me aceitar a visão materialista – tão sem fundamento comprobatório quanto minha fé na imortalidade da energia essencial em cada ser humano – de que apodrecido o cérebro, acabou-se o ser. Esse “estar preparado é tudo”, foi dito por Hamlet – incidentalmente, uma peça que estudo, leio e releio há mais de cinquenta anos. Num curto, mas magnífico solilóquio (ato 5, cena II) Hamlet declara: “Existe uma providência especial até na queda de um pássaro. Sé é agora, não vai ser depois; se não for depois, será agora. Se não for agora, será a qualquer hora. Estar preparado é tudo. Se ninguém é dono de nada do que deixe, que importa a hora de deixá-lo?”.

Este solilóquio é dito imediatamente antes do início do duelo, no qual, finalmente, as contas serão ajustadas, a morte fará sua colheita e a justiça por fim será feita. Trocado em miúdos, é o roteiro perfeito do estóico e, ao mesmo tempo, do cristão. Se a qualquer hora posso morrer, estar pronto – preparado – é tudo o que importa.

Em minhas palestras sobre tanatologia, costumo diferenciar claramente entre “morrer” e “morte”. A língua alemã faz essa diferença de modo expressivo: Morrer é *sterben*; morte é *Tod*. Morrer é ainda um subprocesso do grande processo chamado vida. Morte é um estado, ou um subprocesso, daquilo que vem depois que o processo “vida” termina. Para cristãos, judeus e islamitas é um estado permanente. Para bilhões de aderentes a outras religiões é o início de um subprocesso numa evolução que se realiza de outra maneira, mas evolução ainda assim.

SUZANA: *Fulgor na noite*, apesar de trazer muita erudição, não é difícil de ser compreendido. Como você consegue isto?

JÚLIO: Possivelmente – e há nesta minha afirmação uma certa dose de falta de modéstia – porque tenho consciência da cadeia de transmissão de conhecimentos que, pelos sinuosos caminhos da história humana, acabou sendo transmitido a mim. Sou muito agradecido a cada um daqueles que se sentou, sem me conhecer, e escreveu o que, eu muitos anos ou séculos depois, viria aprender, lendo-os. Vou lhe contar um fato que vivi. Depois da 2ª Guerra Mundial, os poderes políticos mundiais decidiram ajudar a Europa combalida. Cargueiros dos Estados Unidos eram carregados nos portos do Terceiro Mundo para transportar alimentos e o que mais pudesse aliviar a vida de europeus. No Rio de Janeiro, houve uma convocação discreta de jovens brasileiros que, como parte da tripulação norte-americana, fossem cuidar de jumentos que seriam embarcados no porto gaúcho de Rio Grande e levados para a Grécia. Embarquei. Recebemos os jumentos. E sem sabermos para onde íamos, acabamos no porto de Irakelion, na Ilha de Creta, onde os muares foram desembarcados. Para minha sorte, o navio demorou-se nesse porto por cinco dias.

Aproveitei-os para visitar diariamente as ruínas do Palácio Knossos, trazida à luz do dia pela teimosia de um inglês (Evans), o labirinto onde se desenrolou a história mítica de Teseu, Ariane e o Minotauro. Certa vez, demorei-me mais do que o devido nas ruínas. Ao voltar para o porto, numa noite de lua clara, ao fazer uma volta da estrada ladeada por oliveiras milenares e que serpenteava morro abaixo, vi, lá embaixo, o porto, o navio que me trouxera e a cidade semi-destruída.

Sentei-me no chão. Disse para mim mesmo: “Meu Deus! Por aqui, há dezoito mil antes de Cristo, passaram os cidadãos da civilização cretense, fundadores da cultura helênica; por aqui passaram os legionários romanos; depois os levantinos árabes, os mercadores venezianos, depois, os turcos, os cruzados ingleses e franceses; depois os alemães nazistas, agora, outra vez, ingleses e americanos. E eu, o Julinho do Alegre, uma cidadezinha minúscula no Espírito Santo, um cantinho do Brasil, estou aqui”.

Fui tomado intensamente pela consciência da pequenez do ser humano e, ao mesmo tempo, pela unidade da família humana. Chorei um choro catártico. Fiquei com a obrigação, que se tornou permanente, de falar com meus semelhantes, como irmão, na fala que lhes é própria, sem ostentação de conhecimento ou de vaidades. Sou apaixonado por palavras. Exijo de mim mesmo a palavra apropriada ao texto, ao leitor e tenho, sobretudo horror da exibição fátua de “palavras difíceis”, porque empregadas fora do senso comum. Nunca vi, consultando um dicionário, a indicação de que a palavra buscada fosse “difícil” ou “de domingo”.

SUZANA: Qual a importância da literatura nos tempos atuais?

JÚLIO: Imensa. Na verdade, desde que o ser humano descobriu o modo de transmitir seus sentimentos pela escrita a literatura nunca perdeu importância. Não houve qualquer fase na história de qualquer povo em qualquer das civilizações em que o relato escrito não tivesse a característica de permanência que a fala, a transmissão oral, não tem.

Quando da decadência do Império Romano, entre os séculos II e V, os césares, os “divinos” imperadores, se sucediam no trono por golpes de generais e assassinatos. Era-se César por muito pouco tempo. Um desses césares sem importância, Teodorico, tinha como *mordomus*, ou seja, ministro do interior, um romano de antiga estirpe, um aristocrata, culto e dado à poesia e à filosofia. Por intrigas palacianas, esse primeiro ministro foi acusado de ser cristão – o que não era, era estóico, e, por boa medida, também de dado à magia. Foi condenado ao exílio, onde foi preso e torturado. Dois anos depois, em 524, num acesso de jogo político, Teodorico mandou que o executassem. Fizeram-no. Só que durante os dois anos que intermediaram a ida para o exílio e a execução, esse ex-todopoderoso, conseguiu que, subornados seus guardas, lhe enviassem livros e material de escrever. Redigiu um livrinho de diálogos, no qual uma belíssima moça

o vinha visitar e, nessas visitas, dialogava com ele sobre a fatuidade dos bens e das riquezas aos quais os homens sempre se atêm tanto. Se há alguma obra literária que estaria destinada a perder-se eram estas folhas de pergaminho escritas. Prisioneiro político em desgraça, carcereiros rudes e analfabetos, seus escritos tinham todas as possibilidades de alimentar um foguinho noturno ou ter um destino higiênico ainda mais inglório.

Pois não foi assim. O texto voltou às mãos de seus familiares, foi copiado, transformou-se em obra literária e, por mil anos, foi leitura obrigatória em todas as universidades européias. Chama-se a “Consolação da Filosofia”, seu autor é Anicius Manlius Torquatus Severinus Boetius. Mas entrou na História como Boécio. E até hoje, nos cursos de filosofia do primeiro mundo, é leitura recomendada.

Há atualmente uma inundação de porcaria literária produzida de modo industrial. Alguém contrata meia dúzia de colabores e, em grupo, imaginam enredos, pesquisam datas, recebem seu pão e o autor publica milhões e milhões de exemplares que não significarão nada uma dezenas de anos depois. Seu carro-chefe são os Estados Unidos da América. Mas há também uma quantidade muito grande de literatura de primeira qualidade sendo produzida e impressa. O tempo peneirá. O que for bom, ficará; se ficar, será lido e apreciado. Na minha juventude, dizia-se que o rádio iria matar o livro; depois, foi a vez do cinema que o iria desbancar; depois, a televisão; agora, a internet. O livro – a literatura – tem resistido bravamente.

SUZANA: Northrop Frye, em seu livro *Anatomia da Crítica*, disse que “a literatura ocidental tem sido mais influenciada pela Bíblia do que por qualquer outro livro”. Você concorda com ele?

JÚLIO: Sim, concordo. Não apenas no campo literário, mas em todas as áreas da atividade social, cultural e especificamente literária, a influência da Bíblia tem sido muito forte e constante. Desde frases feitas, idiomatismos, temas e atitudes grupais têm sido plasmados, aderidos e invocados pelo fato de estar numa ou noutra parte da Bíblia. Isto se deve ao fato de terem os cristãos adotado esse livro como base de sua fé. Como o cristianismo firmou-se, desde logo, na Europa, um continente de enorme dinamismo, o que poderia ter ficado como os relatos religioso-patrióticos de um grupo nacional numericamente muito pequeno da humanidade, ganhou foro de “os livros” por excelência. Não o tivessem feito e ele teria permanecido como uma obra religiosa a mais. O que os cristãos chamam de “antigo testamento” deveria ser de interesse apenas dos israelitas, pois, afinal de contas, nada mais é que história nacional, com os floreios, exageros e tapinhas no ombro coletivo que qualquer história nacional ostenta. Do ponto de vista de moral coletiva chega a ser lamentável. Veja, a compra e posse de escravos é legitimada (Levíticos, 25:44) desde que eles sejam comprados de nações vizinhas. A venda de filhas é perfeitamente legal e santa (Êxodo, 21:7); sentar-se num banco onde uma mulher menstruada sentou-se faz um homem impuro (Levíticos, 15:19-24). O cheiro de um touro queimado num altar cria um odor agradável ao Senhor (Levíticos, 1:9). E por aí afora.

Entretanto, há milhões de evangélicos fundamentalistas que insistem que cada relato e determinação devem ser tomados literalmente. Ainda há poucos meses, o senador James M. Inhofe, de Oklahoma, em pleno discurso no plenário do Senado norte-americano insistia literalmente que “o motivo mais importante pelo qual os Estados Unidos devem apoiar Israel é que Deus assim determinou (...) Basta consultar o livro de Gênesis (...) No de Gênesis 13:14-17 (...) Não se trata em absoluto de uma luta política. Trata-se de descobrir se a palavra de Deus é verdadeira ou não” (FINKELSTEIN, 2005).

Há uma tendência crescente de se ler a Bíblia como uma obra literária sem esses ranços fundamentalistas, até porque arqueólogos israelenses começaram a

desvendar algumas “fabricações” de fatos até agora tidos como históricos e que, como eles provam definitivamente em sua obra (FINKELSTEIN & SILBERMAN, 2003), que nada mais foram que “empurrões” no orgulho coletivo.

Não se tomem estas afirmações como anti-semitismo, o que parece ser um dos pecados mortais atualmente. O fato de eu declarar que Henrique VIII foi um calhorda sifilítico e que Lorde Nelson, um mulherengo doentio e cretino ao abandonar Lady Hamilton, que ele tirara do marido, prostituída pelas ruas de Londres não faz com que eu seja anti-anglicano, nem deixe de reconhecer as qualidades nacionais do povo inglês.

SUZANA: Cursei uma disciplina no Mestrado chamada *Teopoética*. Este nome, *Teopoética*, foi proposto por Kushel, no livro intitulado *Os Escritores e as Escrituras*. Como você vê o diálogo entre a literatura e a teologia?

JÚLIO: Sim. Em todas as religiões a expressão poética foi singularmente importante para descrever as experiências advindas do encontro do fiel com sua visão da deidade.

A poesia, na sua menos concretude do que a prosa, parece ser a forma literária mais apropriada para descrever o indescritível. A mística hebraica, desde a *merkavah* passando pelo *Sefer Yetzirak* até os hasidei askhenaz, os pietistas da Alemanha, até a tentativa de falar sobre um deus incognoscível (*Ein sof* – o sem fim) da *Kaballah*, a cabala de Isaac Luria até as visões dos *Raban Akiba* e *Raban Ishmael*, de *Gabirol*, de *Rokeah*, há todo um movimento que permeia o árido das infindáveis discussões sobre textos, os conhecidos *piupils*. Os camponeses judeus da Europa Oriental precisavam de mais calor espiritual do que essas infindáveis discussões. Surge então a figura do rabino *Israel Baal Shem Tov*, o Mestre do Bom Nome, que deu alma ao movimento espiritual que ficou conhecido como hassidismo. A princípio, combatido pelo rabinato de sua região, este teve

posteriormente que se render a evidência de que havia intensa devoção. Toda uma linha poética de expressão de amor e de alegria explosiva veio à tona.

No cristianismo, desde seus primeiros séculos, a visão mística, real ou imaginada provocou poemas e textos em prosa de enorme beleza. Basta lerem-se os poemas de S. João da Cruz, os hinos de Sta. Hildegarda de Bingen, a expressão poética dos místicos da Renânia medieval, as canções de Catarina de Siena, os delicados aforismos místicos de Ângelus Silesius e, no mundo moderno, a altíssima poesia de Gertrud von le Fort inteiramente impregnada de amor à Igreja Católica e os arroubos de Edith Stein, convertida ao catolicismo e freira carmelita.

No islamismo, o movimento sufi na Espanha medieval, o *El Andalus*, os poemas de *Ibn Al farid*. Mas também os poemas do hinduísmo, do budismo e os encantadores quebra-cabeças poéticos do zen budismo comprovam que a poesia é a via mais apropriada para os arroubos espirituais.

SUZANA: Qual o papel de Deus na vida do escritor Júlio de Queiroz?

JÚLIO: Sou cristão. Considero Jesus Cristo a figura axial na história da humanidade. Acabo de ler pela segunda vez, imediatamente após a primeira leitura, o livro de Roger Garaudy intitulado “Deus é necessário?” A pergunta mais retumbante não é se Deus é absolutamente necessário, mas – e aí surge o eterno mas – que tipo de Deus é necessário? Não o Deus antropomórfico, um outro tipo de Zeus dominador. Nem um Jesus como um messias vindo para dominar o mundo inteiro por mil anos. Hoje sabemos que mil anos é muito pouco na história da humanidade e um quase nada na história do planeta. Esses mil anos futuros não merecem a crucificação da bondade. Esta foi uma visão paulina, adotada como tática de poder por Constantino, que, aliás, praticou o mitraísmo e só se converteu ao cristianismo nascente por interesse político e na hora de sua morte. Essa igreja constantiniana foi adotada entusiasticamente pela Igreja medieval e é

ainda hoje o fermento que envenena a mensagem de Jesus. Minha concepção de Deus é “Aquele do qual só se pode dizer o que Ele não é”. E é uma pena que a língua portuguesa não tenha um pronome neutro, pois O Princípio Eterno nem é ele nem ela. Na verdade, não é nada que possamos afirmar. Sou encantado pela idéia da *Chekhinah* do judaísmo. Nele, a *chekhinah* é a emanção menos sutil da Deidade e é por isto que nós a podemos apreender nos momentos mais excelsos de nossa introspecção.

SUZANA: (Para finalizar) A concepção do seu Lázaro está na moda, ao menos no Brasil. Estou me referindo à passagem pelo túnel, à vida além da morte. Digo isto, porque recentemente saiu na Superinteressante, em matéria de capa, a chamada *Eles voltaram da morte*, dentro, no artigo, havia depoimentos de pessoas que quase morreram (a descrição deles, é muito parecida com a do seu texto, geralmente há um túnel, uma luz). Agora, na novela América da Rede Globo, o personagem Tião, praticamente morto, está fazendo uma viagem no túnel, na qual revê cenas de sua própria vida. O que você tem a dizer sobre isso?

JÚLIO: Não é apenas no Brasil, é em todo o mundo ocidental. A tanatologia, que se ocupa com o morrer e o subsequente estado/processo chamado “ser na morte” havia tido seu começo no mundo grego clássico, quando Aristóteles imaginou dez estádios entre o começar a morrer e o término do processo.

Durante o longo período intermediário entre a curiosidade helênica e os dias atuais predominaram as asserções emanadas de autoridades religiosas sem qualquer busca de comprovação.

Foi no Século XX que uma moça suíça, Elizabeth Kübler, depois de trabalhar como assistente social nos países balcânicos, emigrou para os Estados Unidos da América, casou-se com um médico daquele país, adotou o nome do marido, ficando mundialmente conhecida como Elizabeth Kübler-Ross. Formou-se em medicina e por interesse meramente profissional buscou levantar estatisticamente os sentimentos dos pacientes terminais do hospital em que trabalhava. Deparou-

se com duas barreiras ferrenhas: a do corpo médico e a dos parentes dos doentes terminais. Ninguém havia se lembrado de perguntar a opinião dos mais interessados no assunto, os próprios doentes terminais. Foi verificado que estes estavam altamente interessados em discutir a terminalidade de seu estado. Com o correr dos estudos e pesquisas e entrevistas durante anos, Elizabeth Kübler-Ross identificou cinco estádios no doente terminal. Sucessivamente, a negação de seu estado, revolta, “chantagear” a deidade na qual crê, prostração e, por fim, a paz da aceitação.

Foi o Dr. Raymond A. Moody que criou a expressão “experiência de quase morte” (EQM), mundialmente aceita. Nessa experiência, o doente não tido como terminal, sofre uma interrupção de suas atividades orgânicas vitais, é dado como morto.

Ressuscitado, descreve o que tenha vivenciado durante o intervalo. Uma parte do mundo médico atribui tais experiências psíquicas a nada mais que efeitos de anestésias, medicamentosas, pura histeria e outros. Há um penso muito grande contra esta posição materialista. O doente curado modifica radicalmente sua atitude para com a vida, outros seres humanos e, acima de tudo, perde completamente o medo do morrer. Só este fato, plenamente comprovado, já é suficiente para que a experiência seja levada a sério. Mas a medicina é, por definição, desconfiada de novidades. Os exames de Röntgen, popularmente conhecidos como de raio-x, foram desenvolvidos a partir dos trabalhos de Wilhelm Conrad Röntgen, um professor alemão de física e custaram muito a ser aceitos pelos médicos daquela época. O mesmo tendo acontecido com a descoberta por Louis Pasteur de que os microorganismos são, em medicina, os propagadores da infecção. Entre muitos outros estudos de grande utilidade na cura de doenças, conseguiu produzir uma vacina que pode ser aplicada em quem tiver sido mordido por um animal raivoso (1885). Foi ridicularizado, combatido e só muitos anos depois recebeu os louvores que merecia desde o início de seus esforços. É possível que o mesmo aconteça com essa magnífica experiência humana que se chama morte.

Deixados para trás os terrores infundados que as religiões manipularam em seu próprio interesse; liberados da aversão à beleza do mundo; aceitando com humildade nosso lugar na hierarquia da vida em toda sua riqueza e variedade, reconhecendo o ridículo de “sermos plasmado prontos e belos por Deus para dominar o mundo e as outras espécies”, reconhecendo a pequenez do planeta, nosso lar temporário, e a responsabilidade de mantê-lo limpo e vivo para passá-lo para o futuro, extasiados diante da imensidão do cosmos, estaremos adultos bastante para aguardar a continuação do existir numa outra dimensão. Com curiosidade, pois somos símios despelados, mas curiosos como quase todos, mas certos de que o paraíso está no fim da evolução individual e não depende de julgamentos arbitrários nem de ritos, nem de deuses.

Referências:

- BIERLEIN, J.F. *Mitos Paralelos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ELIAS, N. *A solidão dos moribundos e Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [199-?].
- FINKELSTEIN, I.; SILBEDRMAN, N. A. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.
- GARAUDY, R. *Deus é necessário?* Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- JENKINS, P. *A Próxima Cristandade*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- KÜBLER-ROSS, E. *A roda da vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 1993.
- KÜBLER-ROSS, E. *O Túnel e a luz*. (s.l): Verus, 2003.
- LAMA, Dalai. *Conselhos sobre a morte e como viver melhor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- LEVINE, S.; LEVINE, O. *Who dies?* Nova Iorque: Achor Books Doubleday, [199-?].
- MOODY, R. A. Jr. *A luz do além*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1988.
- MOODY, R. A. Jr. *A vida depois da vida*. São Paulo: Butterfly, 2004.
- STEDFORD, A. *Encarando a morte: uma abordagem ao relacionamento com o paciente terminal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- UNDERHILL, E. *Mysticism*. London: Doubleday, 1990.
- VATTIMO, G. *Depois da Cristandade*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- WEIL, P. *As fronteiras da evolução e da morte*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

C) Eles voltaram da morte: depoimentos

Depoimentos transcritos da *Revista Superinteressante* (2005, p. 78-55), cuja capa intitula-se *Eles voltaram da morte*. Adotamos a mesma seqüência da Revista para a apresentação dos depoimentos:

“É uma coisa muito difícil de descrever. Nem imaginava que isso pudesse acontecer. Tive uma morte momentânea e me senti mais leve, com menos dor. Senti muita paz. Também me vi levantando do meu corpo. Voltei à vida, mas tive uma segunda parada e de novo me senti saindo do meu corpo. Era uma sensação menos nítida, acho que estava partindo mesmo. Foi coisa de segundos. Mas parece que o tempo ficou parado. Hoje vejo a vida por uma outra ótica. Meus valores mudaram e aprecio as coisas simples – um gole de água, um beijo de cada um da minha família. Tudo, tudo mudou.”

Lars Grael, iatista

“No momento do acidente, eu me senti tragada por um ‘túnel de vento’. Fiquei flutuando no asfalto e vendo o carro capotar num barranco. Outro carro parou e 3 homens saíram dele. Um deles desceu o morro e disse: ‘Tem uma mulher morta ali’. Era eu. Não tive nenhum choque ao ver o corpo – apenas lamentei, em pensamento, o que tinha sofrido. Fora do corpo, conseguia enxergar em todas as direções ao mesmo tempo. Então eu avistei 2 pessoas flutuando acima do morro. Uma delas era uma mulher morena. A outra, a silhueta de um homem alto, me pareceu conhecida – apesar de ser transparente. A moça esticou o braço direito e disse, sem mexer a boca: ‘tenha calma; isso está na sua programação’. Essa frase funcionou para mim como uma senha. Era como se eu resgatasse toda a minha memória. Deslizei em direção à dupla, mas lembrei que meu único filho de 12 anos estava sozinho num chalé sem vizinhos e sem telefone. Alguém precisava resgatá-lo. Nesse mesmo instante, fui tragada de novo pelo túnel e voltei ao corpo. Daí senti uma dor horrível. Foi o único jeito de avisar a família sobre o acidente e resgatar meu filho.”

Maria Aparecida Cavalcanti, radialista e professora universitária

“Percorri os corredores do hospital. Parecia que eu estava flutuando, como se não tivesse meu corpo. Passei por várias portas e via as pessoas, mas elas pareciam distantes. Tudo era claro, muito claro! Vi uma luz muito forte que estava lá no fundo. Quando cheguei, era um lugar diferente de tudo que já tinha visto. Era o céu, de alguma forma eu sabia. Havia alguém me acompanhando,

mas eu não sabia quem era. Estava acima de outras pessoas, como em uma nuvem, quando de repente vi meu pai, já falecido. Fiquei feliz e disse para ele: 'pai, traz uma escada que eu vou descer', mas ele disse: 'não, filha, você não pode!'. E foi então que eu acordei."

Inês de Chagas Lima, agente de saúde

"A última coisa que ouvi foi o médico dizer: 'fibrilou'. Eu estava morrendo e me ressuscitaram. Como se fosse um sonho, entrei em um túnel escuro. Era uma sensação de prazer, de paz e de bem-estar que não tem explicação. Acho que só quem passou por isso sabe do que estou falando. E, de repente, comecei a ver tudo de trás para frente, como uma câmera de cinema num trilho. Via faces em preto-e-branco na parede do túnel. Não eram rostos de pessoas conhecidas. E o 'trem' da câmera de cinema voltando para trás em uma velocidade espetacular."

José Carlos de Oliveira Ramos, médico

D) Lista para um bom copista: 37 preceitos dos escribas⁴³

1. É proibido escrever em peles de animais impuros.
2. Não deve ser usado tecido para escrever.
3. Não deve ser usado couro para escrever.
4. A tinta de escrever deve ser preta.
5. A tinta de escrever deve ser feita de tanino, sulfato de cobre ou resina, mas não de outras substâncias.
6. As folhas não devem ser unidas com cola.
7. A pena de escrever deve ser de galhos do chorão ou aves puras, nunca de ferro.
8. As linhas devem ser traçadas com estilete vegetal.
9. Entre as linhas, deve-se deixar espaço de uma linha.
10. Entre as palavras, deve-se deixar espaço de uma letra.
11. Entre as letras, deve-se deixar espaço de um fio de cabelo.
12. Não menos de 3 e não mais de 8 colunas devem ser escritas numa folha.
13. Entre as colunas, deve-se deixar espaço de 2 dedos.
14. Metade do comprimento de uma coluna deve ser mais comprida do que sua largura e a largura não deve ser maior do que a metade de seu comprimento.
15. O número de linhas deve ser o mesmo em cada página, não menos de 42, e não mais de 98.
16. Cada linha deve ter 32 letras.
17. As linhas devem ter comprimento igual e nenhuma deve ser mais curta do que a outra, portanto deve-se tomar o cuidado para que nenhuma letra ultrapasse a coluna.

⁴³ Esta lista foi extraída da obra *A origem do livro*, de KATZENSTEIN (1986, p. 250-253).

18. Exceção à norma 17: se a palavra, no final da linha, tiver cinco letras, não se pode escrever duas linhas dentro da coluna e três fora dela, mas três letras devem ser escritas dentro e duas fora da coluna. As palavras não devem ficar entre duas colunas, mas devem ser escritas no início da próxima linha.
19. As palavras, no final das linhas, não devem ser separadas nem partidas mas escritas de modo que as linhas tenham comprimento igual, letras e espaços devem ser escritos mais abertos ou mais reduzidos.
20. Uma largura de 2 a 3 dedos deve ser deixada livre nas margens superior e inferior da folha, respectivamente.
21. As folhas não devem ser costuradas onde estiver escrito.
22. As manchas de tinta podem ser apagadas.
23. Antes de começar a escrever, deve-se traçar linhas com estilete vegetal.
24. É proibido escrever a Tora nas línguas árabe, aramaico e grego. Só pode ser escrita em hebraico e na escrita quadrada.
25. O texto deve ser escrito segundo a tradição, em trechos abertos e fechados.
26. Entre 2 livros da Tora, deve haver um espaço de 4 linhas e entre os livros dos 12 profetas, um de 3 linhas. Os livros devem começar e terminar no *meio de uma coluna*.
27. Os trechos abertos começam exatamente no início da linha.
28. Os trechos fechados começam no meio da linha, deixando-se um espaço de nove letras.
29. Quem escreve o rolo da Tora, deve ter cuidado e acreditar nas palavras do Eterno, de modo que escreva tudo de acordo com a tradição.
30. Antes de mergulhar a pena na tinta, deve ditar uma oração.
31. E cada vez que o Sagrado Nome é escrito deve-se dizer: “Assim escrevo O Nome, em honra do Eterno”.
32. O Nome de Deus não deve ser apagado. Quem apagar o nome de Deus transgredir a lei da Tora, porque está escrito: “(...) Apague os nomes dos ídolos”. Não trate da mesma maneira o Eterno, seu Deus.
33. O Nome de Deus não deve ser escrito por extenso mas deve ser abreviado de maneira bem determinada.

34. Um rolo de Tora escrito por um saduceu, traidor, não judeu ou escravo, louco ou menor, não deve ser usado em serviços divinos.
35. É proibido escrever de cor, mesmo que seja uma letra. Deve-se ter um espécime do qual se copie.
36. Cada palavra a ser escrita deve ser pronunciada antes de escrever.
37. Se escrever “O Nome”, concentre-se para não errar e mesmo que fores saudado por um rei, não debes responder à saudação.